

BERNARDO SANTARENO

# O JUDEU

NARRATIVA DRAMÁTICA  
EM TRÊS ACTOS

(19.<sup>a</sup> edição)



EDIÇÕES ÁTICA  
LISBOA

O desenho da capa é da autoria de  
ALMADA NEGREIROS

© by ÁTICA, S. A., Lisboa  
Direitos reservados para todos os países, de reprodução  
no todo ou em parte, nos termos da legislação em vigor

Impressão e acabamento:  
Sociedade Astória  
Junho de 1999

Depósito Legal N.º 139153/99  
ISBN N.º 972-617-000-1

António José da Silva, o «Judeu», nascera no Rio de Janeiro em 1705, de uma das famílias cristãs-novas que se tinham acolhido à relativa tolerância religiosa que as condições da colonização brasileira e o tratado de paz com os Holandeses impuseram até fins do século xvii. Com oito anos de idade, vem com o pai, que era advogado e poetava, para Lisboa, seguindo a mãe, trazida sob prisão como judaizante. Em 1726, quando já estudava Direito em Coimbra, é preso, juntamente com a mãe, que anteriormente se «reconciliara» num auto-de-fé. Sujeito a tormentos que o incapacitaram de assinar o auto durante várias semanas, «reconcilia-se» num auto-de-fé (o que volta a acontecer à mãe após três anos de prisão e tortura). Conclui a formação em 1728, casa-se, é em 1737 novamente preso (aliás sem denúncia). O processo inquisitorial foi conduzido com especial malevolência, mas a sua leitura parece mostrar que António José da Silva não era judaizante. Apesar disso, foi condenado à morte e executado no auto-de-fé de Outubro de 1739 em Lisboa. Como sucedia a todos os condenados que declaravam querer morrer na religião católica, foi garrotado antes de acesa a fogueira.

Em 1744 editavam-se dois volumes de *Teatro Cómico Português*, cuja atribuição ao Judeu foi já contestada, embora nos pareça que um acróstico prefacial como o nome de *António Joseph da Silva* e uma breve alusão no processo inquisitorial às *composições* deste último são respeitáveis garantias de uma atribuição tradicional de autoria que só modernamente alguns eruditos põem em dúvida.

in «História da Literatura Portuguesa», de António José Saraiva e Óscar Lopes.

## 1.º ACTO

PERSONAGENS:

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

PADRE PREGADOR do auto-de-fé

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU

LOURENÇA COUTINHO

INQUISIDOR-MOR

1.º INQUISIDOR

2.º INQUISIDOR

REI

DIOGO DE MENDONÇA CORTE-REAL

CARDEAL DA MOTA

PADRE SECULAR, proclamador das sentenças

ESCRAVA NEGRA

ESTUDANTE PÁLIDO

JOSÉ LAVAREDA

MARIA DO ROSÁRIO

ANTÓNIO PEREIRA DE SÁ

RAINHA

PRÍNCIPE

PRINCESA

Penitentes dos autos-de-fé; Inquisidores; Familiares do Santo Ofício; Jesuítas; Vozes de Homens e Mulheres assistentes do auto-de-fé; Homens, Mulheres e Crianças do povo; Estudantes; Raparigas de Coimbra; Servos e Servas de Lourença Coutinho; Criados e Fâmulos do Rei.

*Em toda a sua extensão visível, ao fundo e aos lados, o palco está revestido por uma cortina negra que se abre apenas ao F. C., desenhando o contorno duma ogiva de vitral. Este, fortemente iluminado, tem pintado o fundador do Santo Tribunal da Inquisição, São Domingos, tal como o vemos no estandarte do Santo Ofício: A espada numa das mãos e o ramo de oliveira na outra, tudo emoldurado pelo dístico «Misericordia et Justitia». Ainda ao F. C., por baixo do vitral, um grande Cristo Crucificado e agónico, de madeira negra. Em plano mais dianteiro, também ao centro, uma mesa pétrea de altar e sobre ela alguns candelabros em prata, com as altas velas todas acesas.*

*À direita e à esquerda da mesa, um pouco mais avançados para o público, dois tronos sumptuosos, montados sobre estrado com degraus, de maneira a ficarem à mesma altura.*

*Mais próximos dos espectadores, um de cada lado, dois grandes genuflexórios de banco corrido, dispostos obliquamente e destinando-se aos réus do auto-de-fé.*

*À frente, ocupando os dois terços centrais do diâmetro transversal do palco, uma grade baixa.*

*Ainda mais perto do público, situando-se à extrema D., ou E., cerca de três metros acima do pavimento cénico, um púlpito de igreja cujo bojo avança mesmo sobre a orquestra.*

*Durante alguns segundos, com o palco ainda em obscuridade completa, ouve-se o EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM*

TUAM, cantado poderosamente por um coro masculino. Sinos de catedral.

Luz sobre o púlpito. Silêncio. Todo o restante dispositivo cênico, tal como as personagens que nele figuram, continua em obscuridade.

PADRE PREGADOR

(Dirigindo-se aos espectadores de «O Judeu», que, nesta cena, funcionam como assistentes do auto-de-fé.) Ai, irmãos, meus muito amados nas entranhas benditas de Nosso Senhor! Ai, cristãos, herdeiros da justiça e da misericórdia divinas! Vinde e contemplai comigo a fera bruteza da herética pravidade: Pior que a lepra do corpo, que nos apodrece as carnes, nos rói os ossos, nos bebe a luz dos olhos e nos desfibra a raiz da fala... pior que a lepra do corpo, é a lepra da alma — o pecado mortal. Uma criatura humana em pecado mortal: Um túmulo nojento, engravidado pelo pus e mais sumos da podridão, pelos vermes inchados, pelos répteis venenosos! O pecado; os vossos pecados, meus irmãos! Ai, os vossos pecados mortais!... (Vindo da assistência, ouve-se um choro de mulher aflita.) Eu sei, amados meus, eu sei: Os vossos, são os pecados da humana fraqueza... Ide, correi a lavá-los nas águas sempre virgens do Santo Sacramento da Penitência. Elas vos restituirão à dignidade de membros do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. (Iracundo:) Mas o pecado de heresia não é fraqueza, antes força: Força pertinaz e convicta, a que o sémen maldito do Demônio dá a erecta contundência!... Quem? Quem haverá aqui capaz de dizer «Não!» a Nosso Senhor Jesus Cristo?! Quem ousará dizer-lhe «Não!», de coração frio e mente serena, uma vez quebrada a escama ardida com que o Diabo lhe venda os olhos? Quem?!... (Silêncio, durante o qual os seus olhos incendiados dardejам o auditório. Subitamente brando, dulcíssimo:) Jesus Cristo! O Cor-

deiro Virginal! O Santo dos Santos! Deus Incarnado! Jesus-Amor! Jesus Crucificado!... (Enérgico, com toda a indignação do amor ofendido, aponta o Cristo Negro do F. C. que, progressivamente iluminado, surgirá visível aos espectadores.) Olhai, irmãos, contemplai o mais horrendo quadro que olhos humanos já viram: Jesus pregado na Cruz; Deus Crucificado! A divina cabeça rasgada pelos espinhos do escárnio, os pulsos e os pés traspassados com ferocíssimo impulso, a chaga do lado aberta sem dó nem piedade... Lobos, negros lobos vorazes, focinhos empedernidos que os beijos do Demônio beijaram!... Matadores de Deus!! Olhai, irmãos meus, contemplai comigo o crime dos inimigos da Fé: Jesus Agonizante na Cruz! (Debruçando-se mais para a assistência:) Torturar em tormento esperto, matar o Criador da Vida! Cegar a Luz do Mundo! Odiar sem trégua Aquele que é o mesmo Amor! Desfigurar feição por feição — ai, paradoxo infernal! — Aquele que é, e sempre será até ao Juízo Final, a matriz de toda a Beleza!... Lobos raivosos, panteras sanguinárias... (Apontando para os réus, com voz de estentor:) Judeus! Raça de víboras! Raça maldita dos Judeus!! (Pouco a pouco surgem da sombra os penitentes do Santo Ofício: De pé, ao longo dos dois genuflexórios, descalços e de cabeça descoberta, envergando uma espécie de hábito negro sem mangas; alguns vestem sobre este hábito um sambenito com línguas de fogo pintadas; todos empunham na mão direita um círio aceso. Ao lado e um pouco atrás de cada réu, está um fidalgo Familiar do Santo Ofício; junto dos que se destinam à fogueira, também um Padre Jesuíta. Rumor hostil do povo exaltado.) Sobre o crime nefando dos judeus deicidas passaram mil anos, mais quinhentos, mais duzentos ainda... e eles continuam surdos aos apelos terníssimos de Nosso Senhor, planeando — hoje como outrora... — o sangradouro da Sua divina carne! Hoje como dantes, podeis vê-los diante daquela Santa Imagem (aponta o Cristo Crucificado) trincando as surdas orações do

ódio, mil serpentes de sombra traiçoeira escoando-se-lhes dos olhos vis...! Hoje como outrora, podeis vê-los diante da Divina Figura de Jesus Crucificado, ougados de vício nefando, a baba pestilenta da fornicção demoníaca escorrendo dos seus danados beiços...!

VOZ DE HOMEM DO POVO

(*Entre os espectadores.*) Ao queimadeiro! Façam a barba aos cães judeus!...

PADRE PREGADOR

(*Impondo silêncio.*) Judeus conversos? Cristãos-novos? que venham, sus! A Santa Madre Igreja abrir-lhes-á as suas portas com repique de sinos alvissareiros, beijar-lhes-á as faces, enxugar-lhes-á os pés!... (*Com ódio ateado nos olhos:*) Mas que dispam as imundas vestes hebraicas antes de entrarem! As vestes manchadas com o Sangue bendito de Nosso Senhor... Que as dispam resolutos, sem impostura, nem disfarce!! Ai, irmãos meus muito amados, desgraçadamente — sei-o eu, sabei-lo vós — tal cousa não acontece, as mais das vezes: A máscara «cristão-novo» esconde um judeu velho, um herege relapso, hipócrita, diminuto e obstinado, morada fedorenta do Demónio, profanador irremisso do Sacramento do Baptismo! E são estes heresiarcas — verdugos do Senhor, matadores de Jesus! — que possuem a grossura desta terra, onde habitam com mais folgança que muitos de vós, seus naturais: Os judeus — eles são praga, neste infeliz reino! — não lavram, nem plantam, nem constroem, nem guerreiam... Qual quê?! Vivem do trabalho suado dos outros, sem esforço dos membros próprios, ociosos e cozidos de todas as manhas!... Como os ratos correm ao queijo, eles vão de desgraça em desgraça, de miséria em miséria: Enganam, corrompem, roubam... E desta sorte, ainda por cima, acham mando, honra, favor e dinheiro! Nunca houve, não há, nem jamais haverá, nação mais inclinada à usura que a nação judaica: Já o disse São Jerónimo, já o gritava Santo Agostinho!

Porque vos admirais, cristãos, porque vos admirais do mar de fome e moléstias, de crime e concupiscência que afoga este reino?! Esta terra foi lavrada para a semente demoníaca dos hereges, a gangrena alastra das chagas horrendas que nela ferem protestantes e feiticeiros, iluminados e mais desquitados, místicos e materialistas a verroístas, judeus... ai, judeus, judeus! (*Teatral, retórico:*) Acudi-nos, Senhor, salvai-nos e salvai Portugal! (*Com fúria santa:*) Judeus, heresiarcas hediondos, açoutes de Deus!! (*Clamor do povo.*) Ano após ano, as colheitas dos vossos campos cada vez mais se vos negam de secas e mingoadas: Porquê? Porquê, se o sol, mais os ventos e as chuvas lhes correm de feição?! Castigo, amados irmãos nas entranhas benditas de Nosso Senhor Jesus Cristo, castigo de Deus! Justiça divina tombada sobre este reino em cujos intestinos medra a heresia nefanda, crescem e recrescem os inimigos da Fé! Castigo de Deus!! (*Rumor agressivo do povo.*) O Senhor é justiça; e é misericórdia: Foi em hora de infinita misericórdia que Ele, em sonhos, segredou ao coração e ao pensamento duma santa, humilde e meiga mulher, os alicerces da obra salvadora que, sem quebra de alento, a todo o instante devemos louvar e bendizer: Falo, bem o sabeis, do Santo Tribunal da Inquisição e da piedosa mãe do seu glorioso fundador, São Domingos. Pomba mística, estrangeira no mundo, que ela atravessou sempre curtida pelas soidades do Céu, Nosso Senhor escolheu esta mansa mulher para mensageira da sua misericórdia; esta santa mulher, o seu dulcíssimo coração levedado em ternura, a sua clara mente bem fundo lavrada pela Graça Divina: Foi desta pequenina e delicada flor que nasceu a grande, bela, jucunda, invencível e purificadora fogueira do Santo Ofício! Mistérios do insondável amor de Deus... (*Desde o começo das referências à Inquisição, a luz irá focando, primeiro os dois Inquisidores, logo depois o Inquisidor-Mor.*) Ó sonho misericordioso, do Santo Espírito inspirado! Ó poder incomensurá-

vel da caridade de Deus! Se é pelos frutos que a árvore se conhece, contemplai comigo as benesses deste Santíssimo Tribunal: Quantos autos-de-fé, como este solenes, como este esplendorosos — ai, cristãos, olhai que todo o ouro, todo o incenso, a mirra toda da Terra, pouca cousa são, quando postos em oferenda no altar em que se glorifica a Justiça de Deus! — quantos autos-de-fé, dizia eu, se têm alevantado pelo mundo além, desde que São Domingos, ardendo em zelos divinos, ateou a chama da primeira fogueira? Fogueira por Deus assoprada; penitência de amor. Que faria um de vós, irmãos muito queridos, que faria aquele de vós a quem a gangrena apodrecesse um dos tenros membros no corpo estremecido dum filho? Logo acharia valor e coragem para, dum golpe só, lho cortar; não o credes? Com todas as fezes da dor no coração; bebendo até à gota derradeira o fel e o vinagre... Mas a ânsia de salvar a vida da cria, sobre tudo isto cavalgará! Desta sorte, procede o Santo Ofício com aqueles infelizes (*aponta os réus*) quando, esgotados todo o mel da doce persuasão, todo o amargo travo do santo temor, os condena ao queimadeiro, relaxando-os em carne ao braço secular. Quantos corações, empedernidos por férreo orgulho satânico, amolecem e se fundem em Deus, apenas nesta derradeira hora, quando as chamas já lhes beijam as carnes fornicadoras? Quantos?!... (*Para os réus, pondo as mãos, no estilo e com a mímica «mater dolorosa»:*) Porque porfiiais em guerrear Deus Nosso Senhor, que tudo pode, tudo tem e tudo vos dará?! Olhai que o tormento e morte na fogueira pequeno, mesquinho e vil preço é, para o que com ele podereis comprar: A Vida Eterna! Porque porfiiais? Porque regateais com Deus?! Quebrai as grades do vosso coração, deixai entrar o Senhor: E os lenhos ardentes vos parecerão pétalas de rosa, o fogo alteroso doce brisa de Primavera! Olhai que... (*Do grupo dos réus, destaca-se José Lavareda, num movimento irreprimível, tenso de energia. Veste o hábito dos que vão ser relaxados ao braço secular para serem queimados: O seu sambenito, além de chamas com a ponta virada para cima, apresenta ainda pintado um tosco retrato da sua cabeça, sobre uma amálgama de répteis e cães de fauces escancaradas.*)

JOSÉ LAVAREDA

(*Vibrante, para a assistência, gritando a sua profissão de fé.*) O cristianismo é falso! E falso o seu messias, Jesus Cristo!!... (*Alguns familiares do Santo Ofício precipitam-se para José Lavareda, tentando tapar-lhe a boca. Para o Padre Pregador:*) Falsas... falsas as tuas palavras!... (*Para o público, debatendo-se ainda:*) Chegou o tempo... Preparai-vos!... O verdadeiro Messias vem aí!!... (*Os Familiares conseguem dominá-lo, amordaçando-o e reconduzindo-o ao lugar que ocupava entre os penitentes. Rumor alteado do povo. A iluminação do grupo dos Inquisidores atingiu agora o seu máximo: o 1.º e o 2.º Inquisidores, este principalmente, exteriorizam surpresa e indignação; o Geral mantém-se imóvel, inalterável a rigidez do seu rosto, apenas redobrado o brilho profundo e gelado dos olhos negros.*)

PADRE PREGADOR

(*Reagiu à revolta de José Lavareda colericamente, dardejando-o com olhares apocalípticos. Retoma o sermão, com uma calma rumorosa de ódios.*) É verdade incontroversa ser a misericórdia de Deus desmesurada, para a pobre medida do humano coração. Mas não é menos verdade, tanto como a primeira incontroversa, ser o ódio de Deus também desmesurado, absoluto: Não o esqueçais nunca, meus irmãos! (*Fúria desencadeada:*) Porque todos aqueles imundos — hereges, relapsos, apóstatas, dogmatistas, contumazes, negativos... — que, até ao momento último, negarem o Santo Nome de Jesus, obstinados e robustecidos com as negras forças de Satanás, esses, meus irmãos, esses, malditos dos homens e de Deus, descerão do fogo da Santa Inquisição para o fogo eterno do Inferno! Per omnia saecula saeculorum! Choro e ranger de dentes para os heresiarcas, sofrimento infindo para os amantes do Diabo!!! (*Clamor assanhado do povo. O Pregador silencia-o pelo ges-*

to; de súbito untuoso, melífluo:) Deus é misericórdia; misericórdia infinita. E assim como permite o mal, nos dá a mezinha: O Santo Ofício, o Santo Tribunal da Inquisição! Cárcere, potro, polé, excomunhão, confisco de bens materiais... a fogueira!, eis os remédios benditos da sua panaceia salvadora: Ai, irmãos, quantas almas terão sido limpas da lepra herética com esta santa botica? Quantas terão sido salvas para a Eternidade?!... Como a madre amantíssima embala em seus braços o filhinho doente, com ele sofrendo o destempero das febres ruins, com ele saboreando o azedo das ervas curandeiras, assim a Santa Inquisição embala os míseros hereges; assim, com desvelado zelo na esperança curtido, lhes trata da saúde da alma! E mesmo quando a montanha encrespada do satânico orgulho resiste à provada eficácia dos seus revulsivos medicamentos, quando o Santo Ofício tem de rebaixar ao braço secular — com quanta dor, irmãos! — estas denegridas almas, ainda nestes aflitos extremos, o Santo Tribunal da Inquisição, de joelhos e com as mãos postas, não resiste em implorar para os hereges impenitentes a clemência dos reais juízes: Repetidamente lhes pede «com muita eficácia e instância se hajam com eles benigna e piedosamente e não procedam a pena de morte nem efusão de sangue»... Grito de maternal e subido amor, este instante rogo da Santa Madre Inquisição: Como uma mãe à qual a mente clara e temerosa diz estar o filho estremecido das suas vísceras condenado e mortiço, mas à qual o coração porfia em esse juízo negar, assim o Santo Ofício relaxa ao braço secular o herege relapso, convicto e diminuto, sabendo de ciência certa ser a fogueira o fim das suas passadas, mas — ai, a dor dum coração de mãe! —, mas sem ânimo nem afoiteza para tão triste destino aceitar! *(Para os réus, em rasgo de oratória teatral:)* Olhai, hereges e desquitados, pesai bem os vossos ferros corações, quanto por amor das vossas almas perversas, guerreira e padece a Santa Inquisição!

Honra, graças e louvor aos Santos Inquisidores e seus nobres Familiares! *(Reverência)* Honra, graças e redobrado

louvor ao Reverendíssimo Padre Inquisidor-Mor! *(Vénia mais profunda e demorada, dirigida ao Gerál da Inquisição. Este limita-se a agradecer com um leve e frio baixar da cabeça, inalterável sempre a expressão facial. O Padre Pregador pigarreja e continua o sermão, dirigindo-se mais uma vez aos réus:)* Ovelhas tresmalhadas do cristianíssimo gado português! Vós, desgraçados! Vós, rebeldes pertinazes! Vós, a quem o Santo Ofício relaxou ao braço secular, despi-vos de vãs esperanças enganosas: O fogo vos consumirá carne e osso; de vós sobejará tão-só um punhado de cinzas; cinzas que o vento e o mar esguedelharão até serem nada... nada! **Como poderia a justiça d'El-Rei ir mais longe que o Santo Tribunal, em prática de misericórdia? Como poderia o braço do século sentenciar doutr'arte que não a do Santo Ofício, se o supremo Juiz de ambos o mesmo é — Nosso Senhor Jesus Cristo?!** Ai, irmãos, nesta concordância e similitude se gera e nasce o maior título de glória da Nação! Tem este Reino dois pastores, unidos ambos num mesmo zelo apostólico, ambos ardendo na chama indivisa do mesmo Santo Espírito: A Madre Igreja, e no seio d'Ela o Tribunal da Inquisição; e o Rei, por direito divino encarnado na Magnânima, Cristianíssima e Fidelíssima Pessoa de Sua Majestade... *(Vénia profunda. O Rei surge agora iluminado, tal como o Cardeal da Mota e Diogo de Mendonça que lhe servem de comitiva. Ao pretender corresponder ao cumprimento do Padre Pregador, D. João V, nesta idade já bastante obeso, sofre um ataque de tosse brônquica, de maneira que do seu rendado peitilho se desprende, e cai no chão, o rico broche que o ornamentava. Logo pressurosos acorrem dois Familiares que, de cócoras, procuram a jóia, recolocando-a mesureiros nos bofes de Sua Majestade: Este deixa-os fazer, displicente, taful, mimado. Enquanto dura esta cena, o Padre Pregador suspende o sermão: Os olhos presos no Rei, aguarda, compondo no rosto uma máscara de cuidado, expectante e aflito. Resolvido o acidente, os Familiares voltam aos seus lugares. Logo, aliviada, se alegra*

a expressão do Pregador. Continua o sermão:) É por direito divino — permiti, irmãos muito amados, que vo-lo rediga! — que Sua Majestade está à testa da governança deste Reino. Por direito divino, cristãos, por direito directamente emanado da vontade onnipotente de Deus Nosso Senhor...! (Nesta altura, o Rei tem um novo ataque de tosse. O Pregador interrompe-se mais uma vez. O Cardeal da Mota apressa-se em acudir ao Rei, batendo-lhe nas costas: Mais vermelhusca e pletórica ainda, Sua Majestade esvai-se em cuspo e ranho. A medo, o Padre Pregador recomeça:) Tal como Jesus Cristo, o Divino Pastor, deu a sua Igreja às cinco partidas do mundo... (terceiro ataque de tosse do Rei. Nova suspensão do Pregador)... às cinco partidas do mundo, para que Ela seja, pelos séculos afora, a Sua Voz e o Seu Gesto, assim também... (Sua Majestade espirra estrepitosamente. O Pregador cala-se, a custo disfarçando a impaciência. De cabeça baixa, aguarda. Quando lhe parece ter amainado a tempestade das reais assoadelas, retoma dignamente a postura erecta. E continua, receoso:) assim também... (perdeu o fio à meada; pigarreia confuso; decide-se e ataca «forte»:) Olhai, irmãos meus, nas entranhas benditas de Nosso Senhor, contemplai com ungido gozo, cantai em hossanas de alegria a glória deste espectáculo mais que outro precioso: A Santa Inquisição e a Real Governança da Nação uma à outra unidas, como a Esposa ao Esposo amado! (O Rei, risonho e enfatuado, olha ternamente para o Inquisidor-Geral. Este, imóvel e sempre impassível, não se dá conta.) Tal como à esposa e ao esposo, no manso segredo do tálamo conjugal, a espertina dos muitos cuidados rouba o repouso do sono, ora a um, ora a outro arrancando quentes palavras do vigilante amor do qual são princípio e fim os filhos que ambos geraram, assim também a sorte temporal e a salvação eterna das lusíadas ovelhas roubam lazeres e folganças a Sua Majestade o Rei e a Sua Reverência o Inquisidor-Geral, Um e Outro porfiando na fazedura do

comum bordado, do qual as linhas com que o cosem são o apostólico zelo, o santo temor, o doce recado, o clarividente aviso... Ai, cristãos, quão formoso isto é, quão levedado em promessas, quão santo e magnífico!

Dois Pastores para o lusíada rebanho; dois Pastores, mas um só e sempre o mesmo cajado. Bênção do Céu, graça divina!

(Untuoso, maternal, efeminado:) Esta ovelhinha, nua do natural agasalho, por demais tosquiada, perde o tino, foge do rebanho e ousa aventurar-se no negro bosque onde tudo são lobos e perigos? Logo os dois Pastores, cada qual pela sua banda, porfiadamente a procuram e, achando-a, com os santos unguentos que conheceis lhe tratam da saúde, com doces e próprias palavras do Evangelho a admoestam e cuidam de trazer ao rebanho: Olhai, ovelhinha perdida — diz um, diz o outro Pastor, dizem talvez ambos num mesmo fôlego de amor —, olhai que mais fácil é a um camelo passar pelo fundo duma agulha que a um rico entrar no Céu! Porque então te queixas da tua pobreza? Porque invejas a abastança dos ricos?! Ai, como és ingrata, douda ovelhinha! que mal agradece a Deus o dom infável da santa pobreza!... Sucede agora que aquela outra, de tão gorda, de tão carregadinha de lã, se deixa ficar para trás, logo se perdendo da grossura do outrora manso gado português? Prestes, acodem os dois incansáveis Pastores, e dum mesmo amoroso esforço a salvam, tosquam brandamente, e de joelhos confortam!... Sim, irmãos, não deveis esquecer que, mais que benesse, a riqueza é provação: Os ricos são como ovelhinhas pesadas, para as quais todo o caminho é lonjura e toda a sombra um perigo. A vós, ricos que me escutais, daqui vos exorto a que tudo, tudo façais — exercícios de perfeição, preces fervorosas, cilícios de penitência... — a fim de assim poderdes suportar o peso de tanta lã, o peso da vossa cruz... tão grande! Ai, quanto me doem o perigo e as ciladas que, coitados de vós, sem culpa própria correis: Inveja, roubo, fornicção, morte... com todos estes

males o mundo vos ameaça! Com quanto amor, com quanto cuidado vos sigo na subida do vosso calvário!... (*Silêncio em que contempla a assistência amorosamente, com transbordante piedade.*) Portugueses, cristãos muito amados nas entranhas benditas de Nosso Senhor, é verdade que o nefando pecado heresiarca empesta este Reino? Que a muitos já tocou e a muitos mais intenta pegar-se? É verdade. É desgraçadamente verdade. Contra a heresia maldita, deveis pois alertar-vos, a toda a hora e momento; por causa dela, tudo e todos temer; para a sacudirdes de vós, de tudo e de todos desconfiar. E, todos, cegamente cuidareis de buscar amparo e fortaleza, ao abrigo do estandarte invencível do Santo Tribunal da Inquisição, ao qual vos obrigareis a denunciar, como mandamento primeiro e sob pena de excomunhão maior, todo o suspeito herético, ainda que ele seja pessoa da vossa estima, protecção ou carnal parentesco — pai, mãe, irmão ou filho! Sim, amados meus, a herética perversão é uma verdade neste Reino de Portugal. Mas verdade é também, visível e provada, ter o Senhor de Misericórdia pousado os Seus Divinos Olhos sobre esta Nação: Sobejas razões naturais e abundantes graças sobrenaturais no-lo auguram e mostram já de forma encorpada. Por isto vos incito, a vós, portugueses — nobreza, clero e arraia-miúda; ricos e pobres; virtuosos e pecadores... até a vós, hereges desquitados! —, por isto vos rogo e forço a que, confiando, tenhais esperança. Sim, cristãos, confiai os vossos humanos negócios à magnanimidade de Sua Majestade; esperai a vossa eterna salvação da misericórdia e da justiça do Santo Ofício! E, desta sorte, achareis porto seguro. Guiados pelos dois providenciais Pastores a quem Nosso Senhor confiou o grosso rebanho do gado lusíada, um Real Administrador dos terrenos corpos, o outro Inquisitorial Guardião das imortais consciências, um e outro unidos em estreito abraço redentor, um e outro ajoelhados aos pés de Jesus Cristo (*luz vermelha sobre o Cristo Crucificado do F. C.*), um e outro brandindo a espada da Justiça numa

das mãos, e na outra o tenro ramo de oliveira... assim, sabiamente conduzidos, assim com muita caridade tosquiados, assim com eficácia providíssima medicados contra as doenças da contradição, assim, em curto tempo, cantaremos o glorioso «Magnificat» que há-de celebrar a vinda ao mundo do Reino de Deus, o Reino de Deus em Portugal!!! (*Toque estridente de clarins.*)

Glória a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo!

Povo

Glória à Santa Madre Igreja, Católica, Apostólica e Romana!

PADRE PREGADOR

Glória ao Santo Tribunal da Inquisição!

Povo

Glória a Sua Reverência, o Inquisidor-Geral!

(*O Inquisidor-Mor está de pé: Muito direito, rígido, quase incorpóreo; impressionante.*)

PADRE PREGADOR

Glória ao Reino de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além Mar!

Povo

Glória a Sua Majestade o Rei!

(*O Rei levanta-se: Senhoril, altaneiro, passeando os olhos pela multidão.*)

*Recomeçam os sinos das catedrais de Lisboa. Escutado de pé pelo Rei, pelo Inquisidor-Mor e por todos os presentes, volta a ouvir-se o canto EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM, cantado pelo mesmo coro masculino. O canto*

acabado, o Rei e o Inquisidor-Geral tornam a sentar-se. O Padre Pregador desce do púlpito, após ter reverenciado o altar, o Rei e o Inquisidor; dirige-se para o fundo-lateral, onde fica de pé. Silêncio expectante, sussurrado: Os réus do Santo Ofício mostram-se mais inquietos, transparece mais vivo o terror que os possui. Do fundo de cena destacam-se três Inquisidores e um Padre Secular: Este último sobe ao púlpito, para proclamar as sentenças; o primeiro dos Inquisidores vai colocar-se de pé, de face para o pública, sobre os degraus do altar: mostra, aberto de par em par, um grande livro dos Evangelhos, com encadernação e fechos de ouro; os dois Inquisidores restantes dispõem-se um de cada lado do porta-Evangelho, em plano um pouco superior ao deste, também sobre a escada do altar: tanto um como o outro seguram na mão erguida um candelabro argênteo, com as velas acesas.)

#### PADRE SECULAR

(Do púlpito.) António Pereira de Sá, senhor de Atouguia, com quarenta e cinco anos de idade (o acusado sai da fila dos réus e vai ajoelhar-se no centro da cena, assim escutando a sentença; acompanha-o o respectivo Familiar do Santo Ofício que se mantém de pé, um passo atrás), reconciliado que foi por culpas de luteranismo ao auto público de fé que se celebrou no Rocio desta mesma cidade de Lisboa, em 19 de Abril de 1716. Autor de escritos onde afirma proposições reprovadas pela Santa Madre Igreja, em que ousa contestar as indulgências e a autoridade de Sua Santidade o Papa. Acordam os Inquisidores e deputados da Santa Inquisição nas penas de cárcere a arbítrio e confisco de todos os bens, aplicados de direito. (O penitente ergue-se, vai ajoelhar-se aos pés do Inquisidor porta-Evangelho, recita com este a fórmula da abjuração e beija o livro sagrado. Sempre acompanhado pelo Familiar, volta a ocupar o seu lugar entre os réus.)

#### PADRE SECULAR

José Lavareda, cristão-novo, com trinta anos de idade, ourives... (O réu, sempre amordaçado, não se move; o Familiar e o Padre Jesuíta dele encarregados, um de cada banda, tomam-no pelo braço e, discretamente, forçam-no a ir ao centro; isto feito, retrocedem o passo que o ritual exige; Lavareda não se ajoelha, antes toma uma postura arrogante de desafio e rebeldia, fuzilando com os olhos o Padre Proclamador; pausa, suspensão do cerimonial, num silêncio mordido de ódios; avança então o Jesuíta que, mansamente, fala ao ouvido do acusado; este empertiga-se mais e a sua face adquire uma expressão de troça raivosa; o Jesuíta, hesitante, receoso, acaba por recuar até à anterior posição.) ourives, reconciliado que foi por culpas de judaísmo, no auto público de fé que se celebrou na igreja do Convento de São Domingos, desta cidade de Lisboa, em 10 de Outubro de 1720. (Pausa. Marcando as sílabas, ardente, terrível:) Preso segunda vez, por relapsia das mesmas culpas. Acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição que, vistos os autos próprios, seja condenado como a herege, apóstata, dogmatista, contumaz e negativo, incorrendo nas penas de excomunhão maior, de confisco de todos os seus bens aplicados a quem de direito e nas mais penas em direito contra os semelhantes estabelecidas. (Pausa que saboreia com volúpia sádica, os olhos presos nos de Lavareda. Violento, com voz poderosa:)

Excluído da jurisdição eclesiástica.

Relaxado em carne à justiça secular.

(Logo brando, com voz e expressão falsamente condoídas:) Acordam ainda os Inquisidores, ordinários e deputados, em pedir ao braço secular, com muita eficacia e insistência, se haja com o condenado benigna e piedosamente, não proceda a pena de morte, nem efusão de sangue. (Lavareda volta-se de face para a assistência, num brusco e enérgico movimento: A cabeça orgu-

lhosamente levantada, os olhos incendiados, na boca sempre a mordada... Todo ele vale um altivo e forte cartaz de protesto. O Jesuíta e o Familiar aproximam-se tentando, de acordo com o ritual, acompanhá-lo até junto do porta-Evangelho, para que faça a abjuração: Lavareda afasta-os, brusco, rígido. Destacam-se mais dois Familiares do Santo Ofício que, juntamente com o próprio do réu, o levam em peso até ao altar, forçando-o a ajoelhar-se diante do Padre porta-Evangelho: José Lavareda, a cabeça obstinadamente voltada para baixo e para o lado, cerra com força os dentes, recusando-se a recitar a fórmula da abjuração. Os Familiares, com mal contida raiva, acabam por o levantar. Lavareda sacode as mãos que o prendem e dirige-se sozinho para o seu lugar entre os réus, com firme passada, decidido e altaneiro. Logo seguido pelos Familiares e pelo Jesuíta.)

VOZ DE MULHER

(Vinda da assistência; rebentando apaixonada, irreprimível.) Eh, judeu maldito! Eh, Satanás! Hoje há festa no Inferno!!

VOZ DE HOMEM

(Na assistência.) Eh, judeu piolhoso! Anda, presume agora, que logo na fogueira há-de bailar!

OUTRA VOZ DE HOMEM

(Gargalhada cruel.) O vento hoje corre de feição!... (Risos da assistência.)

VOZ DE HOMEM

Ai, vento, ventinho do meu coração! Corre, corre depressa, põe-me de rastos a fogueira que àquele cão há-de queimar, acrescenta de três cada hora que ele no queimadeiro padecer! (Risos.)

OUTRA VOZ DE HOMEM

Que uma noite inteira não seja bastante para, bocado a bocado, a tua carne assar, porco sujo! (Gargalhadas do povo assistente.)

PADRE SECULAR

(Compõe, para a assistência, uma máscara pouco convincente de desaprovação e pede silêncio com o gesto. Continua a proclamar as sentenças.) Maria do Rosário, religiosa professa no Convento de Santa Maria Madalena, desta cidade de Lisboa, com trinta e cinco anos de idade (A acusada sai da fileira dos réus e executa os actos do ritual: vacilante, transida, os olhos espavoridos.) Confidente e afirmativa, provado ficou nos autos próprios ter ela havido com o Diabo um pacto nefando, com coitos danados muitas vezes repetidos, e do mesmo Demónio ter parido sete filhos — cachorros, gatos e monstros...

VOZ DE MULHER

(Na assistência.) Queimem-na! Queimem-na!!... (Vozearia ameaçadora do povo.)

PADRE SECULAR

(Impondo silêncio.) Mais se provou, nos autos próprios, ter ela sarado muitos doentes à distância, o que não podia ser sem auxílio do mesmo Demónio, pois todo o remédio para causar efeito se deve aplicar por contacto ao dito enfermo...

OUTRA VOZ DE MULHER

(Na assistência.) Só ver-te é uma perdição! Ao queimadeiro!!... (Clamor dos assistentes.)

PADRE SECULAR

Acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição, no carácter afirmativo e bastante das confissões em os autos lavradas, e com muita misericórdia a condenam às penas que ora proclamarei: Açoutes públicos, executados no Largo do Convento, à porta da Igreja, em cada uma das três domingos que a este auto-de-fé se seguirem. (*Riso grosso de mulher, na assistência; rumor geral.*) Hábito penitencial por toda a vida, o qual sempre vestirá com muita humildade, mesmo quando for mandada esmolar pelas ruas desta cidade de Lisboa, o que miúdas vezes terá de acontecer...

VOZ DE HOMEM

(*Risada feroz.*) Três pauladas e uma dentada, como esmola te darei! (*Risos.*)

PADRE SECULAR

Cárcere perpétuo, no próprio convento que os seus pecados desonraram, ficando as mais religiosas da comunidade obrigadas a, sem hesitação, usarem o seu corpo como degrau, todas as vezes que no refeitório entrarem para comer.

VOZ DE MULHER

(*Bravia, sobrepondo-se ao alarido geral.*) Esfreguem-na com azeite a ferver! Limpem-na dos beijos do Demónio!!!...

(*O Padre Secular, com o gesto, impõe silêncio. Maria do Rosário, cada vez mais aterrorizada, está agora a balbuciar a abjuração. Ergue-se penosamente e dirige-se para o seu lugar entre os réus; a meio caminho, fraqueja e cai de joelhos; risadas do público; o Familiar que nestes passos a tem acompanhado logo a levanta, ajudando-a a chegar ao genuflexório dos penitentes.*)

PADRE SECULAR

(*Continuando a proclamar as sentenças.*) Lourença Coutinho, cristã-nova, com cinquenta anos de idade, viúva de João Mendes da Silva que foi advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro e moradora nesta de Lisboa ocidental. (*Lourença destaca-se de entre os acusados e vai executando todos os actos da cerimónia com passo lento e medido, serenamente, com natural dignidade dolorosa. De grande fragilidade corpórea, muito pálida, envelheciãa para a idade, nunca levanta os olhos do pavimento, a cabeça sempre um pouco inclinada num jeito resignado, patético. Brigando com esta aparente fraqueza, sente-se todavia nela algo de obstinado e interior, na precisão dos gestos delicados, na grácil simplicidade, no como que alheamento do meio terrorífico que a cerca.*) Reconciliada que foi por culpas de judaísmo, no auto público de fé que se celebrou no Rocio desta cidade, em 9 de Julho de 1713. Presa segunda vez por relapsia das mesmas culpas. Acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição que, vistos os autos próprios, seja condenada às penas de cárcere a arbítrio e uso do hábito penitencial. (*Rumor hostil do povo. Feita a abjuração, Lourença reocupa o seu lugar entre os réus penitentes; o mesmo faz o fidalgo, Familiar do Santo Ofício, que nestes passos a seguiu.*)

PADRE SECULAR

António José da Silva, cristão-novo, com vinte e um anos de idade, filho de Lourença Coutinho e de João Mendes da Silva, estudante de Direito na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Rio de Janeiro e morador nesta de Lisboa ocidental. (*Acompanhado pelo respectivo Familiar, António José da Silva, extremamente abatido, arrasta-se até ao centro; aí, de joelhos, escuta a sua sentença: movimento constante da cabeça, os olhos inchados de terror, os lábios entreabertos e trémulos.*) Preso pela primeira vez, por culpas de judaísmo.

#### VOZ DE HOMEM

(*Vindo da assistência, em chacota raivosa.*) Eh, cachorro! que cousas estudas tu? Lês nos livros do Diabo?! Judeu! Judeu ralhoso!! (*Alarido do povo. António José da Silva reage em pavor às invectivas, incapaz de se controlar.*)

#### PADRE SECULAR

Vistos os autos próprios, acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição, nas penas de cárcere a arbítrio e uso de hábito penitencial pelo espaço de seis meses, contados a partir deste auto público de fé. (*António José da Silva ergue-se com dificuldade, olha espavorido em redor, dá uns passos vacilantes para o público e fica-se a olhá-lo dolorosamente... Súbita e total obscuridade no palco, logo desfeita pela luz dum projector que, circunscritamente, ilumina o grupo formado pelo Judeu e por Lourença que veio colocar-se junto e um pouco atrás do filho. Ocupam uma zona de centro-fundo de cena e mimam a «marcha contra o vento» pelas ruas de Lisboa: Reconciliados no auto-de-fé a que assistimos, postos em liberdade condicionada logo depois, Lourença e António José regressam a casa. O vento rijo e oposto contraria esta marcha—**pantomima** executada sempre no mesmo lugar do palco—fazendo ondear o pano das vestes penitenciais, num efeito tragicamente grotesco. Entretanto, aproveitando a obscuridade, deu-se uma mutação rápida do dispositivo cénico: os tronos do Inquisidor-Geral e do Rei, montados que foram sobre «charriots», recuam e desaparecem atrás da cortina negra; com eles, as respectivas figuras humanas. **Transportando os restantes elementos cénicos** (altar, genuflexórios, grade, etc.) saem todas as outras per-*

sonagens e figurantes. O púlpito recua até ao nível da parede lateral. Ao fundo, a cortina aberta no centro, para deixar ver o vitral e o Cristo de madeira, cerra-se sobre estes elementos, ocultando-os, e unindo na linha mediana os bordos centrais das duas metades. O palco ficará portanto inteiramente revestido, ao fundo e aos lados, por pano negro.)

#### VOZ DO PADRE SECULAR

(*Em «off».*) A 8 de Agosto de 1726, Lourença Coutinho é presa nos cárceres do Santo Ofício, pela segunda vez. (*Lourença pára. Terror, expectativa ansiosa. António José afasta-se logo da mãe, como quem foge dum perigo: Imóvel, encolhido, na postura de alguém que se esconde. A medo, ousa olhar para Lourença... Rápido, logo desvia os olhos, relanceando-os aflitivamente à volta, em todas as direcções: Trémulo, transido.*)

#### 1.ª MULHER VELHA

(*Que, tal como as outras personagens que neste quadro vão surgindo, é do povo, miserável. Persignando-se.*) Credo, Santo Nome de Maria! Sus, daqui pra fora! Cães do Diabo!... (*António José e Lourença retomam a marcha: Ele à frente, com medo, envergonhado; ela logo atrás, quase serena, resignada, mártir.*)

#### 1.ª MULHER NOVA

(*Aparecendo do lado oposto ao da 1.ª Mulher Velha.*) Porcos judeus!! Furem os olhos à cabra! Cortem a língua ao chibo!...

(*Correndo, entram Três Crianças sujas e esfarrapadas que, com ferocíssima alegria, saltam à volta dos dois penitentes, puxando-lhes as vestes, fazendo-lhes caretas, etc. António José e Lourença não interrompem a marcha.*)

VOZ DO PADRE SECULAR

*(Todas as vezes que, durante o corrente quadro, se ouvir esta Voz, os populares presentes em cena deixam de falar, mimando em silêncio as suas invectivas de escárnio e ódio.)* A 9 de Agosto de 1726, António José da Silva é preso pela primeira vez, em Coimbra, à ordem do Familiar da Santa Inquisição conde de Vilar Maior, e logo encerrado nos cárceres do Santo Ofício. *(António José e Lourença param. Ele esboça uma reacção de defesa, logo abortada; frágil e amedrontado, quase infantil. Lourença, trespassada de dor, olha para o filho, impotente. A 1.ª Mulher Velha, a 1.ª Mulher Nova e as Três Crianças que, ao ouvirem a Voz do Padre Secular, se tinham afastado para o fundo e para os lados cheias de susto, avançam agora uns passos: Com o braço estendido, os olhos cruéis de ódio, apontam para os penitentes.)* Neste próprio dia, foi-lhe nomeado para curador o beneficiado Filipe Nery. Começam os interrogatórios pelo Inquisidor João Alves Soares. *(António José e Lourença retomam a marcha, mais depressa agora, como que fugindo. Entram o 1.º e o 2.º Homem, a 2.ª Mulher Velha, a 2.ª Mulher Nova e mais duas Crianças. Estes populares juntam-se aos que já estavam em cena e, todos, interceptam a marcha dos penitentes, chacoteiam, invectivam.)*

1.º HOMEM

*(Chegando um archote aceso à face de António José.)* Vou fazer a barba ao cão! *(António José, num movimento convulsivo de terror, esconde a cabeça entre os braços. Continua a marcha, mais apressado.)*

2.ª MULHER VELHA

*(Também com um archote.)* Jasú! Quem viu focinho mais feio?!...

2.ª MULHER NOVA

Tem o dente arreganhado, o maldito!

1.ª MULHER NOVA

Rica justiça se faz neste reino: Vêm reconciliados, os filhos do Demónio!

2.º HOMEM

*(Violento, brandindo uma acha.)* Enganaram os inquisidores, estes piolhosos! *(António José escapa-se à acha.)*

1.ª MULHER VELHA

Pudera! Trazem todas as artimanhas do Diabo escondidas no pêlo!...

2.ª MULHER NOVA

*(Passando a correr entre António José e Lourença; gargalhadas.)* Quero puxar-lhe o rabo! *(As Crianças imitam-na, ferozes. Os populares dão-se as mãos numa roda vertiginosa, goyesca, à volta dos dois penitentes; a luz dos archotes, a dança das sombras e o som rouco dos risos emprestam a este jogo cruel algo de abismal, de alucinação terrificante. António José consegue desfazer o laço e vem, correndo, à frente, logo seguido por Lourença. O projector acompanha o movimento do Judeu e da mãe. Os outros ficam na zona de sombra, iluminados apenas pelos archotes. Quando António José começa a fala seguinte, todos se imobilizam, fixando as posições corporais e as expressões de rosto respectivas: maternidade aflita em Lourença; ódio sanguíário nos outros.)*

ANTÓNIO JOSÉ

*(Recita para o público o lamento revoltado do seu «Anfitrião», recolhido desta ópera com leves modificações.)*

«Sorte tirana, estrela rigosa,  
Que maligna influis com luz opaca!  
Rigor tão fero contra um inocente!  
Que delito fiz eu, para que sinta  
O peso duma aspérrima cadeia  
Nos horrores dum cárcere penoso,  
Em cuja triste, lôbrega morada  
Habita a confusão e o susto mora?  
Mas se acaso, tirana, estrela ímpia,  
É culpa o não ter culpa, eu culpa tenho:  
Mas se a culpa que tenho não é culpa,  
Para que me usurpais com impiedade  
O crédito, o amor, e a liberdade?»

*(Lourença, com imensa ternura ferida, os olhos cheios de lágrimas, aproxima-se mais de António José, abraçando-o por detrás, de modo que as cabeças de ambos fiquem juntas e visíveis. O Judeu, por momentos, abandona-se ao abraço. Ao ouvir a Voz do Padre Secular, reage com terror, afasta Lourença e recomeça a marcha-fuga logo seguido pela mãe; o público há-de sentir a crescente fadiga, a quase exaustão de Lourença.)*

VOZ DO PADRE SECULAR

*(Projectada, implacável.)* Do libelo passado a 22 de Agosto, constam as acusações de apóstata; herege; ficto; falso; confitente; diminuto; impenitente. *(Ao ouvirem cada um destes atributos de culpa, os populares, silenciosamente, reagem com movimentos de grande violência — saltos; cambalhotas circenses, imitação caricatural de demónios, hereges agónicos na fogueira, carrascos do queimadeiro, etc. — num ritmo feroz de alegria ritual e selvagem. Vão entrando mais Homens e Mulheres do povo.)*

2.ª MULHER VELHA

*(Puxando, raivosa, a saia de Lourença.)* Maldito seja o ventre que tal filho pariu! Maldito, pra todo o sempre!!

VOZ DO PADRE SECULAR

*(No palco, todos fixam as respectivas atitudes, em silêncio, imóveis. António José escuta, parado e ofegante: bicho perseguido; Lourença martirizada, sem forças.)* Interrogado, com doçura e muita misericórdia, pelo Inquisidor João Alves Soares sobre o montante dos bens de raiz que possui, António José da Silva responde com peçonhenta manha que é filho-família, aluno dos Estudos de Coimbra e que apenas tem a roupa de seu uso...

3.º HOMEM

*(Cuspindo no rosto de António José.)* Judeu! Raça de ladrões!... *(António José e Lourença recomeçam a marcha: Cada vez mais dificilmente, arrastando-se.)*

1.ª MULHER VELHA

Os Judeus lavram? Não!

1.ª MULHER NOVA

Eles plantam? Não!

1.º HOMEM

Vão à guerra? Não!

2.ª MULHER NOVA

Constroem casas? Não!

*(Cada uma destas perguntas é feita pela personagem indicada a todos os outros, à maneira de quem faz uma demonstração; o «Não!» que a si próprios respondem tem o mesmo sentido. Este jogo de pergunta-resposta é precedido por movimentos violentos de corrida e gesto, por parte de cada interveniente; o alvo destes movimentos é sempre o grupo de António José e Lourença: os inquiridores surgem de trás e dos lados, cruzam os penitentes, passam entre ambos, etc. As crianças giram em turbilhão incessante e silencioso: vorazes, insaciáveis.)*

2.º HOMEM

*(Feroz.)* De que vivem então, os cães judcus?!

2.ª MULHER VELHA

*(Gritando muito.)* Da usura! Da pele que tiram à gente!!

3.º HOMEM

*(Que puxa com raiva o hábito de António José, rasgando-lho.)*  
Ladrão! Raça de Ladrões!!

2.ª MULHER VELHA

Eles arrotam de fartura e a gente morre de fome! Como mi-lhafres, estes malvados giram à volta da nossa miséria sempre à cata dum infeliz que, por já não poder mais, adregue de lhes comprar mercância fiada ou de lhes pedir dinheiro emprestado...

1.º HOMEM

Emprestam cinco e cobram dez! E assim ganham o fruto de todos os trabalhos alheios... Ladrões!

3.ª MULHER NOVA

*(Que traz um menino ao colo. Correndo em fúria para os penitentes, agarra-se a Lourença, obrigando-a a ver a criança.)*

Olha, peste do Diabo, estás a ver o meu filho...? Há dois dias e duas noites que não bebe uma gota de leite: *(Desesperada:)* Estou seca, os meus peitos estão mortos! Não tenho nada em casa... nem uma côdea de pão, nem uma gota de azeite, nada! O meu homem que diga... *(Para o 4.º Homem que está num canto, deprimido, quieto:)* O que é que a gente tem comido? Ervas, raízes do mato que nem as alimárias querem!! E tu... tu, matadora de Nosso Senhor!, tu tens as arcas cheias, vives folgada, usas e abusas da grossura dos bens desta terra!! *(Lourença baixa a cabeça dolorosamente, passiva, em silêncio. Uma Criança mima o gesto de lhe atirar uma pedra: Lourença solta um grito abafado e leva a mão à cabeça, no ponto atingido; logo recomeça a marcha, sempre atrás de António José. Todos os populares, juntos em meio anel à retaguarda e aos lados dos penitentes, mimam igualmente a marcha da sua perseguição, cada vez mais perto das vítimas, marcando com o batuque síncrono dos pés um ritmo cadenciado e feroz. As falas curtas com que, durante esta breve marcha, invectivam os judeus, devem ouvir-se duras e implacáveis como tiros. As Crianças, correndo ao largo, fora do grupo compacto de perseguidores e perseguidos, vão mimando o gesto de atirar pedras a Lourença e a António José, que delas se defendem: alegria sanguínea nos pequenos; dor, medo e fadiga nos penitentes.)*

1.º HOMEM

*(Desdém e raiva.)* Judeus...

2.º HOMEM

*(Idem.)* Gente de nação!...

3.º HOMEM

(*Idem.*) Homens de negócios...!

4.º HOMEM

(*Agora alentado no ódio.*) Cristãos-novos...!

TODOS, HOMENS E MULHERES

(*Voz uníssona, surda, mordida.*) Judeus!!!

3.º HOMEM

Têm nas mãos todas as mercâncias e contratos do Reino...

1.ª MULHER VELHA

...Assim de Sua Majestade como das mais pessoas!

1.ª MULHER NOVA

Judeus, cobradores de impostos!

1.º HOMEM

Ladrões!

2.ª MULHER VELHA

São os judeus que enceleiram e açambarcam o pão!

2.º HOMEM

Ladrões!

3.º HOMEM

Na alfândega, são os judeus que obrigam e cobram os direitos!

2.ª MULHER VELHA

Ladrões!

4.º HOMEM

São os judeus que arrecadam as terças do Reino!

3.ª MULHER NOVA

(*Num grande grito.*) Ladrões!

1.º HOMEM

São judeus os intermediários em todo o mantimento que vem de fora...

2.ª MULHER NOVA

...Peixe seco...

1.ª MULHER VELHA

...E as mais cousas!

TODOS

(*Marcando com os pés o péo do ritmo ameaçador.*) Ladrões! Ladrões!! Ladrões!!!

(*Uma Criança vem à frente, ao primeiro plano cénico e, fazendo pontaria com mímica vivaz e cruel, arremessa uma pedra que vai atingir Lourença no peito. Esta solta um grito agudo e cai de joelhos no chão; António José corre a ampará-la. Voz do Padre Secular: Em silêncio, todos os presentes imobilizam e mantêm as respectivas marcações, atitudes e expressões faciais.*)

PADRE SECULAR

Averiguado está nos autos próprios que António José da Silva foi induzido por sua tia Dona Esperança, viúva de Diogo Montar-roio, para seguir a lei de Moisés, assim o desculpendo de ter ele querido seduzir uma sua criada.

3.ª MULHER NOVA

(*Cuspindo na face de António José.*) Porco sujo! Fornecedor do Diabo!...

VOZ DO PADRE SECULAR

Provado está ainda nos autos próprios que teve relações com sua prima Brites Eugénia e com o irmão dela João Tomás, estudante de Medicina.

I.ª MULHER VELHA

(*Persignando-se.*) Jasú! Perdidor de almas! Tentador maldito!...

1.º HOMEM

Tu fedes, cão judeu! Cheiras a podre que tresandas! Escarro, excremento dos homens!!...

(*António José e Lourença recomeçam a marcha.*)

VOZ DO PADRE SECULAR

A 23 de Setembro, é posto a tormentos. (*Como um foguete, a alegria rebenta, selvagem, dentro e entre os Homens, as Mulheres e as Crianças do povo: Como possessos, saltam, correm, fazem pinos e outras ginásticas, riem, ululam, numa girândola infernal de corpos e faces sanguinárias. António José, à palavra «tormento», pára como ferido de súbito; Lourença imita-o. Depois, vacilante, o Judeu avança uns passos para o público: Como um menino apavorado, frágil e desprotegido, estende os braços e mostra aos espectadores os pulsos entrapados, ainda com manchas de sangue visíveis nas ligaduras. A luz concentra-se com o máximo de intensidade sobre os pulsos de António José; tudo o mais fica em semiobscuridade.*)

VOZ DO PADRE SECULAR

Herege. Negativo. Diminuto. Confitente (*Cada uma destas palavras é sublinhada, no palco, por um acréscimo alucinante de movimentos.*) Usando com ele, réu, mais de misericórdia que de justiça, o Santo Tribunal da Inquisição fá-lo sair reconciliado no auto público, hoje, domingo, 15 de Outubro de 1726, celebrado na Igreja de São Domingos desta cidade de Lisboa, com a condição de ser doutrinado na Fé.

(*O coro ataca logo, em força, o canto EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM. Correndo, aos saltos, saem os*

*Homens, Mulheres e Crianças do povo. Palco escuro; luz concentrada em António José e Lourença, agora sozinhos em cena. De joelhos, sentado sobre os calcanhares, em posição de abandono, António José, sempre expondo os braços ao público, tem os olhos cravados nos pulsos feridos. Atrás dele, Lourença, de pé, está terna e doridamente curvada sobre o filho; sempre, num lento e repetido gesto patético, não cessa de lhe acarinhar a cabeça. A luz concentra-se sobretudo ao nível dos pulsos ensanguentados do Judeu.*

\*

*É agora que os espectadores vão conhecer o Cavaleiro de Oliveira que, nesta peça, desempenhará o papel de narrador-comentador. Sentado numa velha mas bela e cómoda cadeira da época, colocada à extrema direita, ou esquerda, num plano intermediário entre o palco e a plateia, a luz vai-no-lo mostrando suave e gradualmente, até à perfeita nitidez: Cerca de cinquenta anos. Vestido ao uso barroco, taful das cortes europeias do seu tempo, com um requinte e cuidado que, no entanto, não escondem inteiramente «uma certa dificuldade», a relativa pobreza do Cavaleiro, nesta fase da sua longa e alterosa vida. Dum modo geral, fala em tom displicente, um tanto desencantado, sempre à beira do dito irónico, aceradamente lúcido: Através desta civilizada ironia, escoo ele desesperos, dolorosas humilhações, fogos de paixão latente, indignadas rebeldias, violências agressivas...*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(*Que se dirige directamente aos espectadores; apontando, sem olhar, para o palco.*)

«Portugal pode comparar-se a um relógio atrásado pela malícia e perversidade daqueles que têm a cargo dar-lhe corda...» Perdão, devo apresentar-me a Vossas Senhorias: (*Soergue-se um pouco da cadeira, em graciosa reverência palaciana.*) Francisco Xavier de

Oliveira... Cavaleiro de Oliveira, que este é o nome por que já hoje sou conhecido dentro e fora de Portugal, e será talvez aquele por que me conhecerão os séculos vindouros... se para tanto o meu engenho tiver força e asas. Nobre? Isso sou. «Todos os nobiliários do reino, histórias nacionais e estrangeiras são unânimes quanto à nobreza da minha estirpe». Meu pai foi José de Oliveira e Sousa, que era contador dos Contos do Reino e Casa, cargo de que Sua Majestade Magnânima houve por bem fazer-me herdeiro, tinha eu dezasseis anos... *(Ao cruzar a perna, um livro que tem esquecido no colo cai-lhe ao chão. Logo se curva para o apanhar. Sem querer, a contemplação do volume que agora mostra nas mãos, fá-lo sorrir maliciosamente.)* Fado bem curioso, este que me fez passar de contador dos Contos... a contador de histórias! *(Reatando o anterior tom, um pouco formal, de certo modo altivo e desdenhoso.)* Meu pai serviu sucessivamente com o Senhor Marquês de Alegrete e o Senhor Conde de Tarouca, em Utreque e Viena, na qualidade de escrivão do tesouro e secretário da embaixada. Também neste cargo tive a dita — ou a desdita? — de substituir meu pai, depois do seu falecimento. Eis-me assim em Viena, ao serviço do embaixador de Portugal, Conde de Tarouca: «Chegando a casa do Conde Plenipotenciário, achei-o fora. Se adivinhasse o que depois me havia de suceder, julgaria este acaso de mau prognóstico; porém quem tal consideraria vendo a civilidade, a graça e a distinção que me mostrou, ao regressar, e que eu tive a honra de apresentar-me, abrindo-lhe a portinhola do coche em que vinha?!» Na verdade o Conde, e logo desde a primeira hora, nunca por mim teve a menor afeição, ou sequer simpatia. Mas infelizmente as mulheres — ai, as maravilhosas damas de Viena!, da corte única, sem igual, de Viena!... —, infelizmente para mim as mulheres não partilhavam os sentimentos do Conde Plenipotenciário, a respeito da minha humilde pessoa... Sim, elas disputavam-me, queriam-me! E com o quererem-me, mais depressa me precipitaram no infortúnio em que tenho vivido, desde então... Sim, não vos minto: As damas de Viena honraram-me com os

favores da sua preferência. Porquê? Também o não sei, ao certo. «O meu talhe ou a minha estatura é pouco mais que medíocre. A cabeça uns diziam que era boa, outros má. O certo era ser ela curiosa, quando não fosse por outro princípio, pelo ornato de cabelos brancos como a neve, misturados com outros negros, da cor mesmo do azeviche. Os olhos eram — e não o serão ainda hoje?... — doces e inquietos. Em outro tempo foram garridos e maganos... O certo é que para amar três ou quatro formosas ao mesmo tempo ninguém o fazia mais fielmente do que eu!» *(Irritado:)* Ora ao Senhor Conde de Tarouca, favores e distinções como estas, dirigidas à minha insignificante pessoa, desagradavam profundamente. Também o meu feitio, o que eu era por dentro, lhe foi estranho e antipático: Realmente «a minha melancolia procedia... da irregularidade dos meus afectos. O amor, a honra, a vaidade e o arrependimento conspiravam para me atormentar e para me despedaçar o coração. Não há cousa no mundo em que descubra agora mais contradição do que nos meus pensamentos e nas minhas obras, tornando-me impenetrável a mim mesmo. Desprezava as injustas censuras do público e deixava-me conduzir pela sua opinião. Não posso deixar de lamentar a minha triste sina!... Conhecia os meus defeitos e não queria emendar-me. Amava a minha obrigação e não a exercitava. Rebelde à autoridade da minha razão, obrava directamente contra as suas ordens.»

*(Vindo do palco, começa a ouvir-se, cada vez mais nítido, um choro arrastado, agudo, quase infantil. Cortado o seu memorial por este choro incómodo, o Cavaleiro de Oliveira, logo irritado, volta-se para trás, para o palco: António José da Silva e Lourença que, durante toda a fala anterior, têm estado visíveis para os espectadores, mantidas estáticas e fixadas as suas posições e expressões de alma, ocupam agora uma sala da sua casa, em Lisboa. Esta ambientação de lugar é-nos dada pelo crescente alargamento da iluminação, até agora apenas focada para Lourença e António José, que aliás conservam em casa as marcações de palco tomadas antes de o Cavaleiro se apresentar ao público: Os necessários elementos de*

*cena, definidores deste interior de burguesia endinheirada, são portáteis e sustentados ao nível próprio, e na natural posição, por Servos e Servas de Lourença, vestidos à maneira da época e de acordo com a sua condição social, havendo apenas o cuidado de escolher para todos a mesma cor nos fatos, uniformemente cinzenta, e de a todos cobrir os rostos com véus do mesmo tom; com estes pormenores, cuidamos de os impessoalizar, de os reduzir à situação cénica de porta-objectos. O choro vem dum criada, a Escrava Negra, pelos amos trazida do Brasil: De joelhos, colocada lateralmente em relação ao grupo que o Judeu faz com sua mãe, muitas e repetidas vezes, chorando sempre mais alto, a negra beija as mãos e os pulsos feridos de António José. Este, caído em depressão reactiva, olha no vácuo, os lábios a tremem-lhe irreprimíveis. Lourença não cessa de terna e pungentemente lhe passar a mão pelos cabelos.*

*A expressão do Cavaleiro de Oliveira que, ao ser interrompido, era de agressividade altaneira, vai pouco a pouco, e à medida que observa a cena, substituindo-se pela da piedade e indignação que agora o ocupam. Sempre para o público; com certa violência:)*

«É preciso resgatar os portugueses do jugo nefando do Santo Ofício. Vai nisso a salvação do reino, pois que ciências e artes a par e passo do progresso, civilidade e civilização, um comércio próspero, uma autoridade cõnsua das suas funções, uma religião purgada de idolatria, enfim, portugueses ilustrados e conscientes, não poderá haver enquanto perdure a monstruosa jurisdição!» *(Enquanto o Cavaleiro diz esta fala, vai diminuindo a luz de cena, até ao que antes era: Iluminados apenas Lourença e António José, mantidas estáticas as anteriores posições da sua angústia e desespero, o foco dirigido com o máximo de intensidade sobre os pulsos torturados do Judeu.)* «Era afinal isto, e apenas isto, que eu queria dizer a Vossas Senhorias. Comecei porém a falar-vos das minhas cousas e... «Vous savez je suis bavard!» É, é realmente verdade: Adoro falar de mim, da minha passada vida, do muito que perdi e do pouco que fui aprendendo, das gentes várias que conheci, dos meus amores... Ah, sim,

dos meus nunca esquecidos amores... felizes e desventurados! Sou justamente aquilo a que vós podereis chamar — olhai que me não ofendeis! — um escritor menor. Eu escrevo porque... porque gosto de falar de mim, é certo; mas principalmente porque me vejo obrigado a ganhar, desta arte, o sustento preciso aos meus, ainda que minguados. *(Sorriso melancólico, dorido:)* Pensais bem: Miséria, é o nome que a esta situação sói dar-se. Miséria. Assim se encontra o Cavaleiro de Oliveira, aos cinquenta anos de idade, exilado em Londres, entre estranhos, inimigos e raros... oh, raríssimos! amigos. Francisco Xavier de Oliveira, fidalgo de Portugal, cavaleiro de Cristo aos 27 anos, por mercê de Sua Majestade Magnânima, El-Rei D. João...! Fui, noutros tempos, muito orgulhoso deste título. Agora já «não ostento a Ordem de Cristo. Seria maneira de tornar vergonhosa a minha pobreza. O povo inglês tem amor ao dinheiro e prefere uma rica burguesia a uma nobreza indigente». Assim vive o Cavaleiro de Oliveira... Escrevo, claro. Como pode escrever... um escritor menor: Oh, não tenho ilusões!... Não terei, de facto? A verdade é que, contra toda a razão, as tenho muitas vezes: E se estas pobres cousas que a minha dessorada cabeça vai pensando, que o meu velho coração vai sentindo, fossem ainda lidas daqui a... cinquenta, cem, duzentos anos?! Isso seria a corda milagreira que outra vez ajuntaria os bocados, por essa Europa perdidos, da minha sofrida pessoa... Sofrida, Excelências: Não vos deixeis enganar pelas vãs aparências ou pela ruim calúnia! Viena, Haia, Londres... Eu sou um exilado, meus Senhores. *(Imensa tristeza:)* Nunca mais poderei voltar a Portugal. Sei que morrerei longe do meu país, aqui ou algures... E tenho saudades. Muitas saudades! *(Violento:)* Maldita Inquisição!! E maldito Conde de Tarouca que nela, e por ela, vive e pensa. Aquele Conde...! Duro; mais duro que o corno cabresto que lhe enfeita a marrante cabeça! Velho beato, Judas! Inveja, é o que ele de mim sentia! Raiva de quem já não tinha dentes para comer as nozes que a mim me via trincar, lesto e garboso! *(Orgulho:)* Sim, meus Se-

nhoes, em Viena de Áustria eu fui querido e disputado como poucos mais o foram, antes e depois de mim! Logo à chegada recebido em casa do príncipe Cantacuzeno, em breve fui seu valido e íntimo amigo. O príncipe Cantacuzeno, o descendente dos vaivoidas de Valáquia! Disto, nunca o Conde de Tarouca poderá vangloriar-se: Sempre o conheci velho, obstinado como um burro, e desfavorecido de toda a beleza e graça!... E a princesa? A lindíssima, e espirotuosa Maria Elisabeta! (*Entusiasmo apaixonado, ardendo sob a cinza fina da melancolia:*) Graça natural e maravilhosamente fabricada, o capricho mais tirano e encantador, rara e preciosa mistura dum instinto incendiado e cruel com a mais musical das inteligências... tudo isto tinha a Princesa de Valáquia, princesa de sangue real, pois que bastarda do rei da Suécia!... Maria Elisabeta foi minha!, por mim trocou o marido, tudo e todos. Ai, Viena!...

(*António José, no palco, solta um grito de dor: A Escrava Negra tira-lhe as ligaduras dos pulsos. Leve aumento de luz cénica, de modo a permitir aos espectadores uma semivisibilidade de todo o palco. Lourença ajoelha-se também junto do filho, cuida-lhe as feridas. Como um menino, António José deixa correr as lágrimas, livremente. O Cavaleiro, assim interrompido o fluir amável das suas recordações, observa apiedado a cena. Para o público:*) «Fizeram vir de Roma um fero monstro, de forma tão estranha e tão espantosa catadura, que só de sua fama toda a Europa treme... O pasto de que se ceva é outro, com corpos humanos amassado!» É pelos frutos que a árvore se conhece: Vede (*apontando para o palco*), olhai os frutos do Santo Tribunal da Inquisição!

Já vo-lo disse: Vivo aqui, em Londres, quase de todos abandonado, e muito pobre. Mas respiro! Respiro, livremente, todo o ar que o natural apetite dos meus pulmões exige. Ar puro, sem fumos de incenso, nem cinza de hereges queimados... Respiro, posso respirar, meu Deus! Em Londres, sei que talvez morra de velho. Em Portugal... a minha vida bem curta teria por certo sido.

Ponde os olhos naquele infeliz António José da Silva... Sim, não me engano: A ter continuado em Lisboa, creio bem que hoje não estaria aqui com Vossas Senhorias, para deleite meu e infortúnio vosso, porque com todas as probabilidades já Deus Nosso Senhor me teria chamado à Sua Divina Presença: Asfixiado pelas cordas dos mil e um pecados e proibições; ou amarrado ao poste do queimado, com muito mais espectáculo e muitíssimo mais calor...

E a verdade é que gosto da vida. Mesmo assim, na... na miséria; até para apenas ver os outros vivê-la. Pensar. Ferver ainda projectos. Recordar... Tenho tantas, tantas e tão belas cousas para reviver do meu passado! Não, meus Senhores, se eu fosse justo com a vida, nunca me queixaria. Tanta coisa, tantos e tão formosos rostos... Maria Elisabeta! Quando cheguei a Viena, a princesa convalescia dum parto. Levado à sua câmara, com missão de a distrair, logo me «pediu uma Santa Teresa só para cheirar, disse-me ela. E aqui está, atrás do apetite do odor veio o apetite do gosto, e tragou-a toda como, não sem embaraço, se viu obrigada de me referir». Bendita chucha! Quantas horas de inconfessável alegria lhe fico devendo?! Aliás, todas as grandes damas de Portugal comiam estas Santas Teresas, vendidas em Lisboa pelas carmelitas, e ao que parece amassadas com terra da sua campa... Estavam em moda. Lisboa! A «formosa estrivaria!» Damas da corte, ciganas, cómicas... quantas mulheres amei eu em Lisboa, durante a minha primeira juventude? Não sei, perdi-lhe o conto. Sei que as amava docemente, embalado pelo eco gemido dos sinos dum sem-número de igrejas e conventos...

(*Grito abafado de dor, vindo do palco, onde se mantiveram inalteráveis a marcação estático-silenciosa das figuras e a luz, todo o tempo que durou a fala do Cavaleiro: António José, em súbita crise de desespero, levanta-se violento, arremessa as ligaduras ao chão e, quase brutal, afasta Lourença e a Escrava Negra. Interrompendo-se mais uma vez, o Cavaleiro de Oliveira observa atento e desgostoso esta cena.*)

ANTÓNIO JOSÉ

(*Com raiva, em lágrimas.*) Deixem-me! Deixem-me, deixem-me...! (*Surpreendidas, Lourença e a Escrava Negra olham para o Judeu assustadas: Serena e patética, a primeira; como um animal na defensiva, a segunda.*) O mal... todo o meu mal vem de a senhora ser minha mãe: Judia! Judia, judia!... Tu, negra, és a serva digna desta família: Serva imunda duma família imunda! (*Dolorosamente, Lourença levanta-se para, dando uns passos, ir colocar-se de costas para o público, o dorso quebrado, vencida.*) Escrava de judeu: A última, a mais reles das degradações! Não temos sido justos contigo, negra: Qualquer dia vendo-te a um branco... um branco de sangue limpo, um familiar do Santo Ofício! (*A Escrava Negra recomeça o seu choro ganido, infantil.*) Lepra da cor... lepra do sangue: Somos intocáveis, eu e tu, negra! Mais ainda eu, cão de Israel; mais a senhora, mãe... (*Pelos movimentos do dorso, António José percebe que Lourença chora, em silêncio. Logo afundada a ira, o Judeu contorce-se impotente, ansioso.*) Mãe...?! (*Corre para Lourença. Mãe e filho abraçam-se convulsivamente, soluçando: António José de face para o público; Lourença mantendo-se de costas. A Escrava Negra, boçal, ultrapassada pela cena, continua caída por terra. O Cavaleiro de Oliveira recomeça a falar: No palco, as três personagens conservam fixas as respectivas marcações.*)

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Pobre rapaz!... Uma quase criança... vinte e um anos! Violado em sua consciência, cuspidado, feito exemplo de escárnio, torturado implacavelmente... Que nojo! Vinte e um anos... Que país!! Quais as suas culpas? É cristão-novo, filho de cristãos-novos, neto de judeus... Este, o seu crime. (*Nauseado:*) O Santo Ofício, a Igreja Católica, Sua Majestade Cristianíssima e Fidelíssima...? Não!! (*Pausa. Firme, responsável, irradiando uma aura de nobreza inteligente:*) Sabendo muito embora que, com certeza, algum desgosto e

maior repugnância vos causarei, cumpre-me confessar-vos que reneguei a fé dos meus antepassados. O Cavaleiro de Oliveira renegou o catolicismo; por graça de Deus, é hoje protestante. Não me arrependo, sei que não virei a arrepender-me: Muito vi (*indica o palco*), mais pensei e estudei; a minha conversão foi alicerçada e consciente. Fugir-lhe, ou adiá-la, seria má-fé ou hipocrisia. Perdoem-me Vossas Senhorias se, com o confessar-me a vós, vos molesto, mas... dir-vos-ei ainda que, entre os muitos desencontros da minha vida comigo mesmo, este acto terá sido um dos raros encontros. Custou-me caro? Sim, realmente. Mas encontrar-se alguém consigo próprio nunca custa barato. (*A olhar para o palco:*) Pobre rapaz... (*Silêncio reflexivo.*) Se estas cousas que eu aqui vos digo, ou escrevo, sempre um pouco ao sabor da minha saudosa memória e das mais castigantes necessidades, por acaso da sorte insondável, um dia chegassem ao conhecimento dos portugueses vindouros, os que hão-de vir daqui a... sei lá...? duzentos anos, porventura poderiam eles entendê-las? E à sociedade que as permite? E às forças que as provocam?... Não. Sinto que não. Talvez pensem que eu as imagino, ou as acrescento de muitas e desvairadas invenções... Pois que o penssem. Consola-me até esta ideia. Bom sinal seria! (*Com náusea e agressividade:*) Homens violentados das mais cruéis mancinhas, despojados de honra, valimento, bens de raiz, proveitos de ofício e, tantíssimas vezes, da própria vida... tão-só porque não aceitam pensar como o Inquisidor e El-Rei *querem* que pensem... melhor, que não pensem? Tão-só porque se tornaram *suspeitos* desta negação?! Tão-só porque nasceram em certa família, numa certa raça *suspeita*?... Ai, como vos amo, admiro e invejo, a vós, portugueses do maravilhoso século xx! Vós, para quem estes crimes nefandos do Poder mais não serão que as sombras dum pesadelo, vindas da noite algi-da do passado, e logo desfeitas pelo Sol claríssimo dos luminosos dias que então vivereis!... (*Neste momento, a fala do Cavaleiro é interrompida por uma grande gargalhada colectiva, fogueateada de ódio e escárnio. Simultaneamente, a luz de cena aumenta de intensidade no interior onde continuam Lourença, António José e a*

*Escrava Negra, alargando ao mesmo tempo o seu campo, de modo que agora todo o palco ficará iluminado e visível. Entram, correndo, muitos Homens, Mulheres e Crianças do povo, andrajosos, possessos duma fúria de alegria negra, selvática. Em roda frenética, giram à volta da casa do Judeu. Entre risos ébrios e invectivas ameaçadoras, de quando em quando, um dos populares mima o gesto de atirar uma pedra contra a casa; duas ou três vezes, este gesto é imediatamente seguido pelo ruído de vidros estilhaçados. No interior, António José, descontrolado pelo medo, desfaz logo o abraço com a mãe e corre a encolher-se num canto, ofegante, numa ansiedade terrível; Lourença fica imóvel, apenas mais vergada a cabeça, mais contraídos os músculos faciais; a Escrava Negra, de roxo, tapa a cabeça com os braços, recomendo o seu choro uivado. O Cavaleiro de Oliveira, agora frouxamente iluminado, após o susto inicial que o fez soerguer-se da cadeira, senta-se pesadamente, desalentado.)*

3.<sup>a</sup> MULHER NOVA

Arrombem essa porta! Vamos às arcas!...

*(Dois homens, de costas para o público, vão mimando gestos de martelar a porta; ouve-se o som das respectivas pancadas.)*

1.<sup>o</sup> HOMEM

Cães judeus! Porcos!!

1.<sup>a</sup> MULHER NOVA

*(Prolongando muito a fala gritada, hedionda.)* Matem-nos! Matem-nos a todos!...

1.<sup>a</sup> MULHER VELHA

Queimem esses demónios!...

2.<sup>a</sup> MULHER VELHA

*(Odienta, vibrante.)* Foram eles! Os judeus mataram Nosso Senhor Jesus Cristo!... *(O ritmo violento da roda torna-se vertiginoso: Saltos, gritos, risos.)*

3.<sup>o</sup> HOMEM

*(Que entra, a correr, com um archote aceso.)* O auto-de-fé quem o faz é a gente!

VOZ DE MULHER

*(Lá fora; dominando o tumulto, aflita.)* Aque-d'El-Rei!!

4.<sup>o</sup> HOMEM

*(Também com um archote.)* À fogueira!!

*(O 3.<sup>o</sup> Homem, logo seguido pelo 4.<sup>o</sup> Homem, aproxima-se da casa, brandindo os archotes. Lourença corre para o filho, abraça-se a ele, como que a protegê-lo; a Escrava uiva, contorcendo-se no chão.)*

VOZ DE MULHER

*(Fora de cena; mais aflita.)* Aque-d'El-Rei!!!

3.<sup>o</sup> HOMEM

O queimadeiro, hoje, vai ser aqui mesmo!

*(Gargalhada geral, ferocíssima. As Crianças pulam possessas. Todos apertam o círculo em torno da casa. O 3.<sup>o</sup> e o 4.<sup>o</sup> Homens levantam os archotes sobre as cabeças dos populares ululantes: Vão queimar a casa.)*

VOZ DE MULHER

*(Sempre fora de cena; mais dominadora e alertante.)* Acudam! Aque-d'El-Rei!!!

*(Começa a ouvir-se, num crescendo rápido, o galope de muitos cavalos.)*

2.º HOMEM

*(Que correu até aos bastidores; à escuta.)* A guarda! Fujam, que vem aí a guarda!!...

*(Por momentos, todos os populares se imobilizam, em expectativa felina.)*

1.ª MULHER NOVA

*(Desencadeante.)* Fujam! Fujam!!... *(Sai de salto, logo precipitadamente seguida por todos os populares: como feras que tivessem rebentado as grades da jaula. Durante segundos, ainda se ouve, em crescendo, o galope da guarda. Silêncio. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira; no palco, só o interior ficará iluminado, com maior intensidade sobre António José e Lourença.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Indicando o palco, num gesto cansado; ironia triste.)*

Eis o povo de Portugal, neste esperançado século das luzes, enquanto reina Sua Majestade Magnífica, Fidelíssima e Cristianíssima, El-Rei D. João, o quinto do seu nome... *(Soergue-se, num arremedo de vénia.)* Reinado realmente magnífico, esplendoroso, de fausto nunca igualado: Com o oiro e os diamantes trazidos às carradas do Brasil, Sua Majestade maravilha Roma com a grandeza dos seus presentes; levanta esse fenomenal Convento de Mafra, e mais não sei quantas igrejas e capelas todas elas magníficas; eleva a Patriarcal de Lisboa à categoria de primeira instituição do Reino; mantém cuidadosamente impoluta a sagrada ociosidade da velha nobreza; honra eclesiásticos e mosteiros com tenças, paramentos e alfaias cuja generosidade nos arregala os olhos de espanto!... A arraia-miúda cai de rabo de tão pasmada, e aplaude fervorosamente. Pé descalço e barriga leve, o povo corre e atropela-se para ver passar Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa, nas raras vezes em que ele condescende mostrar-se nas ruas: À frente, para abrir caminhos, um senhor de cruz alçada e a cavalo; a seguir, no meio duma escolta de vinte criados de libré, a liteira de Sua Eminência;

por fim, fazendo cauda ao cortejo, quatro coches riquíssimos com o fãmulos e os dignitários... O povoléu, aparvalhado e temeroso de tanta riqueza, cai de joelhos e, contritamente, bate a mãos ambas no peito encovado: Se neste mundo já é tão bonito, como não seria lá em cima no Céu?! Que este sim, o Céu está-lhes prometido! Que importa viver a vida eterna na privança de todo o humano consolo, se ela mais não é que uma feia passagem, um triste vale de lágrimas? O Céu, o Céu, a Pátria Eterna!... *(Silêncio. Entre curioso e divertido.)* Estou a pensar... sim, quanto daria eu para saber como estarão estas cousas, as celestes e as terrenas, lá para diante, no tempo vindouro... *daqui a duzentos anos?! O reino de Portugal continuará católico?* Sua Eminência cuidará ainda de manter a fé do povo miúdo, destarte, carregando o mundanal espectáculo do fausto, pois que a Deus tudo é devido, e para o Seu serviço toda a humana riqueza minguada coisa é? Continuará a passear-se assim, entre a santa pobreza e a não menos santa ignorância da arraia pequena, os paramentados braços firme e amorosamente apoiados nos grandes da Nação, para maior garantia e mais robusta segurança da Santa Madre Igreja, e prudente salvaguarda do Seu magistério divino?... Respondei-me vós, portugueses do século xx: vós que, para mim, sois sombras fugidias da esperança e do temor! Como será?... *(Gradualmente diminui a luz sobre o Cavaleiro de Oliveira, enquanto sobe a iluminação do interior montado no palco. António José e Lourença continuam abraçados, refugiando-se um no outro. A Escrava Negra no chão, a cabeça tapada com os braços, num choro gemido, agudo e contínuo.)*

ANTÓNIO JOSÉ

*(Separa-se da mãe e vem ao centro; a tremer.)* Ódio. Ódio...

LOURENÇA

*(Rosto sofrido; vindo a António José, serena e doce.)* «Se o teu inimigo, que se levantou cedo para te matar, vier à tua porta com

fome e sede, dá-lhe de comer e beber.» *(Abraçando António José por detrás:)* Lembras-te, meu filho? Midrash sobre Provérbios, 25, 21... Já esqueceste, António?...

ANTÓNIO JOSÉ

*(Afastando Lourença; numa contracção de desespero, quase agressivo.)* Como eles nos odeiam! Inquisidores, familiares, povo... todos! Que tenho eu, mãe? Que temos nós na cara, no corpo, na voz...? Nos olhos... É nos olhos, mãe? Todos sentem... nojo de nós. Nojo!! *(Sente-se desalentado.)* Só de me verem, logo a raiva se lhes desata... É verdade, mãe! Tocam em mim, é mexer na baba duma cobra. O que é que eu tenho? Porque sou tão... tão repugnante?!... *(Lourença acaricia a cabeça do filho. Este afasta-a, num calafrio:)* Largue-me! Porque me deixou nascer? A mãe sabia... sabia muito bem o que a vida tinha para me dar. Cão judeu... leproso... porco! Judeu, judeu, judeu!...

LOURENÇA

*(Os olhos cheios de lágrimas, acariciando-o.)*

«Sei que o meu Redentor está vivo  
E se levantará no fim sobre a poeira do meu corpo.  
Sei que depois de consumida a minha pele,  
Então, liberto da carne, verei a Deus.»

ANTÓNIO JOSÉ

*(Desesperado.)* Já ouvi, mãe! Já lhe ouvi isso um milhão de vezes. Livro de Job. Quer os números? Quer que lhe diga o número dos versículos?... Ai, mãe, fale-me com palavras de mulher! Com as mesmas palavras das outras mães. As mesmas, e só com essas. Não me fale sempre como judia! Perde-se e perde-me a mim!! Desta vez, quebraram-me os pulsos. Na próxima... queimam-me. E eu não quero... não quero!!

LOURENÇA

*(Mística, mártir.)* «Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não...»

ANTÓNIO JOSÉ

*(Interrompendo, com raiva.)* Livro dos Salmos, 23,4! Não, mãe, estou farto! Farto da «Torah», do «Talmude», do «Zohar»... Não acredito, não creio em nada disso! Quero viver!! Não creio no Deus de Israel, não creio no Deus dos cristãos... Tenho medo de todos os deuses, messias, profetas e santos. Medo! Peço-lhe, mãe... proíbo-a de tornar a falar-me neles! Quero viver. Viver, viver, viver!!... *(Leve ruído, lá fora. Logo ansioso, transido, a escutar. Silêncio.)* Eles ouviram... Tenho a certeza que ouviram! Escutam tudo, sabem tudo...

LOURENÇA

*(A voz entrecortada de lágrimas, sem olhar para o filho. Com fé, força interior.)* «Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu, Deus de Israel, estás comigo.» *(Volta a ouvir-se, mais forte, o mesmo ruído exterior. António José corre para a porta. A Escrava Negra chora mais alto. Lourença estática, as lágrimas correndo-lhe pela face.)*

ANTÓNIO JOSÉ

*(Para o exterior.)* Quem está aí?... *(Vem ao centro.)* São eles... Outra vez...! *(Descontrolado, perdido, hesita; de súbito, corre para o fundo e foge para a rua. Mais uivado o choro da Escrava Negra.)*

LOURENÇA

*(Crucificada; apoiando-se nas costas duma cadeira, de face para o público, imóvel sempre, sem sequer voltar a cabeça para seguir com os olhos António José.)*

«Ó Amado da Alma, Pai misericordioso,  
submete o Teu servo à Tua vontade  
e logo ele, ligeiro como o gamo, correrá  
a prostrar-se diante da Tua majestade,  
pois o Teu Amor é mais doce que um favo de mel,  
mais doce que qualquer outro prazer da terra.»

*(Escuro total no palco. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

O pobre rapaz já não tem mão no freio do medo que tomou posse dele... Sobejas razões há para isso. «O respeito extremo que se tem aos Familiares — que são fidalgos, e dos mais considerados, com o cargo de Oficiais da Inquisição para fazerem a captura dos acusados — e o terror que esta jurisdição lança nos espíritos, autorizam tanto as prisões, que um acusado se deixa ir preso sem dizer palavra, logo que um Familiar lhe pronuncia estas palavras: «Da parte da Santa Inquisição». Nenhum vizinho ousa murmurar. O próprio pai entrega os filhos, e o marido a mulher...» Sabeis que também a mim o execrável Santo Ofício condenou, em auto público de fé? Que também eu fui queimado... em efígie? Em efígie, porque não conseguiram apanhar-me «em corpo»: Por esse tempo, felizmente, já eu residia aqui, em Londres. Uff! quando tal nova me deram, comecei de bater o dente com frio... «Nunca senti tanto frio na minha vida!» Mantive-me neste estado horas seguidas: Não havia roupa bastante no mundo para me aquecer! Digo roupa, porque ao fogo da lareira não podia eu chegar-me: Logo a imaginação me mostrava, torcendo-se nas chamas, aquele boneco que, no auto de Lisboa, fazia as minhas vezes... *(Tira do braço da cadeira uma mantá-agasalho, pondo-a à volta do pescoço:)* E é que está mesmo frio, não sois do meu aviso? *(Rabugento:)* Londres, Londres... Detesto esta cidade. Nevoeiro; neve e chuva; mais nevoeiro... Horrível cidade! *(Bocejando:)* O certo é que me sinto cansado... velho... Faz-

—me falta o Sol. Nunca hei-de acostumar-me a este clima... Ah, Londres!... *(Ataque de tosse. Muda a posição do corpo, na cadeira.)* Doem-me os ossos, um por um... todos! Não, nunca mais poderei voltar a Portugal. Custa, claro, custa muito... Ao Santo Ofício duma banda, e ao ilustre Conde de Tarouca da outra, fico eu devendo esta bela mercê. Sabeis que o casmurro e traíçoeiro Conde Plenipotenciário chegou a acusar-me, junto d'El-Rei, de desvio de dinheiro em Viena?! *(Cada vez mais sonolento.)* Velha alimária... Saguim da Inquisição!... Roubar, o Cavaleiro de Oliveira?! Dívidas, sim. Muitas. Vossas Senhorias entendem: A princesa e uma bolsa diminuta dificilmente se conjugavam... *(Bocejando.)* Detesto Londres!... Consola-me a ideia, a certeza!, que o meu sacrifício, acrescentando-se ao dos outros que nesta hora sofrem, pelos cárceres do Santo Ofício, ou na lonjura do exílio, para algo servirá, no futuro: Sei que, mais tarde, os vindouros portugueses me hão-de lembrar como a um precursor. Eu, mais outros do meu tempo, e mais ainda alguns ilustres portugueses que antes de mim viveram: Frei Bartolomeu dos Mártires, o grande Padre António Vieira... *(Ataque de tosse. Espertando um pouco da sonolência, malicioso.)* Já vos contaram aquela do Padre António Vieira, quando preso no Santo Ofício! *(Riso; tosse.)* Grande consciência! Valente como poucos, mais agudo de entendimento que o fio duma espada... *(Gargalhada.)* Pois não conheceis ainda este conto?! Buscando-o à prisão, lhe advertiram os Inquisidores:

«— Basta, padre, que dissestes em um sermão que os juízos dos homens são mais para temer que os juízos de Deus!»

A que o Padre António Vieira logo respondeu:

«— Pois se eu o disse lá fora, que direi agora cá dentro?»

*(Gargalhada. Tosse.)* Grande homem!... O poder do déspota tem as raízes na sombra, é um poder das trevas, não aguenta o sol da razão, gera apenas violência, violência e só violência... *(Mudando de posição assentada:)* Maldito reumatismo! Valha-me Deus, que velho e revelho estou já... É como uma paixão, o poder do déspota: Nem a inteligência, nem o saber, bastam para com ele lutar. Uma

paixão... é isso... (Boceja.) Poder de trevas... (Dormência crescente. A luz vai gradualmente diminuindo sobre o Cavaleiro de Oliveira e, ao mesmo tempo, iluminando o palco. Este surge-nos agora repartido em dois sectores, um à direita e o outro à esquerda: Câmara do Rei e Câmara do Inquisidor-Mor, nos respectivos aposentos privados. Fausto barroco, na primeira; austeridade descarnada, na segunda. Também aqui os elementos cénicos convenientes à criação ambencial destes dois interiores são mantidos por figurantes porta-objectos: Criados de El-Rei D. João V, na primeira câmara; Padres Inquisidores, na segunda. Todos estes figurantes trazem os rostos tapados com véus, que terão a cor azulínea, ou rósea, para o caso da câmara real; os da câmara do Geral Inquisidor são negros. Luz intensa na Câmara do Rei, cintilando nos dourados profusos e amaciando-se nas sedas e veludos; luz penumbrosa na do Inquisidor: apenas a equivalente aos dois archotes que ardem nas mãos dos respectivos Inquisidores velados. Ao começar este quadro, na Câmara do Rei estão presentes, além de D. João V, o Secretário de Estado Diogo de Mendonça Corte-Real e o Cardeal da Mota. Na outra, apenas o Inquisidor-Mor: Ajoelhado no seu genuflexório, de costas para o público, ora diante de um grande crucifixo que um Inquisidor velado de negro mantém imóvel. Durante a cena que a seguir se dará na Câmara do Rei, o Geral Inquisidor conserva-se assim, imóvel em oração, o tronco curvado, a cabeça entre as mãos. Silêncio e quietismo; apenas o movimento sombra-luz dado pela chama dos archotes.)

DIOGO DE MENDONÇA

(Velho, com alta frente destacando-se da peruca empoada, olhos negros e penetrantes, estreito e longo nariz, lábios finos mordazes. Com voz bem articulada, clara e metálica, lê ao Rei a seguinte pragmática:)

«D. João, etc., etc.; faço saber aos que esta lei e pragmática virem que, pela obrigação que tenho de atalhar os prejuí-

zos dos meus vassallos, não pude deixar de advertir com desprazer quanto lhes tem sido pernicioso o luxo, que entre eles se tem introduzido de algum tempo a esta parte. Este foi sempre um dos males que todo o sábio governo procurou impedir, como origem de ruína não só da fazenda mas dos bons costumes; e contra ele se armou frequentemente a severidade das leis sumptuárias, para que, evitando o povo despesas que malogravam em superfluidades, o Estado se mantivesse mais rico, e se não extraísse dele, a troco de frívolos ornatos, que com um breve uso se consomem, a mais sólida substância que convém conservar para estabilidade das suas forças e aumento do seu comércio...»

REI

(Ouve ler a pragmática sentado numa rica poltrona, enquanto o 1.º Criado lhe escova e penteia a longa peruca, e o 2.º Criado lhe calça as meias de seda e os sapatos de fivela com brilhantes. Um 3.º Criado mantém diante do rosto do Rei um belo espelho, emoldurado a ouro. D. João V seguiu a leitura da pragmática com repetidos gestos de aprovação, que foi alternando com os necessários ao desenho do sinalzinho negro sobre o lábio superior, cousa que ele executa com extremos de atento e meticuloso requinte, sem todavia cair nunca em ademanos efeminados.)

Bem. Parece-me muito bem. Diga-nos o seu parecer, Senhor Cardeal da Mota? Vossa Eminência sabe quanto prezamos a sua preciosíssima opinião, quanto dela nos informamos para iluminar os negócios do Estado... (Dando um último retoque no sinal postiço, com a voz modificada pela contracção dos músculos labiais a que obriga a feitura do artifício citado:.) E D. Diogo de Mendonça pensa igual a mim, que eu bem sei.

CARDEAL DA MOTA

(Gordo e rubicundo; semierguendo-se da cadeira, numa vénia.)

Perfeita. Santa pragmática esta, Majestade! Nem Salomão, com toda a sua sabedoria, legislava tão ao gosto e à vontade de Deus Nosso Senhor...

REI

*(Interrompe o Cardeal com um grito de dor; para o 1.º Criado.)*

Basta!! Cuida no que me fazes, bárbaro, antropófago!... *(Tira o pente das mãos do 1.º Criado, arremessando-o raivoso ao chão. Dirige-se ao Cardeal da Mota e a Diogo de Mendonça.)* Pela terceira vez, em menos de uma hora, me atropela e arranha o couro cabeludo! *(O Cardeal levanta-se; indignado, «maternal». Diogo de Mendonça compõe uma máscara de concordância que não esconde de todo a ironia latente. O Cavaleiro de Oliveira, sobre o qual a luz subiu um pouco, acorda atordoado com o ruído.)* Uma coisa destas...! Foge, denegrado! Que eu não torne a enxergar-te!

*(O 1.º Criado, amedrontado e perplexo, encolhe-se ainda mais.)* Apostaste em compor com a minha, a cabeça de Cristo no Calvário?! *(Pateando violento:)* Basta!! Vai-te daqui!... *(O 1.º Criado, às recuas, afasta-se para sair.)* Quedo, desgraçado! *(O 1.º Criado pára logo.)* A partir de hoje, deixas o serviço da minha câmara. *(O 1.º Criado dobra-se todo, quase a cair de joelhos, implorante, expressão de choro.)* Passarás a gastar as tuas... mimosas artes nas cavaliarias do paço. A pentear as cavalgaduras, se elas to consentirem! *(Batendo as palmas:)* Vai-te! *(O 1.º Criado sai, tremelicante. O Rei, a recompor-se, recosta-se na poltrona; mais descontraído, estende as pernas. Abanando a cabeça, ainda fêrvido, para o Cardeal da Mota:)* Oh!...

CARDEAL DA MOTA

*(Abanando logo a cabeça, indignado.)* Oh! ... *(Senta-se.)*

REI

*(Para Diogo de Mendonça.)* Oh!?...

DIOGO DE MENDONÇA

*(Revirando os olhos ao céu; cínico, formal.)* Oh.

*(Mais luz sobre o Cavaleiro de Oliveira. Enquanto dura esta fala do Cavaleiro, os Criados continuam a «toilette» do Rei, acrescentados dum 4.º Criado-cabeleireiro que veio substituir o 2.º Em silêncio, o Cardeal da Mota e Diogo de Mendonça conservam as respectivas marcações.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Reconhecendo o Rei.)* Sua Majestade!... *(Quase involuntariamente, ergue-se numa vénia. Senta-se. Para os espectadores, sorrindo, em tom confidencial:)* Está arrenegado! Mas passa. Passa depressa: A onda que lhe traz a ira, essa mesma lha leva... El-Rei é assim. *(No palco, o Rei expande-se numa sonora gargalhada, logo imitado pelo Cardeal da Mota, a medo, e por Diogo de Mendonça francamente.)* Estais vendo? *(Entre divertido e saudosos:)* Sua Majestade...! Deixai que vo-la apresente: Ao tempo em que acontecem as cousas que ora aqui vos narro, El-Rei tem quarenta e tantos anos, mostra-se já mais obeso que a varonil elegância permite, os seus grandes olhos amendoados são ainda sedutores, a face rósea arredonda-se-lhe em duas gastronómicas bochechas, a boca polpuda e o ávido nariz obrigam a pensar na voluptuosa e exigente propensão dos reais humores... Unidas estas parcelas no todo magnânimo a que pertencem, colhe-se a impressão duma agradável superficialidade, certamente inchada e altiva, mas nunca miúda, mesquinha ou aterrorizante. No conjunto, Sua Majestade podia, com muita eficácia, servir de exemplar suporte à ideia que qualquer de Vossas Senhorias com certeza terá daquilo que se costuma nomear como «galo bem emplumado» ou, que o mesmo é, «jarrão de muito ornato»... Todo vertido para o exterior da sua real pessoa, Sua Majestade só pensa quando fala. Por esta razão, sempre se acha rodeado de muito comércio humano que contrata entre os nobres e eclesiásticos

mais domesticados na arte de bem ouvir. Por esta mesmíssima razão, um bom conselheiro de Estado será tão-só aquele que, aproveitando com sábia economia os momentos de bonança que o real fôlego permite no mar encrespado do real e alteroso verbo... é capaz de dar, a tempo, a «deixa» indutosa que, de palavra em palavra, induzirá o real pensamento até à solução désejável: Deste jeito impellido a navegar no palavroso oceano mais propício, a certa altura Sua Majestade descobre, num relâmpago, o Cabo da Boa Esperança... Então, deslumbrado e deslumbrante, logo o aponta à tripulação, por igual boquiaberta: «Achei! Com o meu real discernimento mais a minha real bússola, encontrei o rumo certo! Por ele vos conduzirei e levarei até ao porto de abrigo.» (No palco, Sua Majestade, de pé, contempla-se ao espelho. Com os olhos, magnânimo e sorridente, pede a opinião dos interlocutores: O Cardeal da Mota acena que sim, embevecido; Diogo de Mendonça, gentil e formal, *idem*.) Após o que Sua Majestade, rendido à cansa de tão porfiado esforço do intelecto, descansa em paz o real assento (no palco, o Rei senta-se), molha e retémpera a pensante goela (no palco, o Rei sorve o licor que um dos Criados lhe oferece em salva de oiro) e repousa, enfim! (No palco, o Rei respira fundo, a seu prazer, estendendo comodamente as belas pernas vestidas de seda.) Pelo geral, El-Rei apresenta-se bem disposto e nunca desdenha de ouvir, ou contar, uma boa anedota fervida com basta especiaria... (No palco, o Rei mima a narração duma anedota: O Cardeal, sorrindo, vira pudicamente o rosto; Diogo de Mendonça ri com franqueza.) Nestes momentos, Sua Majestade como que retorna aos anos jovens, e na sua real e mesma pessoa se ajuntam, graciosamente, os espíritos dum estudante cábula e dum patifório arrufiado... Encantador, El-Rei D. João V! (No palco, o Cardeal da Mota puxa do terço, logo imitado pelo Rei e por Diogo de Mendonça: Os três, em silêncio, paparicam as contas. Não obstante, os Criados continuam diligentes e requintados cuidando a «toilette» de Sua Majestade.) Ah...! Bom, a

religiosidade de El-Rei é ponto sem discussão, por demais evidente. Rei absoluto, por directo encargo de Deus Nosso Senhor, Sua Majestade Fidélíssima e Cristianíssima encontra-se uma criatura singular, à parte do comum género humano, uma espécie de «menino bonito», filho primogénito do Deus Pai dos católicos: Pecador? Mas, com certeza. Todavia os pecados que comete, bem inquiridas as cousas, mais não são que birras ou gracinhas; e quando o Divino Pai lhe ralha, fá-lo sem séria convicção, um olho enrugado e sério, o outro liso e sorridente... Ante a magnânima generosidade com que El-Rei, cioso da honra e da glória do Pai Celestial, lhe presta o seu tributo de filho bem-amado, ao som das trombetas de ouro e diamantes... dos Brasis, que valor podem ter estes pequenos negócios de alcova, tudo cousas de somenos, «ceroulas mal lavadas de família», verduras mais próprias de rir?!

Filho amimado de Deus, cedo recebe do Divino Pai, como herança, as terras todas de Portugal: Quando usa e abusa desta fazenda, em proveito da sua real pessoa, e daqueles muitos e luzidos que lhe são moldura e adorno, El-Rei goza os legítimos direitos de dono que pode, segundo a sua real gana, esbandalhar como lhe aprouver os cabedais herdados, que a todos foi posto o selo das armas divinas... (Falsamente indignado:) Quem, assim sendo, ousará diminuir, de um grão que seja, este sagrado direito de Sua Majestade?! Terra, frutas naturais e armadas, gado humano e gado bruto... tudo é pertença d'El-Rei, de tudo a real vontade pode pôr e dispor. Filho dilecto, filho amado de Deus, ao Divino Doador oferece D. João em contrapartida, de entre as muitas cousas que possui, aquelas que mais dignas e próprias se lhe figuram: Ouro, pedras de muito apreço, sedas e veludos, rendas mais finas que vento, mirra e incenso, procissões sem conto nem fim, templos sem conto nem fim, autos-de-fé sem conto nem fim, estes magnanimamente adornados com hereges de todas as qualidades...! Filho amimado, sem dúvida; mas filho grato. Aliás, só quem for cego neste reino, não vê o muito que a El-Rei agrada a Divina Paternidade, a Celestial Família: Por cer-

to, mais que outra qualquer, a corte do Céu há-de ser rica, panejada, odorosa, altíssima no canto, magnífica no gesto!... Tão ancoradas se acham em Sua Majestade estas duas embarcações — a que navega para o doce corpo das mulheres, e a que aporta à Celestial Morada —, tão de contínuo viajadas pelo real timoneiro, tão amiúde trocadas as rotas originais, que... numa só e mesma barca, com o correr do tempo, ambas se tomaram: E hoje, quando gloriosamente El-Rei visita a Madre Paula no Convento de Odivelas, ou a Margarida do Monte na sua cela de Santa Rosa, aos dois amores — profano e divino — num mesmo ímpeto dá cumprimento, unindo numa só força o que antes dividido estava! Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade. *(Baixa um pouco a luz sobre o Cavaleiro de Oliveira. Aumenta a do palco.)*

REI, CARDEAL DA MOTA E DIOGO DE MENDONÇA

*(Arrecadando os terços.)* Ámen!

REI

Pois, Senhor D. Diogo de Mendonça, muito me apraz confessar-lhe quanto me agrada essa necessária e justa pragmática. Alvissaras por ela vos dou e darei! *(O Cardeal levanta o enorme cachaço, ciumento.)*

DIOGO DE MENDONÇA

*(Para o Cardeal, mordaz.)* Mercês de El-Rei, Eminência! Minha apenas será a exterior cosedura, a pobre casca das letras, sabida que toda a íntima matéria, todo o superior miolo, nados e criados foram na altíssima mente de Sua Majestade...

REI

*(Em brando e magnânimo protesto agradado.)* Oh!... Acaso, Senhor D. Diogo, cuidastes já de compor o adiantamento, que

excepção é também, que para essa lei vos recomendei? Atentai, Senhor Cardeal, pois certo estou que vos agradará...

DIOGO DE MENDONÇA

*(Lê, mal disfarçando a ironia.)* «Porém, nenhuma das disposições desta lei se entenderá a respeito das igrejas e do culto divino; para o qual continuarão livremente a fazer-se os ornamentos como dantes, por ser limitada demonstração do que devemos às cousas sagradas tudo o que podemos empregar na sua decência e riqueza. E, sendo necessário para uso das igrejas e seus ministros alguma cousa das que abaixo se proíbem virem de fora, se me dará parte para que eu permita a entrada delas como julgar conveniente.» *(Acabada a leitura, Diogo de Mendonça dobra serenamente o documento e fica-se olhando de soslaio a cena: Atitude respeitosa, atrás da qual espreita o autêntico desdém.)*

REI

*(Levanta-se, afastando os Criados.)* Então, Senhor Cardeal da Mota...?

CARDEAL DA MOTA

*(Vénia.)* Cem por um pagará Nosso Senhor a Vossa Majestade, em benesses de espécie vária, espirituais como temporais. Mui raras vezes, a grei desta Nação terá achado, para o seu rei e dono, um nome de tanto rigor e justiça: El-Rei D. João V, o Magnânimo! *(O Rei solta uma risada de prazer.)* Quem sou eu, Majestade, quem sou eu — pobre, rasteira e grossa pedra da Igreja de Cristo — para que da vossa real bondade tanto cuidado e favor mereça, qual o mais imerecido e magnânimo?! Oh, Majestade... *(Beija a mão ao Rei que, gracioso e contente, tenta com affecto ajudá-lo a erguer-se. Troça mal velada em Diogo de Mendonça. As três personagens, de súbito, imobilizam-se nas respectivas atitudes e expressões, enquanto a luz aumenta um pouco sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Observando divertido a cena muda e estática do palco. Gargalhada. Apontando para o Cardeal da Mota, montão de adiposidades que a dobradura da vénia torna mais deselegante e sangüínea. Para o público.)*

O Cardeal da Mota!... *(Gargalhada.)* Retrato acabado e mui perfeito da alimária a que sói chamar-se «mula». Neste particular caso de Sua Eminência, mansa no trato usual, de muito unto e doce zurro; na realidade disfarçando, com manhas várias, a sua mal domesticada vontade de escoucear... *(Gargalhada. Baixa a luz sobre o Cavaleiro. Volta a animar-se a cena do palco: Sua Eminência regressa ao seu cadeirão e o Rei aos seus ademanes.)*

DIOGO DE MENDONÇA

*(Afável e cínico.)* Dizei-me, Eminência, ficou a vosso gosto a baixela com que El-Rei Nosso Senhor, em filial impulso, vos quis honrar? *(Para o Rei:)* Magnífica baixela, Majestade! Outra ainda não vi mais rendada de fino lavor, mais gorda de prata antiga... Única neste Reino, direi mesmo por amor de verdade. Acaso sabeis, Senhor Cardeal, que El-Rei levou a magnânima paciência até ao ponto de, por seu próprio punho, riscar os motivos sobre os quais, à porfia, os mestres ourives sem descanso trabalharam?

*(Nova vénia do Cardeal; novo sorriso e magnânimo gesto do Rei. Os Criados vestem-lhe agora a casaca bordada.)*

CARDEAL DA MOTA

*(Celestial.)* Mil por um, em graças de toda a qualidade, receberá El-Rei de Deus Nosso Senhor!...

DIOGO DE MENDONÇA

*(Cortante.)* Pois então bem avisado andareis, Senhor Cardeal, se lembrardes a Deus Nosso Senhor, com quem em privado tratais,

o muito que já deve a Sua Majestade... só à vossa parte. *(O Cardeal dardeja um olhar agressivo, logo desfeito em santa humildade. O Rei ri, agradado.)* E os cavalos, Eminência? Vinte e dois formosos cavalos destinados às vossas carruagens, um por um escolhidos, com desvelos de amante e escrúpulos de exigência, por El-Rei, o Próprio? Conservais acaso ainda aqueles oito com que, em outra mais recuada ocasião, Sua Majestade vos presenteou? *(Sombras de raiva na expressão do Cardeal.)* Pelas nuvens do vosso parecer, temo que algum tenhais já perdido, de entre tão rara colecção...? Morte natural? Desastre em os caminhos? Ai, nestes alterosos tempos, o...

CARDEAL DA MOTA

*(Interrompendo, seco.)* Vivos. Todos vivos, Senhor Secretário de Estado. Poupai vossos cuidados e não vos afadigueis mais. *(Mutaçãõ rápida: Sorriso untuoso para o Rei.)*

REI

*(Concertando os rendados bofes, diante do espelho.)* Quanto vos invejo a excelsa memória, Senhor D. Diogo de Mendonça!...

DIOGO DE MENDONÇA

*(Vénia ligeira.)* Apenas para as cousas do vosso real serviço, Majestade.

CARDEAL DA MOTA

*(Falsa ingenuidade.)* Como El-Rei, mui digna de espanto e admiração encontro eu tal memória: Lembrais até o número das cavaladuras, com anos de separação!...

DIOGO DE MENDONÇA

*(Curvando-se gentilmente para o Cardeal da Mota, a sorrir, mas marcando bem a intenção pejorativa das palavras.)*

Serviço de Sua Majestade, Eminência. Acrescentando-se ao muito affecto com que vos distingue, há ainda a vontade que El-Rei tinha, e tem, de que Vossa Eminência não fique privado dos meios próprios para, dignamente, poder representar os esplendores do cardinalato a que Deus foi servido chamar-vos, para glória da Santa Madre Igreja e salvação das nossas pecadoras almas...

CARDEAL DA MOTA

*(Turvo, intencional.)* Como douto falais, Senhor Secretário de Estado. Da vossa alma cuidarei com particular cuidado e vigilante amor. Não o duvideis. Esclarecido e sempre mui sábio sois, Senhor D. Diogo de Mendonça, quando me avisais — com quanta caridade e esquisita delicadeza! — que, mais do que à minha pobre pessoa, foi a santa hierarquia da Igreja que El-Rei Nosso Senhor, fazendo-me mercê, quis honrar. Aquietai vosso espírito, D. Diogo: Nem por momentos, este vosso clarividente reparo deixa o meu coração. Nem de outro modo o consentia a humildade que devo a Cristo Redentor...

REI

*(Sincero, distraído embora.)* A humildade de Vossa Eminência a todos nos conforta e comove: Um santo, só com o ser, ao mundo inteiro purifica. Porque nos visitais tão pouco, Senhor Cardeal da Mota? O meu desejo seria ter-vos sempre comigo. E não só o meu: Também o da Rainha e o dos Príncipes. Venha, venha mais... *(Irritado, para o Criado que lhe ajeita a casaca:)* Não! Tira-me isto! Meu Deus, que cousa é esta?!... *(Palpando o tecido:)* Onde buscaram este horrível pano?... *(Despe, violento, a casaca; arremessa-a ao chão.)* Querem então que eu receba o Embaixador de Espanha, aparelhado deste jeito, vestido de burel?! *(Senta-se, vencido. Indignado:)* Oh!

CARDEAL DA MOTA

*(Idem.)* Oh!...

DIOGO DE MENDONÇA

*(Levanta a casaca do chão; apreciando o tecido, junto da luz.)* Seda nacional, Majestade. Da nossa fábrica do Rato. Vós mesmo autorizastes o inglês Robert Godwn a fundar e seguir com esta indústria... Boa medida foi essa, Real Senhor! Em tudo digna da vossa clarividência. Seda portuguesa. Aos entendidos bastas vezes tenho eu ouvido serem estas sedas do Rato em nada inferiores às que se fazem em Lião...?

REI

*(Batendo o pé.)* Pois digo-vos que mentem! Ou esses entendidos nada entendem de sedas. Atentai bem, D. Diogo, que nem um metro mais desse... desse feio e grosso pano deve ser encomendado por mim, ou pelos da minha casa. Nem um metro! O que ainda haja mister de comprar, para a régia comitiva ao casamento dos Príncipes, encomendai-o em Paris, em Londres, na Holanda... Pois quereis cuspir-me de vergonha, diante do estadão de Filipe V?! *(Mutação rápida. Para o Cardeal, logo gentil, amável:)* É meu firme desejo ver Vossa Eminência bem representada em pessoas, carruagens, cavalos, vestes, librés e arreios, nos festejos deste duplo matrimónio: Mandai-me nota de quanto precisais, que eu prestes vo-lo darei. *(Graciosamente, despede o Cardeal da Mota.)*

CARDEAL DA MOTA

*(Correspondendo.)* Grandiosos, auspiciosos e duas vezes formosos enlaces, Real Senhor! Sua Alteza o Príncipe D. José com a Infanta D. Maria Ana Vitória; a nossa mui querida infanta D. Maria Bárbara com o Príncipe das Astúrias, D. Fernando! Oh, Majestade, que sublime engenho, que soberana prudência mostrastes no negócio destes matrimónios! O nosso pequenino Príncipe!... Pensar que tantas e tantas vezes o sustentei nestes meus braços: A todos, já nesse tempo, infante de poucos anos, fazia passar de tão sisudo e sábio! *(Vénia de saída:)* Feliz, gloriosa Nação,

esta que vos tem como Rei e Senhor! *(Sai. Durante esta fala, na Câmara do Inquisidor-Mor, em silêncio e sem que este o note, entra o 1.º Inquisidor: Imóvel, como uma sombra, os olhos mergulhados no vulto orante do Geral.)*

REI

*(Que recebeu as lisonjas do Cardeal com muito aprazimento, observa agora a nova casaca que um dos Criados lhe apresenta.)* Sim... Esta é menos apagada e mesquinha... *(Veste-a.)* Sim, sim... *(Rompante:)* Olhai todavia que a visto pela segunda vez! Vedes isto, D. Diogo? Tão vil e mísera é a condição do Rei de Portugal que nem lhe é consentido estrear uma casaca para receber o embaixador de Filipe V, de Espanha! *(Mirando-se ao espelho:)* Bom, não me parece de todo mal...

DIOGO DE MENDONÇA

*(Insinuante, com manha.)* O pano de menos preço, quando incorporado por Vossa Majestade, a todos se figurará com ouro e prata tecido...

REI

*(Risada de satisfação.)* Mudaram os vossos humores, D. Diogo? Acaso virastes adulator?! Lembro-me que, em outros tempos, não desdenháveis pelejar comigo... Os anos vos quebraram o ânimo?

DIOGO DE MENDONÇA

*(Dúbio.)* Vós o dizeis, Majestade: Com a idade compreendi que, quando vos contrariava, a razão nunca estava comigo. Então aprendi a obedecer-vos como se cego fosse e... ganhei a paz da minha consciência.

72

REI

*(Imobilizado de repente, cerrando o sobrolho.)* Zombais de mim, D. Diogo?!

DIOGO DE MENDONÇA

*(Logo assustado.)* Eu, Senhor?! Dez vidas queria viver, para vos provar quanto vos amo, venero, respeito e admiro!...

REI

*(Voltando aos cuidados da sua pessoa, servido sempre pelos Criados afanosos.)* Algo então pretendeis. Também eu aprendi a conhecer-vos. Dizei depressa que cousa é. Lembro-vos que o embaixador de Filipe V aguarda audiência, há... *(vê as horas num grande relógio da época)* cinquenta e cinco minutos, exactamente. E que eu não queria fazê-lo esperar... senão aquele intervalo de tempo que permitem e justificam os degraus da natural escada que o Rei de Espanha sempre terá de subir para chegar até mim. *(Malicioso:)* Uma hora, foi a espera que comigo combinei. Cumpre-se pois nestes minutos. Que quereis vós, D. Diogo?

DIOGO DE MENDONÇA

Com efeito... Oh, Real Senhor, assusta-me a clareza com que ledes nas almas!...

REI

*(Vaidoso.)* Escuto. Dizei então?

DIOGO DE MENDONÇA

Breve serei, Majestade, pois breve e de pouca valia é o negócio em que, como intermediário para Vós, quase sem eu querer me rogaram e interessaram. De um cristão-novo se trata...

73

REI

*(Para os Criados, despedindo-os.)* Pronto estou. *(Para Diogo de Mendonça:)* Cristão-novo... mal enxertado em judeu velho, não o será?

DIOGO DE MENDONÇA

Não o julga tal o Padre António da Nóbrega, que foi quem comigo instou para junto de Vossa Majestade por ele interceder. Cristão-novo, suspeito de judaizar, saído reconciliado e penitente de São Domingos, no último auto-de-fé que lá se celebrou.

REI

Pois se saiu reconciliado...!?

DIOGO DE MENDONÇA

E penitente, Majestade. Com obrigação de, durante os seis meses a seguir, constantemente usar o hábito do Santo Ofício. Ora o rapaz — dum moço se trata, Majestade, com a tenra quebradura dos vinte e um anos que tão-só possui... — estuda leis em Coimbra, e de todo se lhe foge o gosto de viver, ao pensar a luta que, de tão vergonhosa maneira vestido, com o escárnio dos mais estudantes terá de travar...!

REI

Intentais pôr-me de mal com o Santo Ofício, D. Diogo? Em consciência — e vós o conheceis como eu! — não devo desmontar as sentenças dadas pelo Santo Tribunal, em nada, mesmo que de cousa miúda seja a questão. Pois não o sabeis?!

DIOGO DE MENDONÇA

Sei que vós sois o Rei, Majestade.

74

REI

*(Que logo enfuna, altivo.)* Dizei-me o nome...?

DIOGO DE MENDONÇA

António José da Silva, Majestade.

REI

António José...? *(Encolhe os ombros.)* Pois bem, eu não sou que vos diga não, D. Diogo: Componde vós mesmo o ofício que há mister de enviar ao Inquisidor-Geral, e anotai nele com toda a miudeza as razões e substância do pedido. Dai-mo depois, para que eu o acrescente com o parecer real e lhe ponha a real assinatura. *(Vendo as horas.)* Uma hora passada: Cumprida está a penitência do embaixador de Espanha. *(Divertido:)* Achá-lo-ei todo ouriçado, com a cauda aberta, fervido pela ira que, em cada três palavras do que me disser, o obrigará a comer uma...! *(Gargalhada.)* Aguardai-me aqui, D. Diogo. *(Trocista:)* A audiência é privada: Comigo estarão tão-só a Rainha e os Príncipes... aos quais, vós o sabeis, o Criador dotou talvez com muitas prendas e talentos, mas não certamente com o poder da oratória e a graça do movimento. Três estátuas, D. Diogo. Três nobres estátuas mui dignas de ver... quão mais longe, melhor. Esperai-me pois, que não tardo: Também o tempo que ao embaixador de Filipe V, de Espanha, será permitido ver e admirar o Rei de Portugal, também esse tempo terá de ser contado minuto a minuto, e naturalmente breve, por causa do respeito e salvaguarda que é mister manter entre pessoas de condição diferente, ainda que sejam reis essas pessoas...! *(Gargalhada. Sai.)*

*(Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira. Frouxa ao princípio, esta iluminação intensificar-se-á gradualmente, no correr da cena seguinte. Em silêncio, o Cavaleiro examina um maço de quatro ou*

75

cinco cartas, escolhe uma e abre-a: Lê com avidez inicial, logo se lhe mudando a expressão do rosto para um tom divertido, mordaz.

Na Câmara do Geral, sem o mínimo ruído, surge o 2.º Inquisidor, logo seguido por dois Inquisidores porta-archotes: Quedam-se os três, imóveis e silenciosos. Mais luz, portanto, neste sector do palco. O Geral e o 1.º Inquisidor mantêm inalteráveis as anteriores marcações.

Diogo de Mendonça, sozinho na Câmara do Rei, os olhos postos no sítio por onde saiu D. João V, encolhe os ombros com desdém e troça; boceja e espreguiça-se descontraído; passeia-se no quarto, com passos lentos e enfatiados; a certa altura, roçando-a com o corpo, a casaca do Rei tomba no chão; curva-se pesadamente para a levantar; por momentos fica com o tecido nas mãos, observando-o a sorrir, com ironia; de súbito, num ataque de violência, arremessa por seu turno a casaca ao solo. Senta-se. Com gestos lentos, tira dum bolso a caixa de rapé, aspira longamente uma pitada, estende as magras pernas em posição de relaxe; busca de novo a pragmática real e lê, entre agressivo e trocista.)

#### DIOGO DE MENDONÇA

...«pela obrigação que tenho de atalhar os prejuízos dos meus vassallos, não pude deixar de advertir com desprazer quanto lhes tem sido pernicioso o luxo...» (O riso sufoca-o, impedindo-o de continuar. Recosta-se mais na poltrona e todo se abre numa longa e raivosa gargalhada de escárnio. Baixa lenta e progressivamente a luz na Câmara do Rei. Cavaleiro de Oliveira bem iluminado.)

#### CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(Até agora, e durante a cena anterior, embrenhado na leitura da carta. Em dado momento, a expressão aligeira-se-lhe num sorriso mofino, vivo e comunicável. Volta a ler as mesmas linhas. Rebenta numa gostosa gargalhada que prolonga a de Diogo de Men-

donça, como um eco de escárnio. Para os espectadores, a ler, marcando com a mão livre as intenções mais importantes, em gesto musical e cómico.)

«Como Vossa Excelência me pede novidades, aí vão finalmente: Devemos ao Eminentíssimo Senhor Cardeal o aliviar-nos de raios, tempestades, trovões, etc., etc., que desterrou das folhinhas do ano, com fim de lhes negar as licenças. Devemos a Sua Reverendíssima o haver proposto a El-Rei que conseguisse do Papa o livrar-nos dos espíritos malignos e feitiços, que causavam neste reino tanto dano, não ouvia que os sentissem outras nações. Os padres tristes deram conta a El-Rei de uma feiticeira que caiu em seu poder: e creio que será este negócio o maior de estado deste governo. O diplomata Encerrabodes, não sabendo a quem havia de pedir uma carta credencial, pelo jogo do empurra em que se via, disse que o nosso governo era hermafrodita...» (Gargalhada, interrompendo a leitura:) Hermafrodita! Mas é prodigiosa, esta descoberta!... (Continua a ler:) «Isto não são contos arábigos, mas factos certos, acontecidos dentro da Europa culta...» (Suspense a leitura da carta. Para o público:) Esta carta chegou-me hoje de Portugal e assina-a Alexandre de Gusmão, um dos raríssimos homens de luzes que ora servem, combatem e sofrem contradição na corte de El-Rei D. João V. Suspeito do Santo Ofício, escusado estou de vo-lo dizer... (Prossegue a leitura:) Quanto aos mais negócios da Nação, todos eles de segunda importância, sabido que como principais apenas se contam aqueles que acima escrevi, mui pouco, ou nada, posso informar Vossa Excelência: Lavoura igual a zero. Indústria igual a zero. Comércio igual a zero. Moídos por todas as misérias deste mundo, os homens com algum valimento todos emigram para o Brasil, em cata do ouro e dos diamantes. Não há braços para lavrar as terras de Portugal. Mas ninguém do governo perde meia hora na meditação deste assunto. Temos de importar o trigo e até o azeite. De sobejo apenas o vinho, o qual traz o povo contente, vivendo no sonho das bebedeiras o que

a realidade teima em lhe negar. *(Interrompe a leitura. Para o público, gravemente:)* Com que cara pode El-Rei exigir do povo que dê a vida, nas guerras, para defender e garantir Portugal? Defender e garantir o quê, se ao povo nada pertence, salvo a fome, a doença, a perseguição... e a morte que, esta sim, está segura e certa?! Pois há-de obrigar-se o povo miúdo a lutar e morrer para que restem unos e indivisos bens... dos quais nem em diminuta porção ele participa? Para defender aqueles mesmos ideais que lhe mantêm as cadeias nos pés e nas mãos?! *(Com raiva, amarrotando a carta na mão convulsa. Baixa a luz sobre o Cavaleiro de Oliveira. Na Câmara do Rei, aumenta mais ainda a obscuridade: Comodamente instalado, em total relaxamento muscular, Diogo de Mendonça divaga pensando, os olhos no tecto, as mãos brincando com um qualquer «bibelot».*

*Mais luz na Câmara do Inquisidor-Mor que será, desde agora, o principal lugar de acção: Após alguma hesitação, o 2.º Inquisidor dirige-se sem ruídos até junto do Geral, sempre absorto na meditação, ajoelhado, de costas para a plateia; ao de leve, com respeitosa contenção, toca-lhe no ombro. O Inquisidor-Mor estremece e, não sem alguma estranheza, fixa o rosto encarniado e vulgar do outro: Fugidia expressão de desagrado. Levanta-se, em movimentos de fadiga, vagarosos. É um homem de sessenta anos, alto e magro, com um todo de macerado ascetismo que, imediatamente, despertaria ao espectador um sentimento de simpatia protectora, se o brilho metálico e abismal dos seus grandes olhos negros e incendiados não viesse interpor-se, cortando esta ligação afectiva. Lentamente, dirige-se para a sua pequena mesa de trabalho. Senta-se, de face para o público. O 2.º Inquisidor, em gestos medidos, quase receosos, deposita sobre a mesa um processo que abre na página conveniente. Em silêncio total, o 1.º Inquisidor — trinta anos morenos, ardentes e simpáticos — aproxima-se também da mesa, ficando estático por detrás, e a certa distância, do Geral Inquisidor.)*

2.º INQUISIDOR

*(Untuoso, voraz e falso.)* Dê-nos o seu conselho, Reverendo Padre: João Vasco de Santa Maria...

INQUISIDOR-MOR

*(Rígido, gelado, sem levantar os olhos do processo que folheia.)* Diminuto?

2.º INQUISIDOR

Desgraçadamente, Reverendo Padre.

1.º INQUISIDOR

*(Censura quase inteiramente escondida pela frieza incolor da voz.)* Posto a tormento?

2.º INQUISIDOR

Com tratos de polé. Instado, durante ele, a que fizesse confissão completa...

1.º INQUISIDOR

*(Cortante, fino.)* ...Com muita caridade...  
*(O Geral ergue a cabeça e fixa profundamente o 1.º Inquisidor.)*

2.º INQUISIDOR

*(Hostil, para o 1.º Inquisidor.)* Com muita caridade. *(Para o Geral:)* A soma de todas as culpas confessadas pelo acusado consta da acta notarial, Reverendo Padre... *(Abre o processo na altura própria. O Geral faz sinal de assentimento.)* Passadas as vinte e quatro horas que manda o nosso santo regimento, con-

vidado o réu a assiná-las (*intencional, para o 1.º Inquisidor:*) com muita caridade, perguntado sobre se era certo o que quando posto a tormento dissera, e se o afirmava, ratificava e dizia de novo, sem medo, força ou violência alguma... negou-se à assinatura e quis revogar as confissões antes feitas.

1.º INQUISIDOR

(*Ironia glacial.*) Aquietado então com doces e boas palavras, instado da parte de Nosso Senhor Jesus Cristo a que assinasse e obtivesse assim a misericórdia devida aos bons confitentes...

2.º INQUISIDOR

(*Fixando com ferocidade o 1.º Inquisidor.*) Assinou, enfim. Aos inquisidores, aliviados, pareceu desta vez tocado pela graça divina aquele demoníaco coração. (*Leve sorriso do 1.º Inquisidor, logo desfeito pelo olhar do Geral que terrivelmente o penetra.*) Posto de novo a tormento esperto, «in caput alienum», perguntado sobre os nomes e as culpas de quantos o acompanharam nas práticas heresiarcas... (*Suspiro de alívio, contentamento do dever cumprido:*) acabou por denunciar a lista completa de pessoas e pecados que aí podeis ler, Reverendo Padre (*indica a página.*) O apostólico suor dos nossos corpos e a porfiada dor das nossas consciências encontraram audiência junto de Deus Nosso Senhor, para Sua maior glória e triunfo da Justiça na Terra!

1.º INQUISIDOR

(*Sibilino.*) Muitos nomes, Padre?...

2.º INQUISIDOR

(*Hipócrita.*) Ai, muitos, desgraçadamente! Vós mesmo os verificareis: Dois padres da nossa Católica Igreja — (*intencional:*)

mais dois, Santo Nome de Deus! —, muita arraia-miúda, alguma gente de nação, fidalgos também...

1.º INQUISIDOR

(*Ambíguo, sempre.*) Boa nova nos trazeis, Padre! Em tempo algum os cofres da Santa Inquisição se acharam mais desprovidos e necessitados de substancial conforto... Boa nova! Alvissaras vos dou, Padre, por mais esta vitória sobre os inimigos da Fé! O vosso zelo e espiritual alegria, grande e alentador conforto são sempre para mim, acreditai. Mas neste particular caso, redobradamente o são. De facto, cousa de muita admiração é ver a luz pura do santo contentamento que vos anima, sabendo-se que, entre os denunciados, está desgraçadamente o nome de vosso tio, D. Fernando Vaz! Ai, Padre, essa gloriosa vitória sobre os afectos da carne, nunca eu a alcançarei!... (*O 2.º Inquisidor, rubro de cólera, «apanhado», todo se empertiga.*) Homem suspeito, de duro coração, me pareceu sempre vosso tio. Mas o sentir eu assim, me vinha de não ser ele meu parente carnal, que, sendo-o, por certo de desigual modo o veria. Isto mesmo, esta vossa vitória sobre as forças do sangue, é o que mais espanto me causa! Certo que as vis e mesquinhas vozes do mundo dizem, e apregoam, ter sido D. Fernando Vaz a causa principal de vosso defunto pai ter morrido sem reconhecer, a vós como filho bastardo, e a vossa virtuosa mãe como vítima indefesa da viril concupiscência... Assim sendo, esfriado estaria em vós o familiar afecto e mais suportável o triste desgosto. (*O 2.º Inquisidor, mal se contendo, a tremer, volta o rosto para o lado.*)

INQUISIDOR—MOR

(*Sem alterar o tom à voz que, no entanto, projecta uma implacável firmeza. Para o 1.º Inquisidor.*) Basta. Falas muito. Falas demais, Padre Diogo.

2.º INQUISIDOR

*(Com ódio mordido, para o 1.º Inquisidor.)* Certo é que meu infeliz tio consta entre os suspeitos. Jesus Cristo Nosso Senhor não veio trazer paz, mas a guerra. Vós o sabeis, Padre. Nada no meu coração canta mais alto que a vitória sobre os inimigos da Fé. Vós o dissestes, e é verdade. Alegre me acharíeis, tanto como hoje, se a denúncia tivesse caído sobre o meu pai, ou a minha mãe. Eu sou um Inquisidor! Mas... disse-me como descobristes D. Fernando Vaz entre os nomes heréticos? Tudo se fez no rigor de segredo que o regimento da Santa Inquisição aconselha e obriga: Como o soubestes?! Acaso possuís sobre as vossas tão celebradas virtudes, naturais como sobrenaturais, também o dom da profecia? Porventura fostes informado por alguém, de certo estranho à família inquisitorial? E como soube esse alguém o que nem o Reverendo Inquisidor-Geral, antes destes momentos, sabia?!...

1.º INQUISIDOR

*(Aparando o golpe, firme, a olhar o outro nos olhos.)* Sou Inquisidor! Sirvo no Santo Ofício há quase cinco anos: Vi bastante, meditei muito e algo aprendi...

INQUISIDOR-MOR

*(Sem erguer os olhos do processo.)* Viste pouco. Meditaste mal. Não aprendeste nada.

1.º INQUISIDOR

*(A sofrer, baixando a cabeça.)* Vi, meditei e aprendi quanto basta para ser capaz de condenar à fogueira um homem, contra a minha consciência.

INQUISIDOR-MOR

*(Força serena.)* Onde reside então o erro, Diogo? Na tua consciência? *(Cravando os olhos nos do 1.º Inquisidor:)* Ou na consciência do Santo Ofício?...

1.º INQUISIDOR

*(Sincero, torturado.)* Não sei... Não sei, Reverendo Padre.

2.º INQUISIDOR

*(Satisfeito agora.)* Por João Vasco de Santa Maria vim, Reverendo Padre. Por ele e pelo vosso conselho. Para tanto, mais devo dizer-vos: Passados que foram dois meses sobre as confissões confirmadas, o Diabo outra vez tomou conta daquela alma, e tão fundo lha mordeu que o réu chamou os inquisidores para, com repetida insistência, revogar tudo o que antes dissera!

INQUISIDOR-MOR

*(Inalterável.)* E como o fez? Pareceu-vos firme e resoluto?

2.º INQUISIDOR

Firme e resoluto. Em perfeito e inteiro uso do seu juízo e consciência. «Negativo», Reverendo Padre.

INQUISIDOR-MOR

*(Fechando o processo.)* Negativo. Quero interrogá-lo. Hoje ainda, esta noite. Para tal, dispõe o que for mister. *(Levanta-se. O 2.º Inquisidor beija-lhe reverentemente a mão e sai. Silêncio longo. Para o 1.º Inquisidor:)* Será, com toda a probabilidade, relaxado ao braço secular. Fogueira.

1.º INQUISIDOR

(*Agora deprimido, a tremer de angústia.*) Para que quereis então interrogá-lo?!...

INQUISIDOR—MOR

(*Sincero; abismal, terrível.*) Para, mais uma vez, oferecer aos meus olhos a visão monstruosa do pecado. Para fortalecer o meu ódio. Para levantar mais alto o estandarte do medo.

1.º INQUISIDOR

(*Descontrolando-se, dilacerado.*) Medo. Ódio. Medo, medo...! Eu odeio o medo!! (*Caindo de joelhos:*) Perdoai-me, Reverendo Padre...

INQUISIDOR—MOR

(*Após um longo e silencioso olhar que a simpatia vai humedecendo.*) Medo. O medo é preciso; indispensável. Até que na terra seja o reino de Deus. Longe: ainda estamos muito longe. Por ora, este mundo é o reino do Diabo. (*Força interior, olhar ardente, tomando a cabeça do 1.º Inquisidor entre as mãos, obrigando-o a fixá-lo:*) Tu és um Inquisidor, Diogo! Soldado do Santo Ofício, o teu combate acabará tão-só quando o reino de Deus for neste mundo. Pertences ao exército da Verdade, Diogo! E para que os homens vejam a Verdade, antes temos de lhes queimar nos olhos as escamas malditas do Demónio. Temor. Medo. Só o medo tem força para estrangular no homem a fome voraz do pecado. Medo, Diogo!

1.º INQUISIDOR

(*Libertando, com as lágrimas, a inquietação terrível que o possui.*) Mas... Reverendo Padre... eu não sei, eu não posso

ser um inquisidor! Duvido, duvido, duvido... Sou, inteiro, uma chaga da dúvida. Não, não sou capaz de lealmente servir o Santo Ofício: Castigai-me... por amor de Deus, deixai-me ir embora...! Quando assisto a um auto-de-fé... sinto-me morrer de vergonha, de nojo, de raiva! No domingo tive de fugir para... vomitar. Em cada vez que a mirada dum daqueles desgraçados pousa em mim, sinto-me com vestes de carrasco, com olhos de carrasco, com alma de carrasco... (*Numa convulsão de choro, escondendo o rosto no colo do Geral:*) Eu não sou um carrasco!!...

INQUISIDOR—MOR

(*Cabeça erguida, tronco rígido, uma sombra de melancolia toldando-lhe os olhos terríveis; as mãos brancas, quase transparentes, vão acariciando a cabeça do 1.º Inquisidor.*) Carrasco de Deus. Carrasco por amor da Verdade. Carrasco para o advento da Justiça.

1.º INQUISIDOR

(*Quase infantil, impetuoso.*) Salve-me, Reverendo Padre! Eu queria ouvir-vos, queria...?! Respeito-vos, mais que a outra qualquer criatura deste mundo... Eu amo-vos, como se vós fôsseis meu pai na carne!... Mas não posso, não sei obedecer-vos! Não sou capaz.

INQUISIDOR—MOR

És, Diogo. Tu cumpres. Padre Diogo, Inquisidor!

1.º INQUISIDOR

Cumpro na contradição, na desordem, em luta. Todos os dias, em cada hora, penso... sinto que o Santo Ofício não é, não pode ser!, fruto da vontade de Jesus Cristo, Nosso Senhor. Que... que o Tribunal da Inquisição tem condenado à fogueira muitos

homens inocentes de obras, ou sequer pensamentos heresiarcas...  
Inocentes, Reverendo Padre!

INQUISIDOR—MOR

Algumas vezes o Santo Ofício terá sido injusto, e condenado à morte inocentes. É verdade, Diogo. Pelo humano erro, particular a todo o tribunal terreno; ou por deliberação consciente. (*Com redobrado fogo interior:*) E então? Qual o valimento e significação desses míseros erros, diante do objecto final do nosso combate? Diante da luz imperecível que dele irradia?! Eu amo e desejo os autos-de-fé. Desejo-os com todas as potências do meu coração e da minha consciência! Os autos-de-fé, os queimadinhos, são o reflexo, ainda que pálido e distante, da face irada de Deus! São gritos vitoriosos da Justiça conspurcada, amostras a parentes de quanto pode o inquisitorial exército, espectáculos do Medo! Crê, Diogo, que só o medo tem poder para arrancar o Homem dos braços malditos do Demónio. Pelo menos neste passo da história do mundo. Sim, meu filho, mais que a tudo, eu amo as fogueiras do Santo Ofício, os gritos de dor dos condenados, o cheiro das suas ardidinhas carnes, a luz implacável e bela das chamas! Queria, queria com todas as minhas forças, vê-las brilhar neste reino endemoinhado, desde o Norte até ao Sul, cada vez mais numerosas, mais e mais!... Queria que fosse à luz purificadora das fogueiras da Santa Inquisição que todos vivessem, laborassem, gerassem filhos e morressem, neste reino de Portugal! Por esta causa combaterei, até ao derradeiro momento da minha vida. (*Tomando de novo entre as mãos crispadas a cabeça do 1.º Inquisidor:*) Medo, Diogo. Tu és Inquisidor, um cavaleiro do Medo! (*Diogo transido, prestes a desmaiar.*) Cada homem, o mais ínfimo e vil, possui duas vidas: Uma pobre e temporal, a outra magnífica e eterna. Como hesitar?! Miseráveis e fracos, tendentes ao pecado como o porco à sujidade, os homens enganam-se: tresmalhados por bens ilusórios, trocam

o infinito pelo efémero passadiço: O Santo Ofício os *obrigará* a bem escolher!! Supliciados injustamente? Vítimas inocentes da Santa Inquisição? Muitos o terão sido e, por certo, muitos outros o virão a ser! Mas estes mesmos não perdem, ganham: O seu sofrimento não é já penitência, antes ofertório de mártires; do fogo, subirão até ao seio de Deus, ao canto da eterna glória. Não são vítimas, Diogo, antes eleitos. Salvando-se, ajudam a salvar muitos outros: O clarão bendito dos seus corpos em brasa permanecerá nos olhos atemorizados de muitos, muitos homens, como memória vigilante, sentinela do pecado, mordacha do crime...! Crê em mim, Diogo; da parte de Nosso Senhor Jesus Cristo, te intimo a que creias em mim: Acredita que, até quando se engana, o Santo Ofício faz obra de salvação eterna; até quando é injusto, o Santo Tribunal realiza actos de Justiça divina. Tu és Inquisidor, meu filho!

1.º INQUISIDOR

Não sei, Reverendo Padre, eu... duvido, e sofro, sofro...! Vivo no terror, em perpétua contradição. Ontem ainda, aceitei dar audiência a um cristão-novo, um moço de vinte anos, que o Santo Ofício teve preso meses e meses, torturou com tratos de polé, e por fim fez sair reconciliado... (*amargo:*) e penitente, com a obrigação de usar, sem interrupção, o hábito infamante que vestiu no auto público da fé: Vinha rogar-me que o libertasse desta penitência, pois que, sendo estudante em Coimbra, se sentia sem ânimo para assistir às aulas, assim preparado...

INQUISIDOR—MOR

Libertaste-o da penitência?

1.º INQUISIDOR

(*Vencido.*) Não, Reverendo Padre.

INQUISIDOR—MOR

Fizeste bem, Diogo.

1.º INQUISIDOR

Perdoai-me, Reverendo Padre, mas fiz mal! Eu vi-o, ouvi-o gemer e chorar durante mais de uma hora, escutei as suas razões e dúvidas... Senti o seu medo, o terror que lhe gela o coração, e as tripas, e o entendimento...! Aquele rapaz, em pouco tempo, cortado estará do comum tino dos homens... Louco, Reverendo Padre, louco será! O Santo Ofício estragou-o, cobriu-lhe com os crepes do medo todo o juvenil impulso, mudou-o num mísero animal acossado, de todos fugidio...! (*Violento:*) Fomos nós, foi a Santa Inquisição, fui *eu!* E ele está inocente. (*A tremer, aproximando-se mais do Geral, rosto com rosto:*) Inocente, Reverendo Padre!! (*Logo abatido:*) Quando partiu, deixou-me o frio que, dia e noite, o faz tremer: Senti-o nas paredes da cela, na manta que me tapava, nos meus beijos, nas mãos, em cada um dos meus ossos, na alma, no coração... É horrível!!

INQUISIDOR—MOR

(*Impassível, forte.*) Nome. Acusação. Inquisidor.

1.º INQUISIDOR

(*Débil.*) António José da Silva. Suspeito por culpas de judaísmo. (*Hostil:*) O Inquisidor principal... há pouco saiu daqui.

INQUISIDOR—MOR

Com prudência e inquisitorial inteireza andaste, neste, como em outros passados processos. Assossega o teu coração,

dá repouso ao pensamento: Obedece, meu filho! (*Com quase ferocidade interior:*) Obedece. Só uma virtude te falta para seres o Inquisidor angélico, diamantino, que o Santo Ofício exige e busca: A obediência. Obediência total, sem folgança, nem fuga. Obediência na vigília e no sono, na paz da certeza e na coceira tnhosa da dúvida, entre os gritos da dor e entre as floridas pétalas da alegria. Obedece, Diogo! Não perguntes mais, não inquiras mais: não julgues mais: Mergulha nas águas fundas da Fé, não teimes em nadar para riba, não cedas à tentação de respirar o hálito fumoso e terreno da mortal razão. Obedece!

1.º INQUISIDOR

Não posso, Reverendo Padre. Perdoai-me... Nunca serei um Inquisidor.

INQUISIDOR—MOR

(*Num movimento felino toma, entre as suas, as mãos do 1.º Inquisidor, obrigando-o a levantar-se com ele.*) És, Diogo! Tu serás um Inquisidor. Tens todos os dons próprios, os mais raros, os mais secretos; estás possesso deles, sem medida nem limites, com a liberdade e a vertigem da santa loucura: Criando-te, desde toda a Eternidade, Deus pensou-te Inquisidor! Voz incandescente e imaculada da fúria de Deus, braço executor e implacável da Sua Justiça! Crê em mim, Diogo, ordeno-te que creias em mim. (*Com violência agarra a cabeça do 1.º Inquisidor; olhos nos olhos, as bocas quase a tocarem-se; algo de sexual e possessivo, gelado e abismal.*) Entre os gritos esguedelhados da dor, na humilhação da dúvida que te açouta, eu vejo nos teus olhos a agonia das derradeiras sombras nocturnas... vejo, Diogo! A luz indivisa e ferocíssima da Divina Verdade nasce nos teus olhos, imorreidora, terrível, indomável... Tu és um Inquisidor, meu, filho!! (*Exausto, quase vacilante, larga a cabeça do 1.º Inquisidor, e vem a 1.º plano; desdenhoso, nauseado:*) Cuidas tu que não

conheço a impureza, a cupidez, o venal humor de tantos e tantos dos padres ora arregimentados no Santo Ofício? Pensas então que não sei qual a raça miúda e vil, a cujo rasteiro rebanho pertence aquele que há pouco daqui se foi? Porcos ávidos de excremento, cegas toupeiras, mestres tão-só na arte de contar dinheiros, fingidores de Jesus Cristo...! Conheço-os, vomito-os de nojo e... consinto-os: Nesta hora, ainda tão mal semeada, do Santo Tribunal da Inquisição, eles valem o estrume que aduba e prepara a terra. Isto, e não mais! Mesmo sem que o entenda o seu mascarado discernimento, sem que o queira a sua partida vontade, eles servem a seara; a final colheita do Santo Ofício. Por esta razão, os mantenho e seguro, com violência sobre o meu natural sentir. (*Mutação brusca, voltando para junto do 1.º Inquisidor; ansioso, quase tímido:*) Por amor de Deus, pela sagrada obrigação que com a Justiça e a Verdade háis feito, te rogo, imploro e mando: Ajuda-me!!

1.º INQUISIDOR

(*Vencido; fervorosamente, cai de joelhos e beija a mão do Geral.*) Obedecerei. Como vos aprouver, usai da minha pobre pessoa. Obedeço, Reverendo Padre.

INQUISIDOR—MOR

(*Alegria macerada.*) Nunca o duvidei, meu filho. (*Despedindo-o:*) Vai então. (*Lentamente, humilde e alquebrado, o 1.º Inquisidor encaminha-se para a saída.*) João Vasco de Santa Maria (*o 1.º Inquisidor pára logo, sem se voltar*) será entregue ao braço secular, e queimado. O judeu, com justiça, ou contra ela, cumprirá a penitência do Santo Ofício. (*Baixando mais ainda a cabeça, o 1.º Inquisidor sai da cena. O Geral Inquisidor, o rosto contraído numa expressão de esforço doloroso, fica ainda uns momentos parado e imóvel, os olhos pre-*

*gados na saída; com passos que a fadiga faz lentos e incertos, dirige-se de novo para o genuflexório e recai em oração.*

*Luz na Câmara do Rei. Precedido por dois Fâmulos que, profunda e graciosamente curvados, lhe dão passagem, surge D. João V: Imponente, radioso, absoluto. Logo Diogo de Mendonça se levanta e curva em vénia cortês. Os Fâmulos afastam-se mais, alargando a entrada, ao mesmo tempo que se ilumina a antecâmara, onde aparecem, visíveis aos espectadores, a Rainha, o Príncipe e a Princesa: A Rainha D. Maria Ana de Áustria, uns passos atrás do Rei, grande, submissa e saudável como um repolho de lavra excepcional; lado a lado, recuados em relação à sua real mãe, estão o Príncipe e a Princesa, nem bonitos nem feios, insignificativos não obstante as sumptuosas vestes que envergam. Os três, tal como Diogo de Mendonça e os Fâmulos, mantêm-se em postura de vénia, com o respeito de quase religiosa devoção ao Rei: Sua Majestade Magnânima domina e a todos apaga; neste grupo de cabeças reverenciadas e olhos não ousando subir acima dos reais pés, a face altiva de D. João V impõe-se, redonda, colorida, farfalhuda e inexpressiva como um girassol.*

*Vai diminuindo gradualmente a luz em ambas as Câmaras, concentrando-se nas figuras do Rei e do Inquisidor-Mor. Ao mesmo tempo, o Cavaleiro de Oliveira surge também iluminado. Uns segundos assim. Escuro total no palco. Mais luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Certo é que o nosso jovem António José da Silva obrigado foi ao cumprimento da ignominiosa penitência. (*Com desdém indignado:*) Este Tribunal do Santo Ofício!... Não achou outro remédio senão voltar a Coimbra, para lá dar seguimento aos seus estudos de Direito: Entre a cruel surriada de muitos, o ódio desatado de mais ainda, e porventura a compaixão temerosa e escondida de alguns poucos, lá se foi arrastando de aula em au-

la, vestido sempre o hábito infamante que o «Judeu» — como já por esse tempo lhe chamavam... — usava com gosto igual àquele com que se meteria dentro duma camisa de fogo esperto... (*Aspira uma pitada de rapé.*) Mas ao cabo, não há agonia, por mais trabalhosa, que não veja chegado o seu fim. E António José tem vinte e um anos!... (*No palco, agora liberto de quaisquer adereços, envolto apenas em panejamentos negros, aparece António José da Silva, iluminado por um foco de luz: Em atitude corporal de fundo desalento, triste e meditabundo, enverga o traje comum aos estudantes de Coimbra setecentista.*) Nesta formosa idade, por mais negra que seja a noute onde se prendem as raízes duma vida, a própria força do sangue obriga o corpo que a vive a voltar-se para o Sol, a desentranhar-se em folhas, flores e frutos de saborosa cor!... (*Uma Rapariga do Povo atravessa correndo o palco, logo perseguida por um Estudante faunescos: Risos, gritos de prazer. António José, assim despertado da sua melancolia, levanta a cabeça e fica-se observando o par com os olhos ateados, sorriso mordiscante nos lábios, narinas frementes. O Cavaleiro de Oliveira seguiu também a perseguição, com uma nostalgia erótica, cheia de malícia.*) Ai, a mocidade...! Aos dezasseis anos, foi quando eu comecei a... Perdoem Vossas Senhorias, que prometi não vos entediar mais com os contos da minha descabeçada vida. E, ao menos por esta vez, cumpro a promessa. De António José pois me ocupo, e vós comigo: Dizia-vos do remédio que há na juventude, e da triaga dormideira que sempre é o tempo para as humanas desgraças. O tempo que, com pôr-nos inclemente a rugosa máscara da velhice, com paterna clemência nos cala a memória dos gritos, tingem de manso azul o vermelho do sangue, e apaga com marítimo vento as chamas dos queimadeiros... (*Simultaneamente, mas em sentidos opostos, cruzam o palco dois pares que, como o primeiro, em jogos de amor se perseguem. O Cavaleiro de Oliveira interrompe-se numa gargalhada prazenteira. António José da Silva, quase involuntaria-*

*mente, entra no rodopio: Riso na boca, olhos em brasa, instinto a galope. Correndo, atravessam o palco duas Raparigas do Povo, estas sem perseguidores: O Judeu hesita uns momentos e depois, desenfreado, abala atrás das moças. Gritos gostosos, risos; música popular ao longe.*) A juventude... o amor...! À fé de quem sou, vos juro, formosas damas que me escutais, que, com a idade de cinquenta anos que tenho feitos, continuo a servir-vos e ao amor! (*Vénia galante.*) Ainda não alcançara os vinte, quando perdi siso, saúde, cabedais e vontade por uma lindíssima cigana, a Joana Vitorina. Vinte anos...! Era uma novilha de raça, com lume nos olhos malvados, força de varão nos braços raivosos, e todas as manhas e artimanhas do Diabo no sangue vadio... Joana Vitorina! Estavam então em moda as mulheres malnascidas, as ciganas à frente de todas elas. El-Rei, Nosso Senhor (*vénia*), dava-nos exemplo e mote: Ninguém ainda esqueceu as tonterias que Sua Majestade, com o freio nos dentes, fez e refez por causa da Margarida do Monte! (*Ri baixinho, guloso.*) Por esta aleivosa e rabiana cigana, enfeixado num molho de ciúmes e cuidados, El-Rei marrou a torto e a direito, em tudo e em todos que a ela adregassem de chegar-se, bem preparada antes a real fronte com a córnea armadura...! Pois um medo de contradita vos afirmo que a minha Vitorina excedia a Margarida em ... (*brejeiro:*) valimentos de toda a espécie: Naqueles seios, naquelas ancas, é que o mundo começou de novo, após o universal dilúvio... (*O palco é invadido por um turbilhão de Estudantes e Raparigas do Povo, tocando bailando, cantando e folgando, segundo a época e o local. António José, entre as duas Raparigas, faz como os outros. Estes formam roda, dançando à volta do Judeu e dos seus dois pares.*)

#### 1.º ESTUDANTE

(*Para António José, camarada, rindo.*) Quem viu cousa mais mole e compassada? (*Marcando com palmos o compasso:*) Assim... assim...! (*Para os outros, em troça juvenil:*) Olhai que

António José vai de penitente na procissão: Arreda, arreda, dai passagem ao andor! (*Risos.*)

2.º ESTUDANTE

(*Com simpatia, para António José.*) Assim bailam os gentios dos teus Brasis... (*Rodopiando com o respectivo par.*) Aqui doutro jeito é!...

3.º ESTUDANTE

(*Sem maldade.*) Atenta, judeu fornicador, que já te espera o Inferno: Uma mulher não é folguedo bastante para ele! São-lhe precisas duas... ou mais talvez!... (*Risos.*)

2.º ESTUDANTE

(*Falsa ingenuidade.*) E eu cuidando que aos judeus era defeso comer carne!...

1.º ESTUDANTE

(*No ardor da dança, ébrio de prazer; sem ódio.*) Sus, sus, judeu!!... (*Ferido por este «judeu!»*, António José pára de súbito: *Taciturno, agressivo, expectante.*)

ESTUDANTES E RAPARIGAS DO POVO

(*Fazendo e desfazendo, vertiginosamente, a roda em torno de António José. Entre risos, possessos de Diónisos.*) Judeu! Judeu! Judeu!... (*Correndo, saem todos de cena. Com António José, fica apenas o 4.º Estudante.*)

4.º ESTUDANTE

(*Rápido, com passos medidos e firmes, aproxima-se de António José. Com ódio e nojo autênticos.*) Judeu! Cão judeu!! (*Cospe-lhe no rosto. Sai, a correr. António José, num gesto logo*

*abortado, leva a mão à face; arranca uns passos em perseguição do 4.º Estudante; pára, desalentado, sem energia. Lentamente, em movimentos pesados de fadiga, tira da algibeira um lenço e limpa a cara. Vai até ao F. C., derrotado, outra vez no poço fundo da sua desdita. No palco, a luz vai diminuindo o campo de iluminação, até se circunscrever apenas à figura de António José da Silva.*)

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(*Indignado.*) Ah, selvagem! Cobarde!... Sabeis acaso o nome daquele afoito estudante que, de tão vil maneira, acaba de ofender António José, tão-só para lhe apodrecer a fugaz alegria? Com negro prazer vo-lo digo, e bem quisera poder apregoá-lo nos gritos de cem trombetas, para maior vergonha sua: Manuel Teles da Silva, futuro Marquês de Alegrete! Um feito único — este apenas e nenhum outro mais! — celebra e faz lembrar a sua estúpida vida: «Com uma só estocada, é capaz de decapar a cabeça do touro mais ardido e valente!»... Com este glorioso feito, por causa desta bruteza, desta vitória de alimária contra outra alimária, digo-vos que consegui favor e preferência de toda a gente grada de Portugal, a começar por El-Rei! Mais que sábios e santos, que também os há no meu desgraçado país, esta nobre cavalgadura de muito músculo e pouquíssimo miolo, é disputada e querida à mesa do rei, dos príncipes e dos mais ilustres fidalgos...

(*Silêncio cheio de conjecturas, um sorriso a desenhar-se-lhe nos lábios.*) Penso... imagino qual o julgamento que das gentes altas do meu tempo hão-de fazer os portugueses vindouros que isto lerem, ou ouvirem contar? Aqueles felizes mortais que terão a dita imerecida de viver no Portugal do século xx?... Como lhes há-de parecer absurda e improvável a celebridade deste Alegrete, e a de tantos outros a ele similares! Como se hão-de rir da sociedade que os admite e favorece!... Notabilizado,

porfiadamente discutido e benquisto, tão-só porque, no intervalo das bestiais comezainas, pega no estoque e... corta a cabeça aos touros!... (*Novo ataque de tosse brônquica.*) Judeu... cão judeu...! Peço-vos para não duvidardes do ódio do Alegrete contra António José: É sentido, de funda raiz e muito poder. Ódio cego, animal: ódio de cão a gato, de gato a rato... No Alegrete e nas gentes que, com ele, gozam de muitos privilégios herdados com o sangue e de mui poucos erguidos pelo merecimento próprio, nesses que, pela mesma natureza do seu estado, usufruem magicamente benesses de muito preço e cadeias de muito jugo sobre a grossura do povo, nesses é que a lepra destes ódios, mágicos porque irracionais, se pega e alastra com a força dum incêndio... São, são mui perigosos os Alegretes, e bem pouco avisados andarão aqueles que, rindo, os julgarem de ânimo ligeiro.

*(Entram no palco alguns Estudantes que, seguindo a anterior linha de encenação, funcionam como porta-objectos, criando com estes o ambiente dum quarto estudantil, na Coimbra do século XVIII. A luz estende-se a todo o palco. António José da Silva, sentado em cadeira pobre, escreve sobre uma pequena mesa. Sentimo-lo fortemente, a descarregar desesperos e angústias no papel.)*

#### CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Em silêncio, muito atento, observa António José da Silva. Pouco a pouco, a expressão de ira foi-se-lhe mudando, adocçada por uma crescente ternura. Para os espectadores, o dedo nos lábios, a voz segredada.)* Achou. António José achou um mar, largo e fundo, para desaguar o rio dos seus tormentos e medos: Escreve! Que escreverá ele? Versos... Conversas para os bonifrades?... Achaste, meu rapaz! Estás salvo... Desse jeito, vivendo, te vais cumprir. *(Pé ante pé, entram no quarto o Estudante Loiro e o Estudante Moreno: Vão colocar-se atrás do Judeu que, absorto, não dá por eles.)* Olhai que não vê nada, que

nada escuta... Escreve com a mesma fúria de paixão com que um qualquer mortal se ceva na mulher amada. Encontrou-se; António José da Silva encontrou-se com o mais remoto, profundo e autêntico dos seus rostos: o da poesia dramática. Que maravilhoso achado! O sangue faz-se verbo. E o verbo ressurreição. A injustiça, o ódio e a violência acabaram por rasgar todos os véus que entre o poeta e a poesia, confundindo-os, se interpunham: Agora juntos serão... até que tudo esteja consumado. Olhai, contemplai-o neste momento: Caem lágrimas dos seus olhos... Não, não tenhais pena: Aquelas lágrimas são das que apagam braseiros de raiva nos humanos corações. Estamos vivendo com António José, eu e Vossas Senhorias, uma grande, formosa e infindável hora: Gerada na ignomínia, parida no fel e vinagre da desesperança mais negra... a poesia do teatro sucede, dolorosa e clamante, com lágrimas de riso, imaculada!

*(António José releu o que antes escrevera, e todo se projecta numa gargalhada nervosa, amarga. Os dois Estudantes, involuntariamente, riem também: Dando pela sua presença, o Judeu põe-se de pé num salto para, ardente, lhes ler o trecho seguinte, extraído da sua «Vida do Grande Dom Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança». Caricatural, grotesco quando necessário, António José não se limita a fazer uma mera leitura: Representa a fala de Sancho, metendo-se na pele da personagem. Enquanto o faz, vão surgindo no palco, mais acima, mais ao lado, recortando-se na cortina negra, janelas iluminadas intensamente, cada uma das quais será centrada pela face divertida dum Estudante. Este, sempre seguindo o tipo de encenação escolhido para esta peça, é o porta-caixilho da respectiva janela. Durante a leitura-representação, António José da Silva é várias vezes interrompido pelos aplausos e gargalhadas dos Estudantes, cada vez mais numerosos, aos quais se associa o Cavaleiro de Oliveira.)*

«Sabei primeiramente, que isto da Justiça é cousa pintada, e que tal mulher não há no mundo, nem tem carne nem sangue... porém como era necessário haver esta figura no mundo, para meter medo à gente grande, como o papão às crianças, pintaram uma mulher vestida à trágica, porque toda a Justiça acaba em tragédia; taparam-lhe os olhos, porque dizem que era vesga, e que metia um olho por outro; e como a Justiça havia de ser direita, para não se lhe enxergar esta falta, lhe cobriram depressa os olhos. A espada na mão, significa que tudo há-de levar à espada, que é o mesmo que a torto e a direito. Os doutores que falam nesta matéria, não declaram se era espada, colabrina, loba ou foliga; mas, eu de mim para mim entendo que desta espada a folha era de papel, os terços de infantaria, os copos de vidro, a maçã de craveiro e o punho seco; na outra mão tinha uma balança de dois fundos de melancia, como as dos rapazes; não tem fiel nem fiador, mas contudo dá boa conta de si, porque esta moça se não tem quem a desencaminhe é mui sisuda»...

*(Gargalhada uníssona de todos os Estudantes. Palmas. A tremer, com os olhos em fogo, António José passeia a vista pelos rostos ébrios de riso. Nele misturadas a força da vitória e a raiva da vingança, mantém-se assim uns momentos, estático e febril. De repente, todo se projecta num salto-piruetta à maneira da «commedia dell'arte»: Chocarreiro, jogralesco, agradece os aplausos. É então que, ao levantar a cabeça, os seus olhos se encontram com os do Estudante Pálido. Este, cuja sinistra palidez — brancos, verdes e azuis — é ampliada pela boca sem lábios e pela frieza dos olhos sibilinos, seguiu a representação desta cena da «Justiça» com uma atenção inquietante, sem nunca rir francamente, apenas mostrando um fino sorriso cruel, não bastante para abrandar a tensão amea-*

*çadora e fugitiva dos olhos. Como que hipnotizado, António José não pode desviar a vista do Estudante Pálido, logo crispado o riso na boca, mal desfeita ainda a curvatura dos agradecimentos. Os outros, sentindo, antes de compreenderem, este silencioso fluido estabelecido entre o Judeu e o Estudante Pálido, vão, pouco a pouco, arrefecendo o riso nas bocas... Uns após os outros, todos cerram as janelas. Os Estudantes Loiro e Moreno, hesitantes ainda, acabam por sair também, receosos. Em cena estão, agora, apenas António José e o Estudante Pálido, unidos sempre no mesmo enleio riscado de terror: Cada vez mais inseguro o primeiro; o segundo inalteravelmente imóvel, estático, o mesmo sorriso cortado nos lábios sem cor. De súbito, o Judeu, não podendo conter mais o terror, volta-se convulsivamente de costas para o Estudante Pálido; cobre a cabeça com a capa, no jeito infantil de «se proteger»; aguarda, em expectativa ansiosa, terrível... O Estudante Pálido apenas acentua mais o sorriso cruel; em movimentos pausados, precisos, fecha a janela; desaparece. Silêncio. António José, a medo, volta-se e verifica a saída do outro. Então, numa corrida-descarga, vem até ao primeiro plano; tropeça e cai de bruços. A luz de cena vai diminuindo, para toda se concentrar num foco dirigido à face do Judeu: Olhos desorbitados, lábios entreabertos e trémulos, movimentos descomandados das mãos. Possesso do medo, António José como que implora auxílio aos espectadores.)*

## CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Com desgosto e revolta.)* Medo. O mesmo medo que enruga a mais pura alegria, que gera cobras na cama dos amantes, que deita neve nos mais negros cabelos, que seca o leite no peito das mães... No meu país quem governa é o medo! Os olhos e os ouvidos do medo crescem e multiplicam-se por toda a parte: Nem o pai, nem a mãe, nem a esposa, nem o irmão servem de porto abrigado; armadilhas de traição eles

podem ser também. Em Portugal, as varejeiras do medo por toda a banda voam e em todas as cousas, vivas e mortas, de imprevisto pousam. Muitas, muitíssimas são; sem conto, realmente. As nojentas, as arditosas, as pestíferas varejeiras do medo! (*Aponta enérgico para o sítio do palco onde o Estudante Pálido, meio oculto entre as pregas da cortina de fundo, aparece espiando o Judeu:*) Espião miserável, varejeira maldita!! (*O Estudante Pálido, como uma sombra, logo desaparece.*) Conhecem-se pelo fedor a podre, pela luz assassina dos olhos... (*Levanta-se com ímpeto; escarninho, desesperado:*) Na Europa civilizada, Portugal é a fortaleza do Medo; espiões e polícias, os seus alicerces e guarda!

(*Sinos anunciando a saída de mais uma procissão para auto-de-fé. Abre-se a cortina do fundo e surge, bem iluminada, uma panorâmica da Lisboa setecentista. Na penumbra, o Cavaleiro de Oliveira senta-se, pesado. António José, num calafrio, cobre a cabeça com a capa; assim ficará, iluminado por luz focal, durante a cena seguinte: Caído no chão, envolto em pano negro; volume abjecto, corrido por frémios convulsivos.*)

A cortina panorâmica (painel de azulejos?) de Lisboa, por transparência, deve permitir ao espectador distinguir, tão longe quanto possível — uma no extremo direito, a outra no extremo esquerdo —, a porta do Palácio da Inquisição e a da Igreja de São Domingos, respectivamente início e fim da procissão. Entre estas duas portas, há um caminho serpenteado, com o número de voltas que o palco permitir; um dos troços deste caminho situar-se-á adiante do telão panorâmico, disposto numa rampa que, ao fundo, sobe em altura da direita para a esquerda, ou vice-versa; todos os outros anéis do trajecto serpenteado ficarão atrás da cortina paisagística, visíveis por transparência.

Reconstituída a Câmara do Rei, agora na zona médio-anterior do palco, portanto em primeiro plano central relativamente à rampa e ao telão de Lisboa.

*Sempre ao som dos sinos, a procissão do auto público da fé começa a sair do Palácio da Inquisição, seguindo o trajecto indicado. A ordem dos elementos constituintes é a que seguidamente indicamos: À frente, sai o grupo dos Frades Dominicanos, ostentando o estandarte da Santa Inquisição. Vem depois o lote dos Penitentes, todos descalços e empunhando na mão direita um círio aceso: primeiro aqueles cujos crimes são menos graves, vestindo apenas roupas negras sem mangas; a seguir os que, sobre os hábitos negros, trazem também sambenitos com chamas pintadas de pontas viradas para baixo — «o fogo revoltado»; depois destes, os negativos e relapsos, destinados ao queimadeiro, cujos sambenitos apresentam também chamas, mas com as pontas viradas para cima; por fim, os heresiarcas que, além das chamas, têm pintado na veste o seu próprio retrato, cercado de cães, serpentes e diabos, todos de boca escancarada; cada um dos Penitentes é acompanhado por um Familiar do Santo Ofício, além de um Jesuíta, este apenas para os que vão ser queimados. Depois dos penitentes, vêm os Familiares, quase todos nobres e de rico trajar. Por último, a certa distância dos outros, surge o Inquisidor-Mor, de chapéu preto debruado a fita verde, e precedido pelos 1.º e 2.º Inquisidores.*

Entre os Penitentes, pode incorporar-se um Homem ostentando, no cimo duma vara, um boneco de trapo e serradura, vestido com o hábito penitencial e apresentando-se com figura e dimensões humanas: trata-se de um «condenado em efígie». Poderão ainda integrar-se na procissão, neste grupo dos Penitentes, dois Homens transportando aos ombros um pequeno caixão que contém as ossadas de alguém, descoberto, acusado e condenado pelo Santo Ofício, após o seu falecimento.

Luz na Câmara do Rei. Durante e até ao fim da cena que vai representar-se, sempre o cortejo do auto-de-fé desfilará pelo trajecto indicado, com a austera solenidade própria. Sem-

*pre se hão-de ouvir os sinos, embora abafados até ao grau compatível com a audição dos diálogos. Tal como no quadro de apresentação desta personagem, o Rei veste-se e adorna-se, sempre ajudado pelos Criados. Presentes Diogo de Mendonça Corte-Real e o Cardeal da Mota.)*

REI

*(Bem disposto, risonho.)* Grande gosto teria se, ao menos hoje, o Reverendo Inquisidor-Geral se não molestasse comigo... *(risadinha)* como se molestou no auto da fé que antes deste foi, e também no outro... e no outro ainda...! *(Um Criado aperta-lhe os calções de seda negra e prata.)* Olhai aqui, D. Diogo, e chorai comigo a decadência dum homem belo: Sabeis que não encontro ser natural gordura tão farta, tão prestes acrescida? *(Gargalhada. Diogo de Mendonça e o Cardeal, com gestos e mímica, protestam opinião contrária. O Rei senta-se, pesado.)* Oito horas da manhã!... Porque teima o Inquisidor, pertinaz e aborrido, em contratar para esta vergonhosa hora a cerimónia do auto-de-fé? Poderá alguém estar, dignamente preparado, às oito horas, em São Domingos? E porque se arrenega ele, contra a evidência da mais agachada razão?!...

DIOGO DE MENDONÇA

Digo-vos que vos não impacientes, Real Senhor, pois tempo há: O cortejo agora mesmo foi saído do Palácio da Inquisição.

REI

*(Distraído, compondo-se ao espelho.)* Muitos penitentes, Senhor Cardeal da Mota?

102

CARDEAL DA MOTA

*(Tosco.)* Muitos, Majestade. Quantas, quantas vezes, ao cabo do mais comum dos dias, Nosso Senhor é torturado e morto de cruz, neste reino, na Terra de Santa Maria!... *(Suspira e assoa-se ruidosamente.)*

REI

Pois digo-vos que bom será correrem os autos-de-fé alevantados assim, no Reino de Portugal: Mui copiosos em hereges de toda a vária qualidade, mui alumiados e aquecidos pelos fogos do queimadeiro. *(Excitado, grandiloquente, levanta-se; em tom de grande oratória:)* O Reino de Portugal, no conceito de todas as nações do mundo civilizado, é, e sempre terá de ser, o primeiro e mais exemplar, o primogénito da Cristandade!! Deste jeito deseja, proclama e obrigadamente ordena, a vontade do Rei. *(Senta-se. Enquanto isto faz, os calções rebentam, com audíveis sinais, por alturas do traseiro.)* Oh!... *(Ergue-se um pouco e, algo perplexo, leva a mão ao sítio descosido. Os Criados aflitos; Diogo de Mendonça mal sustém o riso; o Cardeal da Mota, pudico, volta-se para o outro lado. O Rei deixa-se cair no sofá, expandindo-se numa longa e sadia gargalhada; logo Diogo de Mendonça, em natural explosão, o acompanha; o Cardeal da Mota, contrafeito, apenas sorri.)* Perdoai-me, Eminência, que não queria dar-vos o espectáculo deste desaire tão... *(afluxo de riso.)* Não vos dizia, D. Diogo? *(Entre surtos de riso:)* Imaginai tão-só que... isto, este afrontoso percalço, me assucedea em São Domingos, no meio da cerimónia?! Meu Deus... Ah!... Oh, oh!... *(Os Criados despem os calções ao Rei e logo o ajudam a vestir outros.)*

CARDEAL DA MOTA

*(Puritano, sempre de esguelha.)* Que Vossa Majestade o atente e providencie para que tal não aconteça... Que horror, meu Deus!

103

DIOGO DE MENDONÇA

Muito me apraz poder anunciar a Vossa Majestade, acabamento da pousada de Vendas Novas, conforme em tudo aos Vossos desejos: Pronta e aparelhada está para albergar a comitiva, por certo luzida e numerosa, que acompanhará os Príncipes até à fronteira de Caia.

CARDEAL DA MOTA

(*Mesureiro.*) Oh, duplo e glorioso enlace!

DIOGO DE MENDONÇA

(*Ambíguo, irónico.*) Juntos todos os dinheiros despendidos na feitura da pousada, somam eles mais de um milhão de cruzados! (*Gesto de magnânima indiferença, por parte de Sua Majestade.*) Quando penso ser o destino desta hospedaria tão-só acolher a principesca comitiva, por duas únicas noutes... (*O Rei franze o sobrolho, encarando com Diogo de Mendonça; este, numa sorridente vénia, faz a viragem a tempo.*) não me canso de, hoje mais que ontem, louvar e bendizer a Vossa incomparável magnanimidade, Real Senhor!... (*O Rei volta à anterior e soberana bonomia.*) Chegadas foram já, de Paris... (*lê um relatório;*) quatro estufas, duas caleças e vinte e três berlindas. Em Lisboa estão já também aquelas centenas de cavalos que Vós encomendastes aos reinos de Holanda e Inglaterra. De Castela vieram, ontem, os machos e as mulas precisos. Prontos e mui bem acabados estão já todos os xairéis e selas de munição. De tão formosas e ricas, a quantos as viram espanham, as trinta selas de veludo, ouro e prata, tecidas em França e todas elas destinadas ao Príncipe D. José!...

CARDEAL DA MOTA

Pois tudo isso me parece cousa pequena e mesquinha para o nosso amado Príncipe D. José, para tanta graça, inteligência e formosura!

REI

(*Ciumento, com mal encoberto desdém.*) Tantas e tão opulentas prendas achais no Príncipe, Senhor Cardeal?!...

CARDEAL DA MOTA

E como não achar, e mais ainda, mui raras e preciosas?! Se o Príncipe mais não é que o espelho, opaco embora — que a Vossa modéstia me perdoe, Senhor! —, dos atributos de seu Real Pai?... (*O Rei, agradado, sorri.*)

DIOGO DE MENDONÇA

Aprestadas são para a viagem 229 carruagens, cada qual adornada com ouro, prata, veludo e passamanaria. Prontas 1800 cavalgadas, de vários préstimos. Para o cortejo fluvial que no regresso se há-de fazer, desde Aldegalega até Belém, escolhidas foram já mais de 300 embarcações, todas mui vistosas, engalanadas com adornos de muito preço e formoso efeito. Quanto ao bergantim real, Vossa Majestade pôde, com os Vossos mesmos olhos, verificar a sua magnificência, única no mundo inteiro! (*O Rei acompanha a leitura da lista com acenos aprovativos da cabeça, impante de vaidade, interrogando o Cardeal com o vitorioso olhar.*)

CARDEAL DA MOTA

Penso, Majestade, que a metade espanhola nem de longe poderá rivalizar com a nossa, em riqueza e esplendor!

REI

(*Tocado na raiz da sua motivação.*) Pois não é verdade, Eminência? (*Acomoda-se melhor, estende as pernas; com um suspiro glorioso.*) Como vós, também eu penso. (*Um pou-*

*co arrufiado, com desdém altaneiro:)* Que cuidava Filipe V? Digo-vos que mais outro, e outro tanto gastaria... tão-só para ver a cara do rei de Espanha, diante da nossa embaixada! (*Garalhada. O Cardeal, servilmente, logo o imita.*)

DIOGO DE MENDONÇA

*(Sibilino.)* Só uma cousa temo, Real Senhor: O tempo inseguro está... ameaça chuva. Se tal adrega de suceder, não futuro como há-de chegar a Caia comitiva de tantas gentes, de tantas carruagens e alimárias! Vossa Majestade por certo não ignora quão ruim é a estrada da Aldegalga para Pegões... A de Pegões para Vendas Novas pior ainda é porque... não existe!

REI

*(Suspendendo os ademanes, contrariado logo, com irritação.)* Calai-vos, D. Diogo! Não acho siso algum no vosso reparo. Mas... Sim, porque havia de chover?! Se tal não acontece, neste Reino, há bem mais de três meses...!

DIOGO DE MENDONÇA

*(Vénia.)* Oh, Majestade, simples previsão. Isto, tão-só. E não está em minha mão poupar-vos este desgosto... *(Irónico:)* Na de Sua Eminência estará por certo: Rezai, Senhor Cardeal, rezai para que não chova! Deus há-de ouvir-vos, assim o creio.

CARDEAL DA MOTA

*(Olhar fuzilante de ódio; logo mudando, humilde.)* Rezarei, D. Diogo. Com toda a instância e fervor.

REI

*(Que nunca tinha posto a hipótese de chover, está carrancudo, amuado. Abruptamente, levanta-se e enxota os Criados. Vai ao fundo e olha para fora, a interrogar o céu. Volta, mais zangado ainda. Birrento, irritado, despede os interlocutores.)* Ide-vos, D. Diogo. E vós também, Eminência. Esperar-me-eis na antecâmara. Quero estar só. *(Diogo de Mendonça e o Cardeal da Mota saem às recuas. O Rei senta-se pesadamente:)* Preciso de pensar. *(Pontapé no Criado que lhe calça o sapato afivelado:)* Vai-te, desgraçado, que sempre me hás-de molestar!... *(O Criado cai de rabo, logo receoso, protegendo a face com o braço.)* Sus, daqui para fora!... *(O Criado foge, aos tombos, saindo de cena. Silêncio inquieto, arranhado. Os outros Criados estão imóveis, indecisos.)* Meu Deus... E se chove?!... *(Numa fúria, arremessa ao chão uma porcelana de preço.)* Sim, porque havia de chover? Ora! ... *(Mais brando, vai tomando o ar de vítima sofredora. Para os Criados:)* Continuai pois, que cousa esperais?! *(Diligentes e inseguros, os Criados logo recomçam a ataviar o Rei.)* E se chove...?! *(Luz frouxa sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Expressão de malícia galhofeira; tem um manuscrito nas mãos; lê para os espectadores, em tom de confidência sarcástica, a seguinte página, extraída de Vilhena Barbosa.)*

«Durante a noute que a rainha passou em Aldegalga, começou a chover copiosamente, e assim progrediu no dia seguinte com tanto excesso que os caminhos ficaram logo intransitáveis. Foi muito penosa a jornada até Pegões. Mas desse ponto até Vendas Novas era uma lástima ver a passagem do prês-tito, porque apresentava um aspecto muito semelhante ao dum exército que se recolhe destroçado a uma praça vizinha do cam-

po de batalha...» (Fica-se a rir baixinho, na penumbra. Nesta altura, está a passar pela rampa, situada à frente do telão de Lisboa, precisamente o troço final da procissão do auto-de-fé.)

REI

(Obcecado.) Valha-me Deus!... E se chove?... (Levanta-se violento; a bater com os pés, autoritário, absoluto:) Não, não e não! Não chove! Não pode chover! «Não quero» que chova!!! (O cortejo inquisitorial acabou de desfilar pela rampa. Apenas o Geral da Inquisição e os 1.º e 2.º Inquisidores, que o precedem de alguns passos, estão ainda no palco, visíveis para o público. Nos momentos exactos em que o Rei, de pé, grita a sua ordem de «não chover», o Inquisidor-Mor queda-se um pouco sobre a parte mais elevada da rampa: Olha de frente os espectadores, álgido e terrível, dominador. O director de cena terá o cuidado de acentuar o paralelismo antagónico estabelecido entre o Rei e o Inquisidor-Mor, ambos voltados para o público, um e outro dirigindo-se-lhe ameaçadoramente.

Escuro na Câmara do Rei. Hierático, o Inquisidor-Mor continua a sua marcha; sai de cena. Sinos, agora ouvidos em força, vibrantes. Durante alguns segundos, ver-se-á ainda a procissão do auto-de-fé, por transparência e através do telão: Entra na Igreja de São Domingos. De súbito, precedida de algazarra, invade o palco uma multidão de Homens, Mulheres e Crianças do Povo: *Maltrapilhos, miseráveis e ferozes*, seguem a procissão e dirigem-se para o adro de São Domingos. Não dominando o terror, António José da Silva levanta-se logo, corre em várias direcções descontrolado, e acaba por se quedar, imóvel e transido, à frente de cena: A face implorante volta da para os espectadores, os olhos terrivelmente inquietos.)

1.º HOMEM

Morte aos hereges!

1.ª MULHER

Ao queimadeiro!

2.º HOMEM

Morte aos judeus!

3.º HOMEM

Ao queimadeiro! Ao queimadeiro!!

2.ª MULHER

À fogueira com os judeus!

CORO DE HOMENS E MULHERES

À fogueira! À fogueira! À fogueira!...

1.ª MULHER

A terra está seca!

2.º HOMEM

Mais dura que a sola!

3.ª MULHER

Nem pinga de chuva!

4.<sup>a</sup> MULHER

*(Nova e odienta.)* Nunca se viu praga tamanha!

2.<sup>a</sup> MULHER

Nem uma espiga de pão...!

3.<sup>a</sup> MULHER

Nem uma couve...!

1.<sup>a</sup> MULHER

Até a erva murchou!

1.<sup>o</sup> HOMEM

*(Feroz.)* Morre tudo de fome e sede!!

3.<sup>a</sup> MULHER

*(Grito chorado.)* A minha cabra...!

2.<sup>a</sup> MULHER

As galinhas...!

4.<sup>a</sup> MULHER

O meu burro...!

1.<sup>a</sup> MULHER

*(Na parte alta da rampa; uma fera.)* Castigo! Castigo!! Castigo de Deus!!!

1.<sup>o</sup> HOMEM

São eles! Judeus malditos!!

CORO DE HOMENS E MULHERES

Morte aos judeus! Aos judeus! Aos judeus!!...

*(Os Homens, as Mulheres e as Crianças, em tumulto raivoso, correm direitos a São Domingos. António José, apavorado, vai para fugir. Embate com um grupo de populares. Logo recua, no auge do terror, curvado e ofegante como um animal louco, os olhos terrivelmente presos a algo que acaba de ver: Do grupo destaca-se o Estudante Pálido, vestido agora como qualquer dos populares; sereno sempre, o mesmo sorriso gelado na boca sem lábios; com uma crueldade divertida, observa o medo do Judeu. Vencendo enfim a paralisia que o tolhe, António José arranca em fuga desesperada, logo desaparecendo entre os populares ululantes. Sai. Sem se mover, imutável a expressão ambígua da face, o Estudante Pálido segue-o com os olhos profundos e glaciais. Poderoso de força máscula, começa a ouvir-se, cada vez mais dominador, o hino da Santa Inquisição EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM. Sinos. Gritos da multidão.)*

## 2.º ACTO

PERSONAGENS :

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA  
LOURENÇA COUTINHO  
LEONOR  
CAVALEIRO DE OLIVEIRA  
REI  
INQUISIDOR-MOR  
1.º INQUISIDOR  
MADRE PAULA  
MARGARIDA DO MONTE  
D. QUIXOTE  
SANCHO PANÇA  
APOLO  
1.º HOMEM  
2.º HOMEM  
TAVERNEIRO  
MULHER  
ESCRIVÃO  
MEIRINHO  
2.º INQUISIDOR  
ES CRAVA NEGRA  
ESTUDANTE PÁLIDO  
SUPERIORA DE ODIVELAS  
SUPERIORA DE SANTA ROSA  
CARVOEIRO

Freiras do Convento de Odivelas; Freiras do Convento de Santa Rosa; Convidados da boda de António José da Silva e Leonor; Criados de Lourença; Actores-Bonifrates do Teatro do Bairro Alto; Damas e Fidalgos do Camarote da Corte; Eclesiásticos do Camarote dos Frades; Poetas.

*Em casa de António José da Silva. Cena inteiramente revestida, ao fundo e aos lados, por cortinas negras. Iluminada apenas a zona central do palco, onde está criado o ambiente duma pequena sala íntima, cuja despojada austeridade tem algo de ritual, de hierático. Segundo a linha de encenação apontada no 1.º acto, este cenário ser-nos-á fornecido por Servos-porta-adereços, de rosto velado. Estão em cena Lourença e Leonor: Sentada a primeira num belo cadeiral antigo; a segunda a seus pés, num tamborete baixo. Leonor apoia os braços no colo de Lourença que, ternamente, lhe passeia as mãos pelos longos cabelos negros.*

LOURENÇA

*(Muito doce, mística.)* «SHEMA YISRAEL ADONOI ELOHENU ADONOI ECHOD...»

LEONOR

*(Vinte e dois anos; dois olhos negros e imensos, que toda a resumem; asas de voo alto e livre, em contradição, por vezes desesperada, com os membros de fundas e terrenas raízes.)*  
«Escuta, ó Israel, o Senhor é o nosso Deus, o Senhor é Uno...!»

LOURENÇA

«Ó Senhor, sois Vós Quem, pela Vossa graça, alimenta os vivos: Quem, pela Vossa grande piedade, ressuscita os mortos, defende os fracos, cura os doentes, quebra as correntes dos escravos...»

LEONOR

*(Torturada.)* «Quem, fielmente, sempre cumpre as promessas para com aqueles que dormem na poeira do mundo...»

LOURENÇA

«Quem, ó misericordioso Pai, é como Vós? Quem poderia ser como Vós?...»

LEONOR

*(Febri.)* As palavras rolam-me na boca, como os seixos na areia: Não sinto nada, não compreendo nada. Tenho medo, tia!...

LOURENÇA

*(Tapando suavemente a boca de Leonor.)* «SHEMA YISRAEL ADONOI...»

LEONOR

*(Num grito.)* Tenho medo!... Tenho vergonha, tia: Vergonha de ver, de ouvir, de falar... de viver! Queria... queria não ser eu, nem mesmo gente: Desfazer-me em fumo, em pó...! Não sou capaz de dormir: Sei... sinto que, se adormeço, acordo outra vez lá... fechada naquela prisão escura! Não, tia, não!! *(Descontrolada, rebenta em soluços, escondendo a cabeça no colo de Lourença.)*

LOURENÇA

*(Acarinhando Leonor, dolorosamente.)* Filha... Minha pequenita...! Lembras-te daquela história do Rabi Chanina ben Tera-dion? Ainda te lembras? Conteí-ta tantas vezes... tantas! Dantes, gostavas bem de a ouvir: Eras assim, deste tamanho... e só sabias ainda dizer três ou quatro palavras... *(Contendo as lágrimas, com a voz embargada.)* Então... Nesse tempo, a vizinha caía-te da boca como gotas de orvalho: mui ensopada de mel, mui rendada e vagarosa... Pois já esqueceste o bom Rabi Chanina? Digo-te que rara era a noute em que eu não tinha de te contar esta formosa lenda: Só deste jeito adormecias. E cuidas, Leonor, que outra que não fosse eu ta podia dizer? Pois não. Nem sequer a tua mãe...

LEONOR

*(Dura, seca, quase feroz; levantando a cabeça com violência.)* Mataram-na!! Queimada... viva.

LOURENÇA

*(Num impulso de piedade, aperta a cabeça de Leonor de encontro ao peito. Silêncio crucificado. Meiga, como quem embala uma criança, começa a contar.)* «Quando o amável rabi, vestindo os pergaminhos da Tora *(António José surge à porta, e aí se queda silencioso, sem que as mulheres dêem por ele.)*, foi atirado à fogueira dos romanos, por ter ensinado a Lei; quando já estava a arder a lenha, que escolheram verde, para mais tempo durar e maior ser a tortura, então vieram os discípulos do Rabi e perguntaram-lhe: *Mestre, que vês agora?* Ao que o Rabi Chanina respondeu logo...»

ANTÓNIO JOSÉ

*(Continuando a narrativa; voz doridamente irónica.)* «...Vejo que o pergaminho arde...» *(Surpresa: Alegre, em Lourença, assustada, em Leonor.)*

LOURENÇA

(*Terminando: Fé, força interior.*) «...mas as letras voam!»

ANTÓNIO JOSÉ

(*Beija a mão e a face de Lourença. Para Leonor, admirado, perplexo.*) É a... a prima Leonor?!

LOURENÇA

(*Levantando-se e fazendo erguer Leonor.*) Será que já a não conheces, António?

ANTÓNIO JOSÉ

Mas...? Tão grande! Estás uma mulher!?... (*Vai, naturalmente, beijar Leonor nas faces.*)

LEONOR

(*Em movimento involuntário, foge com o rosto aos beijos. Assustada, nervosa; segura na voz.*) Tenho vinte e dois anos.

ANTÓNIO JOSÉ

(*Constrangido.*) Desculpe... Sim, claro! Vinte e dois? É verdade... deves ter. (*Esforço para aligeirar a situação.*) Como as palavras do pergaminho, o tempo voa!

LEONOR

O tempo pesa. É chumbo.

LOURENÇA

(*Senta-se e toma, entre as suas, as mãos de Leonor.*) Muito o tempo nos furta, minha filha. É certo. (*Para António José, sorrindo*

120

*embevecida*.) Mas algo nos vai dando também... Acaso sabias já, Leonor, que o nosso António José se licenciou e que tem banca de advogado, aqui em Lisboa?

LEONOR

(*Amarga, seca.*) Pois não sabia. As boas novas todas engelham e arrefecem, mal em mim tocam. Que eu já nem sou que sinto alegria, com o saber as boas novas que aos outros acontecem: Fiz-me ruim, estou pejada de víboras!

LOURENÇA

(*Compadecida.*) Minha Leonor...!

ANTÓNIO JOSÉ

(*Idem.*) Eu sinto o que tu sentes, sei que...

LEONOR

Sei que a minha mãe foi queimada, no auto-de-fé de Castela. Eu vi. Sei que, por duas vezes, me prenderam nos cárceres do Santo Ofício. Que me puseram a pratos de pole: Três vezes. Isto é o que eu sei tão-só. Mais nada. Chega. Mais não preciso nem quero saber... (*Senta-se; fadiga extrema.*)

ANTÓNIO JOSÉ

(*Aproxima-se condoído de Leonor: Fica de pé, por detrás da cadeira onde ela está sentada.*) Eu sei o que tu sentes, Leonor. (*Mostra-lhe os pulsos marcados.*) Isto não deixa que eu esqueça.

LEONOR

(*Desfeita a rigidez.*) Tu... também?! (*A chorar, num impulso ardente, beija as cicatrizes de António José.*) Porque... porque somos tão desgraçados?!...

121

ANTÓNIO JOSÉ

*(Lágrimas nos olhos; com raiva.)* Judeus.

LOURENÇA

*(Aproxima-se do par, suave, humilde; poisa as suas sobre as mãos unidas de António José e Leonor: algo de ritual.)* Uma vez o Rabi Hanilai disse: «Todo o homem que não tem mulher vive fora da alegria, da bênção, do bem». Fora da alegria, porque está escrito: «Alegrar-te-ás tu, e a gente da tua casa»; fora da bênção, porque está escrito: «Para que faça cair a bênção sobre a vossa casa»; fora do bem, porque está escrito: «Não é bom que o homem esteja só.» *(Recita este último versículo do Génesis, já de pé, os olhos gravemente mergulhados nos de António José. Afasta-se. À porta, prestes a sair, volta-se de novo para o par e recita-lhe, com simplicidade terna e dorida, a seguinte passagem do Yebamot:)* «Se o homem não tiver descendentes, sobre quem repousará o Shekkinah? Sobre as árvores e as pedras?!» *(Sai. António José e Leonor, cujas mãos se mantêm unidas pelo mútuo movimento de dor, piedade e simpatia desesperada, ficam inquietos, perturbados: Separam-se. Expectativa alvoroçada. Com dorida ternura, António José de novo busca, com as suas, as mãos de Leonor, que consente. Suavemente, quase em atitude religiosa, o Judeu debruça-se e beija os cabelos de Leonor.)*

*Faz-se luz sobre o Cavaleiro de Oliveira, enquanto no palco a iluminação se vai apertando sobre o par, neste se queda uns momentos, e desaparece por fim.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Com bonomia sorridente, indicando o palco e piscando o olho para o público.)* É o amor. Sempre mui formoso de

se ver, nenhum dos comuns mortais foge à sua prática, a qual sempre o comanda e amarra, quer as grades sejam brandas de doce sonho, quer duras de férrea submissão. Creio já vos ter confessado que, «chegado à idade dos cinquenta, ainda não renunciei ao amor. Sei muito bem onde estou e é por isso mesmo que aqui me decido a falar-vos nele, antes do ano que vem, que me carregará mais um pouco, quanto basta para ter menos direito de o fazer. As pessoas de idade não estão aptas a versar semelhante matéria; devem ocupar-se com as cousas do outro mundo de preferência a cousas terrenas — sustentam moços impertinentes. É bem verdade, todavia:

*L'amour qui nous attache aux beautés éternelles  
N'étouffe pas en nous l'amour des temporelles.*

O homem, enquanto homem, é incapaz de desembaraçar-se desta paixão; vive, tem de amar; vive porque ama.»

O amor olhou para António José da Silva: Sinto-me feliz juntamente com ele. «Um homem que ignora o que seja o amor é pior que os próprios irracionais, a ele sensíveis, e por seus efeitos benéficos animados. A natureza assim o ordena, o homem deixa de ser homem uma vez que se encontre em oposição às leis eternas da vida.» Temo que estas palavras possam ir molestar alguma de Vossas Senhorias, bem no segredo do coração, e apesar do fingido sorriso com que ora me escuta... Dói-me isto pensar, podeis crer. Mas... mas a verdade é que, assim sendo, essa magoada criatura bem merece a mágoa que eu lhe causo: Realmente a vida mostrou-me que «a galantaria mete pavor a certos indivíduos, que fogem de cair nela como moscardos em água limpa. Pertencem ao número os malparecidos, os tacanhos e, talvez, os desconfiados». Peço ao deus do amor — «bem andariam representando este deus sempre como menino, pois que, não tendo nada de sagaz, foi sempre folga-

ção e louquinho!» —, rogo ao divino amor que não me arme a ratoeira de ter aqui trazido a escutar-me algum desses tais malparecidos, etc., etc. Mas se, por desgraça minha, esse estiver entre Vossas Senhorias, dir-lhe-ei, com particular empenho, que muito «malanda em se deixar intimidar em seus defeitos. O deus que deseja servir é pródigo em milagres e nunca desdenha os devotos». Depois, meus Senhores, a beleza dos homens... Ora! Escutai: «Homens há bonitos e tão ridículos como as mulheres que são e sabem que são bonitas. Conheci um, Cyparissi, nobre italiano de nação, que apareceu em Viena e professava:

*Quelque rare que soit le mérite des belles,  
Je pense, Dieu merci, qu'on vaut son prix comme elles.*

Tinha dezoito anos de idade, elegante de talhe e formoso como um deus. As suas maneiras, porém, eram efeminadas. Além disso, cabeça de anjo e miolos de galo. Começando a frequentar a alta-roda, o general de La Cerda disse dele: «Aqui está um rapaz que vai encher de ciúmes os nossos amigos que são casados...» Pois enganou-se redondamente; quem tinha ciúmes dele eram as mulheres, que não o podiam ver nem queriam consentir que os maridos fraguassem com ele!...» (*Gargalhada.*) «Em verdade, nunca vi moço mais formoso que Cyparissi. Todos como ele, lá isso vejo-os todos os dias, às dúzias»...

Também muito celebrado pela sua formosura e varonil sedução foi El-Rei Nosso Senhor, D. João V, a quem Deus conserve, por muitos e largos anos, a saúde, a glória e a nunca desmentida magnanimidade...! (*Surge o Rei, na parte mais alta da rampa — que neste acto se conserva, atapetada com o mesmo pano negro que cobre o fundo e os lados da cena: Vem ataviadíssimo, encarnando, com algum ridículo, uma imagem de donjuanismo já um tanto serôdia e obesa. Vendo-o no palco, o Cavaleiro de Oliveira não sustém uma decepcionada careta... bem-educada:)* Bom... Este, o retrato d'El-Rei no tempo da mi-

nha mocidade. Estou em crer que, agora, a fuligem do tempo terá por certo sujado o brilho das cores, e que a pintura algo desbotada estará... (*Novo olhar para o palco, nova careta.*) Oh, c'est dégoûtant! Ai, as misérias da idade!... «Frequentemente encontro, sobretudo em St. James-Square, muita mulher bonita e muita rapariga adorável. O meu estado, a minha idade, a minha cômpleição, proibem-me de as cobiçar. Gosto, todavia, de olhar para elas, quanto mais não seja para bendizer o Criador. Pois, mal me ponho a considerá-las, voltam-me a cara ou largam a fugir sem piedade!...» (*Riso amargo.*) Mas dantes... no tempo da minha... (*Para o Rei:*) da nossa juventude! (*Para o público:*) «O amor é o complemento e compêndio de todas as leis.» É verdade. Neste compêndio é que, bago a bago, enchi o papo do meu saber. Aluno dormido, de mau desmoer ou mente voadora, confesso não ter sido; isto firmando, sou justo com a verdura dos meus passados anos, e rendo pleito de soidades e constância às damas de quem fui eleito e valido pressuroso. Outro que aprendeu, bem e mui depressa, esta saborosa cartilha foi El-Rei D. João. (*Semivénia risonha, irónica.*) Excelso aluno, de facto! De tal sorte se afeiçoou aos estudos, com tamanha fome... de saber devorou os livros, com tal congénito engenho cuidou de os praticar na substância própria, que hoje é da assinalada ciência — que arte é também! Mestre professor, autor de teses especulosas nunca antes dele enxergadas, descobridor de ignotos rumos nunca antes navegados e só depois dele abertos às ousadas caravelas lusíadas que, dessas quentes praias, sempre tornam pejudadas dos mais raros e preciosos diamantes da carnal volúpia...! (*Declama esta última tirada no tom pletórico dos elogios académicos. Fora de cena, ouve-se um doce e tilintado toque. Logo o Rei compõe uma atitude olímpica e sedutora, cuidando de evidenciar a elegância dos membros, de humedecer o sorriso promissor, etc.*) De particular, por cima do enfebrado apetite, alembro o quanto aprazia a Sua Majestade estudar as lições à luz dos eclesiásticos castiçais, ou-

vindo o ondulado repique dos sinos e a angelical música do órgão... (*Surge, na parte de maior declive da rampa, a Superiora de Odiveias: Cumprimenta reverenciadamente o Rei, segredando-lhe algo ao ouvido; Sua Majestade, exuberante e mesmo nervoso, dá mostras de agrado impaciente.*) Eu não sou que censure El-Rei — Deus arrede de mim tão indigno pensamento! — por causa desta... finura do seu sentir: «Pelo que toca às freiras de Lisboa, melhor será falar com elas do que nelas»... (*Ao sinal da Superiora, aparecem várias Freiras trazendo um pálio armado. Em procissão lenta — música de órgão ao longe — logo descem a rampa, levando sob o pálio a Sua Majestade Fidelíssima.*) Ah, que se me fosse dado ver agora Odiveias, como na glória e em companhia dos anjos, assim lá me sentiria! «Eis aqui uma opinião que Sócrates não teve nem escreveu. Eu não só a digo, como sou muito capaz de a imprimir, desejando mais vê-la no coração dos homens do que no papel.» (*A procissão, que desaparecera da vista do público, volta a desfilar no palco, passando agora por diante da rampa, em plano horizontal: Dirige-se para os aposentos da Madre Paula. Chegado ao lugar da cena que se marcou para este cenário — situado à extrema D., ou E., na metade dianteira do palco — o cortejo pára. Luz na cela de Madre Paula. Decoração muito sumária: Em 1.º plano, um grande candelabro de igreja, todo de talha doirada, com muitos e caprichosos braços, barroco; ao fundo, um crucifixo de marfim, amaneirado, «amável», mantido por uma freira de rosto velado; há ainda um sofá-leito, todo revestido de brocados, sedas e veludos em tons de azul, verde e roxo. Madre Paula, de costas para o público, está ajoelhada num rico genuflexório, diante do crucifixo de marfim. A Superiora toca uma campainha de mão. Ao ouvi-la, Madre Paula olha vivamente na direcção do som; rápida, compõe as pregas do hábito e, dum modo geral, toda a sua postura de «freira em oração»; assim se queda imóvel, «afundada nos abismos da intimidade com Deus». O Rei tira-se de sob o pálio e*

*entra na cela. Sorrindo, em terna cumplicidade, a Superiora faz uma vénia e afasta-se; logo sai, acompanhada pelas restantes Freiras que, perdida grande parte da compostura inicial, trocam entre si olhares e cochichos de alegre malícia.*

REI

*(Pé ante pé, aproxima-se de Madre Paula que finge não dar por ele; beija-lhe a face.)* Madre Paula... Senhora?...

MADRE PAULA

*(Num gritinho de susto e surpresa, levantando-se.)* Vós, meu senhor?! *(Vai para cumprimentar o Rei que a não deixa fazer, beijando-lhe ele as mãos.)*

REI

*(Conduz a Madre Paula para o sofá, onde ambos se sentam.)* Sabeis que dói em meu coração tanto susto e espanto, tão-só por me verdes?!

MADRE PAULA

*(Falsa ingenuidade.)* Não vos esperava...!?

REI

A vossa alertada surpresa é prova amarga de quão longe eu resido dos vossos afectos e pensamentos, quando — pobre de mim! — os deveres de estado, sempre contrários aos meus desejos e querença, me têm longe de vós...

MADRE PAULA

*(Falsa indignação.)* Oh! Por amor de Deus, acabai prestes! Pois que gosto tendes em trespassar-me o peito com tão cruéis e imerecidas palavras?! *(O Rei tenta beijá-la; fugindo ao beijo:)*

Quando vós sabeis que, neste coração, um só rival vos peleja e disputa o meu amor!...

REI

*(Meio sério, carregando logo o sobrolho.)* Um rival? Quem, então?!

MADRE PAULA

*(Pomba mística.)* Jesus Cristo, o Divino Amante.

REI

*(Deliciado.)* Oh!... *(Aperta-a pela cinta, beija-a na boca.)*

MADRE PAULA

*(Fingindo lutar contra as carícias do Rei.)* E mesmo contra o Divino Rival, para perdição da minha mesquinha alma tão atormentada, sempre vós ganhais a querela!

REI

*(Seduzido, esforçando-se por vergá-la ao seu desejo.)* Oh!... Sim... sim...!

MADRE PAULA

*(Cedendo, reclinando-se no sofá.)* Não... não!

*(Escuro na cela de Madre Paula. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Para os espectadores, referindo-se à cena que se viu no palco.)* «Toda a mulher que não concede finezas a quem a ama, não merece ser amada. As finezas são o alimento do amor. Os meus compatriotas entretêm-se muito neste jogo de amor que

se nutre de olhares, de tagatés, fogo-de-vistas em que o galante acaba sempre logrado. Tenho pena deles e, francamente aqui o declaro, neste artigo como em muitos outros deixei de ser português. Quando amo, quero realmente ser amado.» *(Piscando o olho:)* El-Rei D. João V, vós o vistes, é do meu aviso... «E não há que ter receios; a mulher que pretende furtar-se ao amor está sempre apta a deixar-se amar. Mesmo que o enamorado não agrade, o amor agrada sempre.» *(Luz na cela do Inquisidor-Mor. Este, sentado numa cadeira e apoiando-se em mesa tosca, ouve de confissão o 1.º Inquisidor, ajoelhado a seus pés. Como elementos de decoração, e em paralelo com os da cela de Madre Paula, apenas um grande candelabro de ferro, austero e primitivo, colocado em 1.º plano; também, ao fundo, deve ver-se um Cristo Crucificado, sangrento e terrível, que pode ser mantido por um Inquisidor porta-adereços, de rosto coberto.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Indicando, no palco, a cela do Inquisidor.)* «Conheço uma fábula, cuja moralidade está sempre presente em meu espírito. Há na serpente duas partes que são inimigas do género humano: a cabeça e o rabo. Estas duas partes alcançaram igual fama no Tribunal das Parcas, em virtude do poder mortífero de que são dotadas. Houve, porém, um tempo em que disputaram, uma com a outra, a supremacia. Como a cabeça ia sempre adiante do rabo, este queixou-se de que era obrigado a percorrer léguas e léguas por alta recreação daquela; que não podia ser assim, que era tirania da cabeça, que era companheiro e não escravo. E, argumentando que num e noutra corria o mesmo sangue, existiam qualidades análogas, reivindicou para si rédeas do governo, protestando conduzir a cabeça com sabedoria e acerto, sem lhe dar razão de queixa. Por bondade cruel, a cabeça anuiu. E eis a serpente rastejando às avessas, capitanea-

da pelo rabo, que cego como era, a levou pelo pior dos caminhos, de encontro às árvores, quase entre os pés dos passantes. E tanto andou às tropeçadas, às apalpadelas, que acabou por cair no rio dos infernos, onde o rabo e a cabeça, igualmente imprudentes e inconsiderados, encontraram a perdição.»

Pois nunca me acontece pensar — com a maior indignação sempre, juro-vos! — no Tribunal do Santo Ofício que não me venha à memória esta fábula: É possível que a sua criação e o seu início se devam à cabeça; tal como hoje ele é, como hoje tortura e obscurece o desgraçado povo de Portugal, não duvido que quem o governa é o rabo. São forças negras, vedadas à luz da razão, que hoje comandam o Santo Ofício: A paixão do mando absoluto, o ódio sectário, a crueldade vestida de apóstolo, o desprezo aristocrático — e não a misericórdia! — pelo pecado, a fúria cega contra a raça dos judeus, a ambição mundanal do ouro...! Como é que uma doutrina de tanto amor e tolerância, como a que Jesus Cristo ensinou, pôde levar a tanta atrocidade, e tão clamorosas injustiças?! Dizei-me que diferença encontrais entre os sacrifícios humanos do pagão Montezuma e os que a Santa Inquisição pratica? Em que difere o sambenito que vestem tais penitentes dos autos-de-fé, da «túnica molesta» dos pagãos?! E tudo o fazem em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo! Com muita caridade, com infinito amor!... Céus, que esta bela palavra, *amor*, assim proferida, amassada com o fogo, os gritos, o sangue e a loucura que são os alicerces do Santo Ofício, enrodilha-se-me na boca, sabe-me a fel: Não a digo, vomito-a! (*Obscuridade sobre o Cavaleiro de Oliveira; mais luz na cela do Inquisidor-Mor.*)

INQUISIDOR-MOR

(*Mais fundos os sinais de fadiga no rosto macerado; fixando nos do 1.º Inquisidor os olhos incendiados, abismais.*) Por-

que queres que seja eu a ouvir-te de confissão? (*Silêncio tenso entre ambos.*) É a primeira vez...

1.º INQUISIDOR

Porque só vós podereis conhecer, na minha consciência, o mal e a sua extensão.

INQUISIDOR-MOR

Dúvida?

1.º INQUISIDOR

E revolta.

INQUISIDOR-MOR

(*Tristeza fria: clínico observando o doente; toma, entre as mãos, a cabeça do 1.º Inquisidor e obriga-o a olhá-lo nos olhos.*) Ainda?!...

1.º INQUISIDOR

(*Angustiado.*) Ainda.

INQUISIDOR-MOR

(*Tirando as mãos do rosto do 1.º Inquisidor e abandonando-as no colo: fadiga dolorosa.*) Fala então.

1.º INQUISIDOR

Deus é Amor.

INQUISIDOR-MOR

E Verdade. E Justiça.

1.º INQUISIDOR

Deus é Beleza.

INQUISIDOR-MOR

Negando a Verdade, a heresia nega portanto simultaneamente a Beleza, a Justiça e o Amor. Porque hesitas em assumir o nosso combate?!

1.º INQUISIDOR

E o Evangelho de Cristo? Jesus não odeia os pecadores, nem mesmo os despreza. Tudo faz para os salvar... *ama-os!*

INQUISIDOR-MOR

Também o Santo Ofício ama os pecadores. Também o Santo Tribunal da Inquisição esgota todos os meios — todos! — para salvar os pecadores. O Santo Ofício é amor.

1.º INQUISIDOR

(*Descontrolando-se.*) Não! Não é... O Santo Ofício é medo, medo, medo!...

INQUISIDOR-MOR

(*Fúria serena, abissal.*) Amor. Amor igual à verdade, dela indissociado. Esse amor do qual sentes tanto a falta, amor do coração, de vísceras, é uma fraqueza... (*Movimento de protesto do 1.º Inquisidor.*) Uma fraqueza! Fraqueza de homem não mais que humano; amor passageiro e mutável na mesma poeira dum homem. Os Evangelhos de Cristo não são de significância corrida e clara, meu pobre Diogo! Os homens abaixam-nOs, amesquinham-nOs até ao portal miserável do seu entendimento. Atraíam-nOs para se perdoarem!

1.º INQUISIDOR

Nosso Senhor Jesus Cristo anunciou-Os ao povo. Para o povo.

INQUISIDOR-MOR

Para a humanidade inteira, até ao último homem! (*Tomando de novo a cabeça do 1.º Inquisidor entre as mãos:*) O cristianismo é amor, meu filho. Mas o amor do cristianismo, neste tempo que ambos vivemos, quem o entende e pratica é o Santo Ofício: Um amor que conduz os homens à salvação eterna, mesmo contra a sua vontade, apesar da sua tibieza. Um amor que prepara a vinda definitiva do reino de Deus. Um amor que não aquece os corações, mas irradia, ilumina, rasga as trevas. Um amor que odeia o pecado e o erro, implacável e forte. Um amor que corta e brilha como uma espada, em pulso de ferro. Isto é que é o Amor, Diogo! O nosso Amor. O único. (*Escuro na cela do Inquisidor-Mor. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.*)

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(*Ajeitando uma manta sobre os joelhos.*) Este Inquisidor-geral... Uff, gela-me o sangue, até os ossos! Antes o Cardeal da Mota, que é gordo, manhoso, de vista curta, mas não desvaloriza a existência dum homem... porque sabe de quanta intriga, baixeza e perfídia ele próprio, Cardeal, é capaz; que não vê, nem pode ver, acima deste mundo, porque o ar imaculado que respiram os anjos é demasiado forte para o seu catarral, e porque a auréola de luz que irradiam os santos lhe molesta a inflamação dos olhos... (*Assoando-se:*) Anh, este Inquisidor-Mor... Homem magro, com olhos de «alumniado», boca sem beiços e nariz agudo? Digo-vos que é, sem mais acrescentos, para se ficar de pé atrás. Homens destes, têm a pele e o coração frios; alimentam-se de conceitos, números e abstrações, pois comida mais humana não lha consente o estômago; da vida, o que mais amam é a morte inevitável e a eternidade seguinte, porque em esta eternidade todo o comércio é tão-só de almas... enfim separadas dos corpos impuros. É isso, homens destes sempre

odeiam o corpo humano e todas as suas naturais alegrias. Porquê? Porque são superiores às terrenas paixões? Talvez. Mas, principalmente, porque são *diferentes*: Podem mais e podem menos que o mais vulgar dos homens. Razão pela qual, muitas vezes, alcançam o mando; razão pela qual, têm o espírito pagueado, cheio de sombras, abismos e feras. Pondo e dispondo do destino dos homens todos duma nação, muitas vezes acontece não estarem ao seu alcance as mais singelas alegrias que enchem a existência dum vil escravo. Daqui, a sua fome de poder; daqui, a sua rai-va e repugnância por toda a humana — e deliciosa! — fraqueza. Tenho conhecido homens destes na Igreja, na governança política e nas guerras: É da sua massa que se fazem os inquisidores, os tiranos e os heróis. E também os grandes criminosos. Alguns não casam. Creio mesmo que o celibato é o estado que mais natural lhes é. A castidade ou uma devassidão que é ódio e desespero. No fundo, são muito infelizes. São sempre perigosos e, muitas vezes, autênticos flagelos. A mim, repugnam-me. (Volta a ver-se o Rei, de novo na parte mais alta da rampa: Conversa com a Superiora do Convento de Santa Rosa.) Cem vezes, mil vezes, a humanidade pecaminosa de El-Rei: Frágil segundo a humana condição, sôfrego como um qualquer, ridículo como todos às vezes o somos. (O Rei, precedido pela Superiora, desce lentamente a rampa.) «O Rei Magnânimo é dotado de excelentes qualidades, capazes de ilustrar a sua terra e dignificar o trono. Desgraçadamente cer-cou-se dum bando de velhos ministros, desprovidos de outra inteligência que não fosse a astúcia, os quais, de gorra com pre-lados, inquisidores e amigos e parentes de inquisidores, tiveram artes de converter o soberano em instrumento dócil de seus inter-esses. Lisonjeando-lhe as paixões e furtando-o à realidade das cousas, triunfaram à farta.» (O Rei chegou à porta da cela de Margarida do Monte, em Santa Rosa. A superiora toca a cam-painha de mão. Aguardam uns segundos. Música de órgão, ao

longe. O Cavaleiro de Oliveira, observando o Rei no palco, sol-ta uma gargalhada amável e conivente. Como num pregão:)

Sua Majestade Magnânima, El-Rei D. João, o quinto des-te nome, rei de Portugal daquém e dalém mar; filho muito ama-do da Santa Madre Igreja; por todo o mundo, e mais ainda por ele mesmo, considerado e venerado como o mais católico, romano e apostólico dos Príncipes reinantes, em toda a Cristandade! (Ri-so redobrado; tosse bronquítica. O Rei, impaciente, espera que a Superiora de Santa Rosa lhe abra a porta do quarto. Ao ges-to próprio da Madre, mal perceptível na sombra, corresponde a súbita e forte iluminação da cela. Quando tal acontece, o Rei, a Superiora de Santa Rosa, a Margarida do Monte e o Car-voeiro soltam todos e simultaneamente um grito de surpresa, espanto e indignação ou medo: Os dois primeiros, e com eles os espectadores, podem ainda ver a Margarida — cigana nou-tros tempos da vida airada e agora dominicana professa — e o Carvoeiro — rapaz de vinte e cinco anos, moreno e bem parecido — deleitosamente abraçados sobre o sofá-cama, nes-te cenário revestido de panejamentos em tons quentes de ver-melho. Logo desfeito o abraço pela entrada intempestiva do Rei e da Superiora, o Carvoeiro, que por momentos fica siderado, quedo e mudo, reage de repente: num pulo ágil, transpõe o beiral duma janela — representada apenas pelo seu caixilho — desaparecendo nos bastidores.)

REI

(Correndo apoplético para a janela, a gritar.) Agarrem-no! Ordem d'El-Rei! Agarrem-no!... (Tumulto exterior, gritos, re-pique de sinos. A Superiora hesita; decide-se, saindo a correr do palco, pela rampa.)

MARGARIDA DO MONTE

*(Trigueira, carnuda e esperta. A princípio transida, recom-põe-se logo: Cai de joelhos, chorando e gemendo, no papel escolhido de indefesa violentada.)* Era o Demónio; juro-vos! Ai, mesquinha, infeliz de mim! Era o Diabo, era o Diabo!...

REI

*(Vindo a Margarida, num ataque de raiva, esbofeteando-a.)* Era o carvoeiro, reles cigana! Era o carvoeiro que eu bem o reconheci!... *(De novo à janela:)* Cerrem todas as portas! Chamem o povo! Ordem d'El-Rei! Alvíssaras a quem o apanhar!...

MARGARIDA DO MONTE

*(Assomando também à janela.)* Quebrem-lhe as pernas! Furem-lhe os olhos, que morro de vergonha se esse maldito torna a ver-me!... *(Ajoelhando-se diante da imagem do fundo que, nesta segunda cela, é uma Virgem cigana, espalhafatosa nas muitas cores das vestes:)* Perdoai-me, Senhora, a ira cruel! *(Em soluços:)* Mas vós vistes, vós sabeis como estou inocente! Em vós a minha força, em vós o meu martírio! Vós, Senhora, vós sabeis que, quando aquele demónio saltou a janela, eu estava dormida, amolentada pelas febres e sangueiras que me consomem!... *(Deita-se de rojo no chão em alto choro, «desesperada».* O Rei, pouco a pouco, volta-se para dentro da cela, contemplando a cena de Margarida: Com sanha ao princípio, desconfiado logo a seguir, mais crédulo e apiedado depois; esta última nuance dar-lhe-á uma expressão bovina e bronca.)

REI

*(Aproxima-se de Margarida do Monte; levanta-a condoído.)* Estais enferma?...

136

MARGARIDA DO MONTE

*(Sentindo ganha a partida, «dá tudo» no lance final: Cai de joelhos aos pés do Rei, abraçando-se às suas pernas.)* Mandai que me escondam num coval escuro, para todo o sempre! Matai-me, Senhor, que grande esmola me fazeis! Ai! Perdi-vos, Senhor meu, e perdendo-vos perdi-me de tudo, até de mim... ai! até de Deus!... Ai! Ai!...

SUPERIORA DE SANTA ROSA

*(Entra açodada, vai junto do Rei e ajoelha-se a seus pés, a cabeça humildemente baixa.)* Castigai-me, Majestade, pois não tem perdão a Superiora deste Convento de Santa Rosa, a cuja guarda entregastes, com o vosso precioso bem, os cuidados mais secretos! Castigai a brandura da minha vigiância, que não soube conservar o vosso tesouro! *(O Rei, perplexo, com a tal expressão bovina e desajeitada, como uma criança a quem doem os dentes, fixa ora uma, ora outra das duas freiras ajoelhadas a seus pés; vai para dizer qualquer cousa, mas não encontra as palavras; tenta um gesto que logo se lhe frustra...)*

UMA FREIRA

*(Que aparece na parte alta da rampa. Após vénia.)* Apanharam-no, Senhor! O carvoeiro está preso, a ferros. Que mandais se faça com ele?

REI

*(Outra vez irado, afastando bruscamente com os pés as duas mulheres ajoelhadas.)* Enforcuem-no! Sem mais delongas. Quero que seja enforcado!! *(Sai, a passos largos, pela rampa; a Superiora de Santa Rosa e a Freira seguem-no pressurosas. Alvorço lá fora. Uma vez sozinha em cena, Margarida do Monte, logo desmanchada a máscara trágica, olha de soçlo a cer-*

137

*tificar-se; levanta-se, lesta, para espreitar à janela. Volta para dentro inquieta, apreensiva quanto à sorte do Carvoeiro: Vai ao sofá, senta-se e palpa com uma ternura sensual e triste os brocados. De repente, põe-se de pé e encolhe os ombros: crueldade nos olhos. Depois, com quase sofreguidão, tira do seio uma medalha que traz presa ao pescoço por fio, beija-a com três beijos ruidosos; faz «figas» com as duas mãos, logo beijando os polegares de ambas. Por fim, senta-se no sofá, à maneira cigana, com as pernas afastadas; encarando com o público de frente, suspira e rebola os olhos segundo a expressão popular de alívio, significativa de «Olhem do que eu me livre!»...*

*Escuro na cela. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

#### CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Certo é que o pobre Carvoeiro foi mesmo enforcado. Este caso deu que falar; não só em Lisboa, mas em todo o Portugal. Ficou na memória compadecida das gentes com o nome de «O Carvoeiro da Rosa», por ter-se ele passado no Convento da Rosa... As ciganas! À Margarida do Monte, nem o Patriarca São Domingos foi capaz de curar a sua natureza desvairada. «Os ciganos são como aves de arribação, aparecem com a Primavera, somem-se com o Inverno. Ninguém sabe donde vêm nem para onde vão. Por via de regra, são gatunos, intrujões, traiçoeiros, volúveis, atrevidos até à temeridade. Os homens caracterizam-se pela fealdade, a robustez, e pela capacidade em aguentar toda a espécie de fadiga. As mulheres são, por vezes, bonitas e simpáticas; algumas mesmo, dispõem de agrados, uma graça e formosura não vulgares. Quando acampam numa região, produzem elas mais estragos que o resto da tribo. Sabem fazer-se amar por seus mil atractivos selvagens e os homens largam tudo por elas. São temíveis a despertar amores fatais.» Ai, as ciganas! «Três anos passei eu, também, na escravidão de Joa-

na Vitorina, rapariga desta raça»... Perdoem-me Vossas Senhorias, que creio já vos ter falado nela, talvez em mais de uma ocasião. São assim os velhos: A mesma cousa dizem, redizem e tornam a dizer, convictos sempre que novidade ela é...! Pobre, querida e infeliz rapariga! Frutos da mocidade: Quase doces, ainda amargos... Joana Vitorina!... «Ia nos vinte anos, mais prazenteira que formosa, mas bem feita de corpo e dotada de espírito buliçoso. Era uma criatura muito temente a Deus, tão assídua nas devoções como eu àquela data. Ia à missa, confessava-se e comungava; reverenciava à Virgem e aos santos, e para as alminhas do Purgatório iam as suas preces mais rendidas. Comia de tudo, de tudo gostava, presunto, chouriço de carne ou de sangue. Não só não sabia o que era o Sabat, como ignorava completamente que um Moisés tivesse existido no mundo». Pois o Santo Ofício, um dia, prendeu inesperadamente a Vitorina, sob a suspeita de ser ela judaizante! Porquê, Santo Deus?! «Obra de dezoito meses decorridos, celebrou-se o auto-de-fé, onde a minha amante devia figurar e a sua confissão e sentença serem lidas publicamente. Fui assistir, e qual não foi o meu espanto ao ouvir que a criatura declarara observar invariavelmente o Sabat, não provar carne de porco, e abster-se de muitos alimentos que mil e uma vez eu lhe tinha visto comer de boa gana! Ante a leitura da sentença, a minha surpresa aumentou. A triste rapariga era condenada à pena de morte, só porque na confissão fora *diminuta*, isto é, não pudera identificar os nomes das pessoas que falsamente tinham deposto contra»...! (*Luz sobre a cela do Inquisidor-Mor. Continua o acto da confissão, mantendo-se as recíprocas posições do Geral e do 1.º Inquisidor. O Cavaleiro de Oliveira observa-os; com náusea agressiva:*) Ah, o nefando Santo Ofício! «A iníqua engrenagem da Inquisição»!

#### INQUISIDOR-MOR

Escuta, meu filho: O único mal autêntico que pode acontecer a um homem, é perder a sua alma. O único. Justicados

inocentes? Não nego; confirmo. E então? Ninguém é completamente inocente, Diogo. Não lutes mais, meu filho: Cede, entrega-te. Obedece.

1.º INQUISIDOR

(*Angustiado.*) Para vós, Reverendo Padre, a vida terrena, a vida dum homem aqui, neste mundo, não conta nada...!

INQUISIDOR—MOR

Conta sim, meu filho. Conta muito. Conta tudo: É a vida terrena do homem que lhe abrirá, ou cerrará, para todo o sempre!, a Eternidade no Seio de Deus.

1.º INQUISIDOR

(*Desencantado.*) Compreendo, Reverendo Padre. O que ele sofre neste mundo — fome, frio, doenças, solidão, injustiças, torturas sem nome nem medida... — tudo isso é nada, se o homem não sofrer com os olhos postos em Deus. Resignado. Feliz, se possível. E muito agradecido.

INQUISIDOR—MOR

Assim é, Diogo. De pouco, de mui pouco, lhe valerá todo o seu sofrimento... se, na manhã dos tempos, Jesus Agonizante no alto da Cruz não recebeu o sangue desse homem, se o não viu como ofertório, se o não misturou com o Seu Sangue Divino para uma mesma Redenção. De pouco, de nada lhe valerá.

1.º INQUISIDOR

Digo-vos, Reverendo Padre, que nunca serei um Inquisidor. Nunca. Eu amo a vida terrena, os homens e tudo o que leve

a humana marca. Nem ao pecado sou capaz de odiar: Sinto uma imensa piedade; isto tão-só. (*Num grito sufocado.*) E soffro, soffro, soffro...! porque a maior grossura das gentes que habitam este mundo vive escravizada, em tudo abaixo da humana condição, da dignidade estabelecida no Acto Criador. Isto vos dizendo eu mordo a verdade no centro do seu coração, e vós bem o sabeis! Escravos, vidas de animal perseguido, de tudo que não o medo vazias... (*Tem os olhos cheios de lágrimas, desesperado. Com raiva, erguendo a cabeça para o Geral, num quase desafio.*) Medo, Reverendo Padre!! (*Logo humilde.*) Perdoai-me... Sei que vos desiludo; que sempre vos hei-de decepcionar. Nunca podereis saber quanta dor sinto, por isto reconhecer... (*Sufocado pelo choro contido, escondendo a cabeça no peito do Geral.*) Porque... porque eu amo-vos, Reverendo Padre!

INQUISIDOR—MOR

(*Poisando lentamente a mão cansada sobre a cabeça do 1.º Inquisidor. Hirto, gelado; a sofrer.*) Eu sei, Diogo. Eu sei. Sei que te hei-de ver sentado aqui, à minha direita, como um filho, herdeiro e continuador do meu ódio ao pecado, à mentira, à lepra maldita da heresia; ou que terei de te ver deste lado, à minha esquerda... (*duro, ferocidade fria.*) como inimigo, que terei de lutar contra ti, com as últimas forças dos meus anos derradeiros... mais aquelas que me dará a Graça invencível de Deus. Acredita, Padre Diogo, que não hei-de fugir, que te darei combate de morte, até ao meu último alento! (*Tomando a cabeça do 1.º Inquisidor entre as mãos, olhos nos olhos.*) O Santo Offício precisa de ti, meu filho! Não fujas, não atraíções. Obedece. Obedece. Obedece.

(*Escuro na cela do Inquisidor-Geral. Luz sobre a rampa: Casamento simbólico de António José e Leonor, segundo o rito judaico, fazendo Lourença de oficiante: Esta, na parte mais*

alta da rampa, empunha uma taça cheia com vinho; na zona média estão, lado a lado, António José e Leonor; mais abaixo, alguns Convidados e os Criados da Casa, entre os quais a Escrava Negra. Vozes, expressões faciais, gestos e roupagens tudo terá uma simplicidade ritual, hierática.)

LOURENÇA

(Mística, com unção, recitando diante da taça de vinho.) «Louvado sejas Vós, ó Senhor Nosso Deus, Rei do universo, Criador do fruto da vinha.» (Oferece o cálice de vinho, primeiro ao noivo, logo depois à noiva.)

ANTÓNIO JOSÉ

(Colocando o anel no dedo de Leonor.) «Com este anel eu te consagro a mim, como minha esposa, de acordo com a lei de Moisés e do povo de Israel.»

LOURENÇA

(Com o cálice de vinho, outra vez cheio.) «Louvado sejas Vós, ó Senhor Nosso Deus, Rei do universo, Criador do homem.»

«Louvado sejas Vós, ó Senhor Nosso Deus, Rei do universo, que criastes o homem e a mulher à Vossa imagem, fazendo a mulher à semelhança do homem, preparando-a para o homem como companheira, para que juntos possam perpetuar a vida. Louvado sejas Vós, ó Senhor, Criador do homem.»

(Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira. Lourença, os noivos e os Convidados mantêm as respectivas posições e atitudes inalteráveis, durante toda a fala seguinte do Cavaleiro: Iluminação zonal por focos, criando o «quadro vivo» de símbolos.)

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(Contente.) Pois louvado sejas! Judeu, cristão ou pagão, louvado seja o Deus que dignifica e abençoa o casamento. (Para o palco:) Todas as benesses e alegrias deste mundo e do outro para ti, António José; e para ti, Leonor! Duas fraquezas unidas pelo amor, geram uma força capaz de arredar montanhas! Tudo recomeça agora para vós ambos. É como se, outra vez, nados fossem. God bless you! (Para o público:) «Pode lá haver estado terrestre mais feliz, ou comércio mais digno de ser praticado e cultivado pelos mortais que o do matrimónio?» «O primeiro milagre que Jesus realizou foi honrar com a sua presença as bodas de Caná.» Ninguém, mais do que eu, é contrário ao celibato e aos celibatários! «Esparta chegou a instituir uma prática curiosa: o fustigamento dos solteirões pelas mulheres, a pretexto de que serviam mal a República por não contribuir a aumentar-lhe a população. Ora aqui está a usança que eu gostaria de ver praticada nos nossos tempos!» E para que, ao menos em negócios desta natureza, me não suspeitem de teórico, aqui vos confesso que, indo já no meu terceiro casamento, por ter a morte cruel levado as minhas duas primeiras esposas, em cada um destes matrimónios fui bastante feliz, no segundo mais que no primeiro, e no terceiro mais ainda que no segundo: «A meu ver, o casamento é o mais cómodo, o mais agradável e o mais útil estado na vida do homem.»

(Escuro sobre o Cavaleiro de Oliveira. Mais luz sobre a rampa: A cerimónia continua.)

LOURENÇA

(Recitando, ainda com o cálice de vinho na mão.) «Concedei grande alegria a estes amados companheiros, como fizestes com o primeiro homem e a primeira mulher no Jardim de

Éden. Louvado sejais Vós, ó Senhor, que concedeis alegria ao noivo e à noiva.» *(Ouve-se o som exaltante do «Shofar». Os Convidados vêm ao centro do palco e bailam uma dança de noivado de inspiração antiga, judaica e messiânica.)*

«Louvado sejais Vós, ó Senhor Nosso Deus, Rei do universo, que criastes a alegria e o contentamento, a noiva e noivo, gáudio, canções, delícia e satisfação, amor e harmonia, paz e companheirismo.»

*(Dá o cálice outra vez ao noivo, que, após ter bebido, o passa à noiva.)*

«Ó Senhor Nosso Deus, fazei que se ouçam nas cidades da Judeia e nas de Jerusalém vozes de alegria e de contentamento, vozes de noiva e de noivo, as vozes jubilantes dos que estão unidos no casamento sob o pálio do noivado, as vozes de jovens cantando e bailando.»

*(O noivo retoma o cálice, bebe o vinho restante e, numa explosão de alegria, atira o copo ao chão, partindo-o em «lembrança da destruição do Templo».)*

«Louvado sejais Vós, ó Senhor, que fazeis que o noivo se alegre com a sua noiva.»

*(A luz concentra-se sobre os noivos. Suavemente, recuando, Lourença afasta-se e sai do palco, pela parte alta da rampa. Também os Convidados e Criados vão saindo, com os últimos passos da sua dança. Ao longe, ouve-se ainda o «Shofar». António José e Leonor beijam-se ternamente. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

#### CAVALEIRO DE OLIVEIRA

«O casamento — disse-me uma vez o conde Claravino — é a maior asneira que o homem pode cometer. Em qualquer época que se contraia, é sempre tropeço, escravidão, inferno.» Claro que não concordei, e combati de todas as formas a opinião deste jovem e rico florentino, que conheci nos salões da condessa Aibell, e com quem me tomei de boa e duradoura amizade.

Olhai, que o caso de António José da Silva é por demais ilustrante: Tudo quanto fez, durante a sua existência, de bom e fecundo... fê-lo depois de casar com Leonor. *(António José e Leonor começam sobre a rampa, subindo, a «marcha contra o vento», que aqui será contra o tempo, marcando a sucessão do mesmo. Seguem, a princípio, estreitamente abraçados; depois o Judeu, dando a mão à mulher, irá um pouco à frente, como que conduzindo-a.)* Com banca de advogado, no escritório que já fora de seu pai, António José da Silva lá vai ganhando a sua vida, e a dos seus, sempre com o suor do rosto, mas nem sempre com a alegria de quem se gasta no trabalho que verdadeiramente ama. *(Leonor, com gestos e pela maneira de andar, mostrará aos espectadores a sua gravidez crescente.)* Ou me enganam os meus cansados olhos, ou a Leonor está...? *(Chegados ao cimo da rampa, Leonor e António José saem do palco, por momentos. Ouve-se o ruído estridente dum choro de recém-nascido. O Cavaleiro todo se abre num sorriso feliz:)* Ah!... *(Reaparecem o Judeu e a mulher, agora seguidos pela Escrava Negra que carrega um bebé ao colo; caminhando em «marcha contra o vento», no sentido contrário ao anterior, ela mais vezes que ele, se quedam por momentos olhando para trás, para a criança.)* Um filho! O primeiro... É para o pai e para a mãe o mistério acabado do Natal, igualmente divino, como o outro milagroso, dorido e deslumbrante! Reparai como, depois de parida, Leonor vem bonita: Fugiram-lhe da face os veios sombrios do medo e da raiva... *(Para o público:)* Não é verdade? Atentai bem nela: A sua pele tem agora a luz secreta e pura das madrugadas... o sol nasce-lhe nos olhos, em cada minuto... No sorriso há açucenas pisadas por entre véus de névoa e música... Acaso me iludo? Não notais o mesmo que eu? E ele? Olhai como anda: Mais força no pisar, mais largueza no passo, no chão que calca nascerão árvores robustas... Algo se rasgou na sua frente, a sua mirada alcança mais lonjura agora... *(Para o*

*palco:)* Eh, dize lá, Escrava: Menino ou menina? *(A Escrava vai para responder; de súbito, Leonor corre para ela e tira-lhe a criança, indo esconder-se atrás do corpo de António José: Aterrorizada. O Judeu, instintivamente, protege com o seu os corpos da mulher e da filha: Ansioso, a tremer, olha fixamente um sítio do palco onde, da sombra, surgiu o rosto sibilino do Estudante Pálido, vestido agora como um pequeno fidalgo da época. Olha, sempre sorrindo, para o grupo de António José com Leonor e, sem uma palavra, lentamente, desaparece no escuro. O Cavaleiro de Oliveira, a princípio perplexo, entendeu:)* Grande filho da...! Perdoai-me, Vossas Senhorias, mas...! Cuidado, António José! defende-te, rapaz! Olha que o Santo Ofício já cheirou a tua prosperidade económica e a felicidade do teu lar, e traz o apetite aguçado! *(Para o público:)* Estais vendo? Que lástima de país! Espiões, polícias, outra vez espiões... Quem pode viver em Portugal? Que não seja réptil, ou pavão? Quero dizer, que não encarneire na raça dos espiões, ou na dos tolos?! O medo suja tudo, corrói tudo. Também a coragem, sim. A prisão, a calúnia, a fome, o fogo... podem muito. Foge, António José! Emigra, homem! Faze o que eu fiz... a tempo e horas.

LEONOR

*(Ainda transida.)* Fugamos daqui, António José! Tenho medo...

ANTÓNIO JOSÉ

*(Abraçando convulsivamente a mulher.)* Fugir, porquê?! Não causámos mal nem dano...

LEONOR

Somos judeus!

146

ANTÓNIO JOSÉ

*(Violento.)* Não somos. Quem pode acusar-nos de praticar o judaísmo, de judaizar? Dentro, ou fora de casa? Assossega, Leonor. Quem não deve, não teme.

LEONOR

*(Contraída.)* Tua mãe judaíza.

ANTÓNIO JOSÉ

Mas nós não.

LEONOR

*(Lucidez cansada.)* Tu e eu somos o que eles marcaram que fôssemos: *(Com violência:)* Tu és judeu. Eu sou judia.

ANTÓNIO JOSÉ

Eu sou tão-só um homem. Nem mais, nem menos. Nem raro espírito, nem singular de corpo. Um homem; um qualquer. Tu, uma mulher sem marcas; uma no meio das gentes. Esta é a verdade *(Violento, agressivo:)* A verdade!!

LEONOR

*(Num grito.)* Não a deles! Judeu, judeu, judeu...! *(Esconde a cabeça no corpo da filha, em soluços.)*

ANTÓNIO JOSÉ

*(Obstinado.)* Nem judeu, nem cristão. Um homem sem fé. Sem deuses.

147

LEONOR

*(Aterrorizada, tapando a boca do marido.)* Cala-te, não nos desgraças! Se te ouvem...!?

ANTÓNIO JOSÉ

*(Raivoso, a gritar.)* Um homem sem deuses! *(De repente, ele próprio fica assustado: Como que se resguarda na mulher. Ambos recomeçam a marcha. A Escrava retoma a criança, seguindo-os. A certa altura, António José pára e obriga Leonor a imitá-lo.)*

ANTÓNIO JOSÉ

Leonor?...

LEONOR

*(Passiva, desalentada.)* Dize, António?

ANTÓNIO JOSÉ

Porque nos odiam eles tanto? Não só os inquisidores: Também os de algo, também o povo miúdo... Todos!

LEONOR

*(Que repara na Negra: Medo. Faz-lhe sinal e ela sai, levando o bebé. Silêncio.)* Somos judeus.

ANTÓNIO JOSÉ

Não somos!

LEONOR

*(Exausta.)* Somos o que eles dizem que somos... *(Numa revolta:)* Acaso judaizavas tu, quando o Santo Ofício te prendeu?

Esqueceste os tratos de polé?! Acaso judaizava eu, quando me enjaularam... duas vezes? Ensandeceste, António?

ANTÓNIO JOSÉ

O ódio; mais que outra injustiça, vilania ou afronta, dói-me o ódio. Agarra-se-me à pele, prende-me a língua e os passos. Demasiada é para as minhas forças a carga do ódio. Hei-de vencê-los, não-de amar-me!

LEONOR

*(Enternecida, acariciando o marido.)* Meu António, que infante és ainda, e sempre serás...!

ANTÓNIO JOSÉ

*(Febri.)* Juro. Juro, Leonor, que mais esta peleja hei-de vencer. Hei-de trazê-los a mim, hei-de conquistá-los! Nem doutrar-te suporte eu seria para a vida. Mal os seus olhos me vejam, logo o sol neles se abrirá; mal os seus ouvidos me ouçam, logo o riso da boca lhes há-de pingar... Juro que isto alcançarei. Crê em mim, Leonor, não me tires a quentura da tua fé! Disputa eu inda hei-de ser, em cada coração, por todos à porfia me quererem e louvarem... *(Tenso de energia, quase feroz, salta da rampa para o meio do palco:)* Hei-de vencê-los, não-de amar-me!! *(Para o público, ébrio de Teatro:)* Pelo riso, os possuirei: O riso é baptismo, penitência e absolvição; água impoluta e veneno corrosivo, doce fuga e amarra dolorosa... Que ódio, o mais ramoso e torcido, o mais escuro e remoto, poderá vencer o riso?! Rindo, comigo e pela minha voz, dirão: Esta cousa é aleivosa e injusta, aquela outra mui digna e justa; esta nobre e verdadeira, aquela vil e mascarada; isto é limpo e são, aquilo sujo e chagado... Como braços dum mesmo corpo, cabelos duma só cabeça, olhos da mesma face, eu com eles seremos! Hei-

—de conquistá-los, não-de amar-me!! (Em movimentos caóticos, geométricos e angulosos, incontíveis como a criação dum mundo, um grupo de Actores-Bonifrates invade o palco, de todos os lados, incluindo a rampa. Com os olhos e os músculos ardendo num fogo ferocíssimo, logo, em saltos poderosos de força rectilínea e elástica, cuidam de conquistar os seus lugares por toda a cena; feito o que, de súbito, se imobilizam, fixando estáticas e inalteráveis as respectivas marcações, atitudes e expressões faciais: Fantoches, com caras de fantoche e posições de fantoche. Leonor, como que assustada, desaparece durante esta invasão. Luz viva, raivosa. Música. Com movimentos articulados de boneco, surge o 1.º Actor, transportando um cartaz com os seguintes dizeres: THEATRO DO BAIRRO ALTO; atravessa o palco, de lado a lado, em 1.º plano. Enquanto isto, rodam, uma de cada lado, duas frisas cujos bojos avançam sobre a orquestra: Uma será o «camarote dos frades», vedado por gelosias ou rótulas; a outra com destino a ser ocupada por damas e fidalgos da corte. Ruídos, risos, gritos impacientes do Povo que, supõe-se, enche o espaço correspondente à plateia do teatro onde esta peça se representa. Desaparecido o 1.º Actor, logo aparece um 2.º Actor, que, tal qual o 1.º, passeia um cartaz-anúncio:

VIDA DO GRANDE DOM QUIXOTE DE LA MANCHA  
E DO GORDO SANCHO PANÇA

Ópera composta por  
António José da Silva,  
o Judeu

(Palmas. Gritos do Povo. Expectativa alegre. Sai o 2.º Actor. António José, que tem estado oculto no meio dum grupo de Actores-Bonifrates, destaca-se deste num pulo ágil à maneira da «commedia dell'arte» e vindo a primeiro plano, recita para o público, com muita vivacidade e graciosa intenção. Simultaneamente entraram

no palco os 3.º e 4.º Actores—Bonifrates, um trazendo um pequeno escadote, o outro um telão negro. À medida que o Judeu diz a sua poesia acróstica, o 3.º Actor, subindo e descendo os degraus do escadote, vai escrevendo os versos no quadro negro que o 4.º Actor mantém, servindo-se duma grande e vistosa pena: Este grupo está sobre a parte alta da rampa; os gestos, movimentos e mímica dos dois Actores são afantochados; o 3.º Actor apenas mima a escritura, pois na realidade o poema, linha por linha, vai surgindo no negro do telão, constituído por letras de luz branca, salvo as maiúsculas iniciais de cada verso que são vermelhas. Chegados ao antepenúltimo verso, quando António José, declamando para o público, diz «Senhor», o 3.º Actor hesita comicamente uns momentos e depois, como numa birra, escreve «Leitor».)

ANTÓNIO JOSÉ

Amigo Senhor prudente,  
Não crítico rigoroso,  
Te desejo, mas piedoso  
Os meus defeitos consente:  
Nome não busco excelente  
Insigne entre os escritores;  
Os aplausos inferiores  
Julgo a meu plectro bastante,  
Os encómios relevantes  
São para engenhos maiores.  
Esta cómica harmonia  
Passatempo é douto e grave,  
Honesto, alegre e suave,  
Divertida a melodia:  
Apolo que ilustra o dia,  
Soberano me reparte  
Ideias, fecúndia e arte,  
Leitor, para divertir-te,  
Vontade para servir-te,  
Afecto para agradar-te.

(Logo que António José diz o último verso da poesia, os 3.º e 4.º Actores, um de cada lado, mostram a tela de letras luminosas ao público, tendo-a antes colocado transversalmente, de modo que os espectadores possam ler o nome acróstico, iluminado a letras vermelhas—ANTÓNIO JOSEPH DA SILVA. O Judeu agradece as palmas do público, que rebentam calorosas. Foco sobre o Camarote da Corte: Duas Damas sentadas à frente, três Fidalgos atrás e de pé; todos, com excepção da 1.ª Dama, que é jovem e entusiasta, aplaudem brandamente, distraídos. Graças a um dispositivo luminotécnico, também os ocupantes do Camarote dos Frades, apesar das gelosias, surgem visíveis ao público: Nele estarão o 2.º Inquisidor, um Padre Secular e mais dois Franciscanos; um destes dois, e os espectadores devem reconhecê-lo, é o Estudante Pálido, agora envergando o hábito próprio. Não aplaudem. A 1.ª Dama, debruçando-se no Camarote da Corte, atrai uma bolsa com dinheiro ao Judeu que, num salto, consegue apanhá-la no ar. Mais aplausos do Povo, gargalhadas, gritos de júbilo. Correndo, como fantoches, saem os 3.º e 4.º Actores, com eles levando o telão. António José da Silva, com uma graciosa pirueta, agradece o dinheiro, voltado para o camarote dos nobres. Depois, ostentando na mão levantada o saco das moedas, vem à 1.ª plano, faz sinal de silêncio ao público, e recita a sua «Dedicatória à mui nobre senhora pecúnia argentina». Ironia raivosa, cínica.)

«Apenas veio ao pensamento representar esta ópera, quando com o mesmo projecto nasceu gêmeo o desejo de dedicá-la a Vossa Senhoria (*dirige-se à bolsa do dinheiro*), a quem de juro e herdade lhe compete a glória de protectora de semelhantes acções, pois sem a preciosa assistência de Vossa Senhoria não há discrição que não seja ignorância. Basta que Vossa Senhoria ocupe os Teatros para que estes tenham maior estimação que os anfiteatros olímpicos e cretenses... Pois quando Vossa Senhoria, acompanhada dos seus sequazes, se digna de honrar aquele Teatro, logo tudo são parabéns, sussurros e al-

voroços; e, para que o prazer excessivo não pareça imodéstia, se vai o riso esconder nos cantinhos da boca. É cousa para ver o obsequioso respeito com que todos a recebem! Todos se afastam, todos se encolhem, uns para cima dos outros; e, quando já não há assentos, então é que Vossa Senhoria tem o melhor lugar: tudo anda num corropio; o porteiro se ataranta; o arrumador se titubeia; o chocolate se derrama; o doce desaparece; as luzes parecem estrelas; as arquitecturas dóricas; as vozes harmoniosas; os instrumentos mais se apuram; os cantores mais se afinam; os duos mais se ajustam; os bastidores não necessitam de sabão para correr; e, finalmente, até parece que a alma do arame no corpo da cortiça lhe infunde verdadeiro espírito e novo alento»... (*Correndo e saltando, num frenésim raivoso, vai junto de cada um dos Actores-Bonifrates, a todos tocando com o saco das moedas: uma vez tocados, os fantoches oscilam, por momentos, em movimentos rectilíneos, mecânicos; depois, como que acordando, respirando fundo, espreguiçam-se dionisiacamente, e tomam enfim a natureza de Actores-Homens, perdendo a rigidez do automatismo e adquirindo mímica e expressão corporal humanas. António José continua a recitar a sua dedicatória, sempre dirigindo-se ao saco das moedas. Outra vez em 1.ª plano:)*

«Espero que Vossa Senhoria, desterrando as melancolias do aferrolhado, deixando vazios os cubiculários bolsilhos dos avarentos e jarretas, continue em fazer-nos mercê, pois a docilidade da sua pessoa é o atractivo de nossos corações. E assim, já posso navegar seguro no mar da fortuna, pois se Vossa Senhoria se declara patrona, por força há-de franquear os cartuchos. Uma burra guarde a ilustre pessoa de Vossa Senhoria os anos que todos seus criados havemos mister.»

TODOS OS ACTORES

(*Em toada litúrgica, reverenciando.*) Ámen! (*Aplausos francos e gostosos de toda a assistência. Foco mostrando, no Ca-*

*marote dos Frades, o rosto imóvel, sempre sorridente, cruel e inquietante, do Estudante Pálido. António José da Silva agradece ao público e indica os Actores, anunciando assim o começo da função. Sai, de salto. Baixa ligeiramente a luz no palco, aumentando sobre o Cavaleiro de Oliveira. Em cena, os Actores fixam, imóveis, as respectivas expressões corporal e de rosto.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Entusiasmado.)* Sem pinga de água benta, cegueira de bem-querer, ou acrescento de propaganda, vos digo que a estreia do Judeu não podia ter sido mais alvissareira. Noutes e noutes a fio lhe encheram o Teatro do Bairro Alto: Gente miúda as mais das vezes, mas também alguns da corte e muitos da mercância. E desde então, nas bocas mais pagueadas e sisudas, logo floresce a rosa fresca do riso, mal alguém diz o nome do autor das óperas que se jogam no Bairro Alto: «Judeu! Judeu! Judeu!»... Num instante, o riso esfarrapou as sombras deste nome amaldiçoado, cavalgou sobre o medo, sacudiu ancestrais fantasmas, poeirou o ódio. Asa ferida de augúrio e esperança, a jura de António José por inteiro se cumpriu: Conquistou, enfim, o amor das gentes! Venceu-as pelo engenho, pela graça, pelo riso. Um riso patusco e chocarreiro, jogralesco e escarminho, o qual, para os mais sofridos e calcados, torneira seria também da vingança, ano após ano sus-tida e adiada, e agora ali cumprida, ainda que incruenta, sobre as tábuas do palco...

Mas nem todos quantos têm ido ao Teatro do Bairro Alto, a ver a «Vida do Grande Dom Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança», têm rido a seu íntimo gosto, no jeito desatado e livre que as graças do Judeu no geral provocam: Sempre, em cada noite, algum haverá — no Camarote dos Frades, ou entre os da corte... — que morde o beiço, num sorriso empurrado, ao qual os relâmpagos dos olhos iracundos descobrem toda a postiza amenidade. Esse algum será talvez um dos tais «poetas malélicos» da Arcádia, panegiricadores interesseiros de El-Rei, que, em troca magnânima, os albarda com muitos e imerecidos

favores. Digo imerecidos, porque são eles verdadeiramente convencionais e estéreis, secos e ociosos, cheios tão-só daquele seu mitológico vocabulário, empoado e muito empomadado, que ninguém entende, e eles guardam zelosamente nas axilas e nas virilhas de Apolo, seu rendilhado e sedição mestre... (*Gargalhada saudável.*) Ah, como o Judeu os soube pintar! Como lhes pôs à vela as imposteirices, manchas e mazelas! E como eles se alertam, em torceduras raivosas, ao verem destarte perigar o seu proventoso negócio de chocolate e rebuçados... poéticos; (*Gargalhada. Aumenta a luz no palco, baixando sobre o Cavaleiro de Oliveira. Música. Desfazendo a marcação em que se imobilizara, o Actor-D. Quixote avança para junto do Actor-Apolo, que está posto em destaque, sobre a rampa, e rodeado pelos Actores-Poetas.*)

D. QUIXOTE

«Diga-me, Senhor Apolo, e como se chamam os poetas, que tanto o perseguem?»

APOLO

«Essa é a desgraça, D. Quixote; que os poetas que me perseguem não são de nome; e contudo cada um cuida que é mais do que eu mesmo.»

D. QUIXOTE

«Dizei-me, poetas de água doce; dizei-me, rãs, que grasnais no charco da Cabalina; dizei-me, cisnes contrafeitos, que vos banhais nos lodos da Hipocrene, com que motivo quereis competir com o deus da Poesia»? (*Gargalhadas do público. Luz no Camarote dos Frades: Percebe-se que a flechada do Judeu atingiu um deles.*)

POETAS

«Porque esse Apolo, como não inspira, não merece o nome de Apolo; e assim queremos tomar-lhe o Parnaso, e reparti-lo entre nós.»

SANCHO PANÇA

*(Que se aproxima de D. Quixote e está agora a puxá-lo pela manga.)* «Senhor, não se meta a brigar com os poetas, que são piores que gigantes. Veja vossa mercê que eles trazem um exército de dez mil romances, quatro mil sonetos, duzentas décimas, oitenta madrigais, e um esquadrão de sátiras volantes em silva, que arranha. Veja bem em que se mete.»

D. QUIXOTE

«Nada me assombra; porque eu só com esta espada hei-de vencer a quantos poetas há no mundo. Cerra, Espanha; viva Apolo, e morram traidores!» *(Há bulhas e gritos, entre D. Quixote, Sancho e os Poetas.)*

APOLO

«A eles, meu D. Quixote, que a vitória é nossa!»

SANCHO

«Aque-d'El-Rei, que estou passado de parte a parte com um soneto em agudos!»

D. QUIXOTE

«Já fugiram como mosquitos.»

SANCHO

«Avança, que com esta gente sou eu gente.»

D. QUIXOTE

«Já, glorioso Apolo, podes cantar a vitória.»

SANCHO

«...Já que sou poeta, pois estou no Parnaso, quero cantar o triunfo. Toquem as senhoras Musas e o Pégaso faça o compasso.» *(Canta:)*

«Se hoje o meu cantar  
um zurro há-de ser,  
quero começar:  
an, an, an, an!  
E se dos poetas  
galo posso ser,  
cantarei aqui  
qui quiri qui,  
e logo acolá  
cá cará cá.  
Porque canto só,  
có coró có.  
Mas melhor será  
tornar a dizer  
o que cantei já:  
an, an, an, an!»

*(Risos. Muitas palmas. Gritos de entusiasmo. Do Camarote dos Frades, vê-se sair o Frade-Poeta, indignado, apoplético. Os Actores voltam às primeiras posições e atitudes estáticas. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Ainda a rir.)* Estes poetas... *(gargalhada)* de água doce!... A partir do nada, constroem versos de nada, significando nada... *(Curiosidade maliciosa, quase cruel:)* Quando, daqui a um, dois séculos, se representar esta ópera do Judeu, ainda haverá entre os espectadores alguém que saia tangido, chamuscado, como aquele fradilhão-poeta? *(Indica o Camarote dos Frades.)* Haverá então ainda poetas destes? Gostaria de o saber... Não sei, mas receio bem que sim: É que esta brotoeja poética pega-se com grande e promíscua agudeza, e o português é-lhe mui particu-

larmente atreito. Se assim for, ainda bem para o Judeu, porque as suas óperas continuarão a ser escutadas e discutidas; e ainda mal para o reino de Portugal, porque estes poetas e a poesia que eles... urinam só vivem e medram na ociosidade do jogo inútil, com assento no privilégio imerecido de alguns sobre a miséria da maioria. Não; que António José da Silva, a quem muito estimo e admiro, me perdoe, mas eu queria de todo o coração que, nesses séculos vindouros, as suas óperas tivessem caído em desuso, por já não haver alvo para as flechas que nelas mui certeiras se apontam. Pasto ressequido e poeirento para os velhos vasculhadores de alfarrábios. Isto, tão-só. Olhai, que não brinco. Acreditai que antes muito a sério vos falo. Se não vede como o Judeu nos retrata a justiça do seu — e do meu — tempo, no cristianíssimo reino de Portugal...

*(Mais luz no palco, menos sobre o Cavaleiro. Um Actor vai buscar um cadeiral que coloca no meio da cena. Sancho Pança, ridículo e solene, senta-se nele. Rodeiam-no o Meirinho e o Escrivão. Os outros têm as posições estáticas respectivas, deixando-as à medida que são chamados à acção e logo depois as retomando.)*

MEIRINHO

«Posso agora mandar vir os feitos para a audiência?»

SANCHO

«Oh, magano! Feitos na audiência! Aqui é secreta? Como se chama esta ilha?»

ESCRIVÃO

«A Ilha dos Lagartos.»

SANCHO

«Pois, quando a crismarem, mudem-lhe o nome e chame-se a Ilha dos Panças, em memória da minha barriga. Pergunto mais: a quanto está a canada de vinho?»

158

MEIRINHO

«A seis vintéis.»

SANCHO

«Logo, logo, com pena de morte, se ponha a dez réis; não quero que por falta de vinho deixe de haver bêbados na minha ilha. Mandai vir as partes para a audiência.» *(Aproxima-se um Homem.)*

HOMEM

«Senhor Governador?»

SANCHO

«Que quereis ao Senhor Governador?»

HOMEM

«Senhor Governador, peço justiça.»

SANCHO

«Pois de que quereis que vos faça justiça?»

HOMEM

«Quero justiça.»

SANCHO

«É boa teima! Homem do diabo, que justiça quereis? Não sabeis que há muitas castas de justiça? Porque há justiça direi-

159

ta, há justiça torta, há justiça vesga, há justiça cega e finalmente há justiça com velidas e cataratas nos olhos. Senhor Governador!»

HOMEM

«Senhor, seja qual for, eu quero justiça.»

SANCHO

«Uma vez que quereis justiça... Olá, ide-me justificar esse homem em três paus.»

HOMEM

«Tenha mão, Senhor Governador, que eu não peço justiça contra mim.»

SANCHO

«Pois contra quem pedis justiça?»

HOMEM

«Peço justiça contra a mesma Justiça.»

SANCHO

«Pois que vos fez a Justiça?»

HOMEM

«Não me fez justiça.»

ESCRIVÃO

«Senhor, não saberemos o que pede este homem?»

SANCHO

«Homem, que é o que pedis?»

160

HOMEM

«Peço recebimento e cumprimento de justiça.»

SANCHO

«E de que cumprimento quereis a Justiça?»

HOMEM

«Seja do cumprimento que for, que eu com tudo me contento.»

SANCHO

«Ó Meirinho, ide à gaveta da minha papelreira de chorão-da-índia e, entre várias bugiarias que lá tenho, tirai uma Justiça pintada que lá está, e dai-a a este homem, e que se vá embora.»

HOMEM

«Senhor, eu não quero justiça pintada.»

SANCHO

«Pois, beberrão, não sabeis que não há nesta ilha outra justiça, senão pintada? Ó Meirinho, lançai-me este bêbado pela porta fora, que nenhuma justiça tem no que pede.»

HOMEM

«Viu-se maior injustiça!» *(Volta à marcação inicial, entre os outros Actores. Aplausos, palmas, gritos de satisfação, da parte do público. O Meirinho vai buscar o Taverneiro, trazendo-o preso.)*

161

MEIRINHO

«Senhor, este taverneiro foi agora apanhado neste instante deitando água em uma pipa de vinho; que se há-de fazer?»

SANCHO

«Água em vinho! Há maior insolência! Ó homem do diabo, e não te caiu um raio nessa mão? Logo seja enforcado sem apelação, nem agravo. Tenho dito.»

TAVERNEIRO

«Senhor, este Meirinho mente.»

SANCHO

«Isso é outra cousa: uma vez que o Meirinho mente, ide-vos embora. Mas ouvís? Mandai-me um almude desse vinho, que quero ver se tem água.»

TAVERNEIRO

«Viva vossa mercê muitos anos!» *(Aplausos do público. O Taverneiro volta à marcação primeira. Agora é uma Mulher que vem até Sancho.)*

MULHER

«Senhor Governador, venho queixar-me a vossa mercê de uma insolência.»

SANCHO

«Como pede, ide-vos embora.»

162

MULHER

«Se vossa mercê ainda me não ouviu, como já me despacha?»

SANCHO

«Pois eu não posso deferir sem ouvir-vos?»

MULHER

«Senhor, foi o caso: Eu sou uma moça donzela e solteira. Fui pecadora, caí na tentação do Diabo; um magano... Já vossa mercê me entende! E agora, diz que não quer casar comigo.»

SANCHO

«Pois não caseis vós com ele, que esse é o maior despique que há nesta vida.»

MULHER

«Senhor, eu quero casar, mas ele não apareceu; suponho que fugiu.»

SANCHO

«Olá, metam essa mulher na cadeia com uma corrente ao pescoço, e grilhões aos pés, bem carregada de ferros, até aparecer o homem com quem quer casar.»

MULHER

*(Retomando a marcação anterior.)* «Que isto se permita no mundo!»

163

MEIRINHO

«Ainda cá não entrou Governador mais recto, nem mais sábio!»

SANCHO

«É para ver! Não, comigo ninguém há-de brincar.» *(O público está inteiramente conquistado: Aplauda com entusiasmo. Luz no Camarote dos Frades: O Estudante Pálido tem os olhos mais aguçados, o mesmo sorriso ambíguo e mais cruel. Um 2.º Homem deixa a marcação em que tem estado e dirige-se, a correr, para Sancho Pança.)*

2.º HOMEM

«Aque-d'El-Rei, que me mataram! Não há justiça nesta ilha?»

SANCHO

«Que tens homem? De quem te queixas?»

2.º HOMEM

«Senhor Governador, ouça vossa mercê o caso mais atroz que tem sucedido nesta ilha; prepare os pasmos, tenha pronta a admiração, e desenrole as atenções para me ouvir.»

SANCHO

«Olá, Meirinho, mandai preparar os pasmos, tende pronta a admiração, e desenrolai as atenções, para se ouvirem neste tribunal as queixas deste autor de seu delíto; que, assim como

a ninguém se pode negar a vista, como dispõe o *text. in l. Coecus, § Tortus ff. de his, qui metit um olho por outro*, e como muitos o provam Pão Mole no *cap. das Côdeas*, também da mesma sorte o ouvido se não deve fechar para ouvir os queixosos, como dispõe a *l. das doze tábuas de Pinho na segunda estância de Madeira, Cod. de Barrois.*»

ESCRIVÃO

«Este homem é um burro de textos!»

SANCHO

«Homem, dizei a vossa querela, que eu tiro a cera dos ouvidos para vos ouvir.»

HOMEM

«Senhor, foi o caso...»

SANCHIO

«Basta; não me conteis mais; basta que esse foi o caso! Há maior insolência! Que assim se perca o respeito à Justiça! Olá, olá!»

HOMEM

«Senhor, escute vossa mercê, que ainda isto não é nada; ouça-me vossa mercê até ao fim.»

SANCHIO

«Quem ouviu esse caso não tem mais que ouvir, se não logo fazer justiça a torto e a direito. Ó Meirinho, mandai

logo levantar uma forca no meu gabinete, para que mais publicamente seja castigado o delinquente.»

MEIRINHO

«Viva o nosso Governador Sancho Pança!»

TODOS OS ACTORES

*(Pulando.)* Viva! Viva! Viva!

SANCHO

*(Modesto, pondo-se em pé.)* «Bem folgo que vejais a minha inteireza.»

ESCRIVÃO

Viva o nosso Grande Governador da Ilha dos Lagartos!  
«Viva para exemplo dos ministros e honra das ilhas!»

TODOS

Viva! Viva! Viva!

*(Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Levantando-se.)* Viva! *(Para o público, em confidência caricaturalmente maliciosa:)* Ai de quem, nesta Ilha dos Lagartos, não dê vivas ao Grande Governador...! *(Para o palco, compondo a máscara do fervor patriótico:)* Viva o Grande Governador da Ilha dos Lagartos!

3.º ACTO

PERSONAGENS :

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

LOURENÇA COUTINHO

LEONOR

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

INQUISIDOR-MOR

1.º INQUISIDOR

2.º INQUISIDOR

REI

ALEXANDRE DE GUSMÃO

CARDEAL DA MOTA

LUÍS ANTÓNIO VERNEY

D. LUÍS DA CUNHA

DIOGO DE MENDONÇA CORTE-REAL

ES CRAVA NEGRA

PETRONILHA

VOZ TRÁGICA

ESTUDANTE PÁLIDO

ESOPO

XANTO

PERIANDRO

ÉNIO

D. TIBÚRCIO

SEMICÚPIO

D. LANCEROTE

ANFITRIÃO

ALCMENA

SARAMAGO

JÚPITER

BENTO PEREIRA

PADRE SECULAR, proclamador das sentenças

NOTÁRIO

ESCRIVÃO

MARIA DA LUZ

1.ª ACTRIZ  
2.ª ACTRIZ  
ACTOR ADOLESCENTE  
ACTRIZ VELHA  
UMA CRIANÇA, filha do Judeu  
UM BEBÉ, filho do Judeu

Vozes de Homens e Mulheres-público do Teatro do Bairro Alto; Vozes de Homens e Mulheres-público do auto-de-fé e da execução do Judeu; Actores e Actrizes; Penitentes do auto-de-fé; Familiares do Santo Ofício; Jesuítas; Presos e Presas; Fidalgos Embuçados; Damas; Padres porta-adereços; Inquisidores.

*Com o palco inteiramente às escuras, e durante segundos, ouve-se o clamor do público entusiasmado, no final da representação duma ópera de António José da Silva: Palmas, gargalhadas, chamadas ao autor — «Judeu! Judeu! Judeu!»... Estes gritos — «Judeu!...» — ampliados e tudo oniricamente envolvendo, acabam por abafar os outros ruídos. Não-de sentir-se pesar como uma sombra pressaga escondida no riso, uma ameaça sonâmbula, incorpórea, e ambígua: «Judeu! Judeu! Judeu!...»*

*Luz. Em casa de António José da Silva. Lourença, sentada no seu cadeiral, dormita: A cabeça pendente no peito, caído no chão o pano em que bordava. Em total silêncio, Leonor costura, um pouco ao lado e atrás de Lourença. Está calor e o público deve senti-lo em cena. Ouve-se apenas a meia-voz infantil e dolente da Escrava Negra que, enquanto abana com um leque o corpo adormecido da menina, vai cantando uma modinha do seu Brasil natal. A certa altura, Lourença estremece violentamente, soltando um grito rouco, abafado. Logo inquietas, os olhos postos em Lourença, Leonor e a Escrava interrompem as suas tarefas. A respiração da velha dormiente readquire o ritmo normal; tudo recomeça como antes. Outra vez Lourença se agita, deixando ouvir um «Não! Não!», aterrorizado e pouco perceptível.*

LEONOR

*(Levanta-se e vai de mansinho até junto de Lourença; observando-a atenta, com voz velada.) Mãe...?*

ESCRAVA NEGRA

*(Assustada, supersticiosa.) Sonho ruim...? (Benze-se. Abana em silêncio, sem cantar.)*

LEONOR

*(Voltando ao seu banco e à costura. Triste.) O pesadelo. Pobre velha...*

*(Sonho profético de Lourença. Num «écran» que surge ao fundo, serão projectados fragmentos de filmes-documentários dos campos de exterminação nazis para judeus, durante a última guerra. As imagens escolhidas, que serão autênticas, mostram os massacres de judeus nas câmaras de gás: Massas imensas de vítimas, esfarrapadas ou nuas, movendo-se como num pesadelo, sem elementos precisos no vestuário, ou outros, capazes de as temporalizar numa época determinada. Pormenores de horror: O medo angélico das crianças, o rosto da morte nos seres jovens e belos, o misticismo messiânico dos velhos. A luz e o som criarão a necessária unidade entre as imagens fílmicas e as personagens vivas do palco: As cenas projectadas devem sair de dentro de Lourença, da raiz da sua angústia como ondas de pavor. Ouvir-se-á, durante a projecção, o velho canto de amor judaico: «Shema Yisrael Adonoi Elohenu Adonoi Echod...» Ao ritmo feroz dos tambores de guerra, uma Voz Trágica irá rememorando os nomes malditos dos campos de extermínio.)*

Voz

*(Sobre as imagens projectadas.)*

172

Maidanek.  
Treblinka  
Auschwitz.

*(Lourença solta um grito de horror, esfacelado, terrível. Leonor levanta-se e aproxima-se dela: Hesitante, inquieta. A Escrava, assustada, esconde a cabeça na cama da menina adormecida.)*

Mauthausen.  
Belzec.  
Sobibor.  
Chelmno.  
Ponary.  
Buchenwald.

*(Novo grito de Lourença. Leonor, a chorar, tenta acordá-la.)*

Theresienstadt.  
Vilna.  
Sharzysko.  
Bergen-Belsen.  
Janov.  
Dora.  
Neuengamme.  
Pustkow.  
Varsóvia.

*(Leonor, aterrorizada, sem controle, abana violentamente Lourença. Esta, num derradeiro grito estrangulado, acorda e levanta-se enfim da cadeira. Aparece António José da Silva assustado, em expectativa ansiosa. Lourença, ainda possessa pelas imagens do seu sonho-profecia, corre cambaleante pelo palco, como um animal atacado. Desaparece o «écran»; cortina, preta como antes. Luz forte.)*

173

SONHO

LOURENÇA

(*Encarando com António José, corre para ele e abraça-o ferozmente, beijando-o sôfrega.*) Eu vi... vi...! Deus abandonou-nos! O Senhor extermina Israel!... (*Num urro:*) Eu sei, eu vi! Foge, António, foge!... A nossa raça está amaldiçoada... Todos mortos... torturados... O Senhor abomina Israel!...

ANTÓNIO JOSÉ

(*Acariciando a mãe, terno.*) Foi um sonho, mãe. Tão-só um mau sonho... Passou.

LOURENÇA

(*Obstinada.*) Eu vi!!...

LEONOR

(*Estática, com as lágrimas correndo pela face; a voz é todavia muito doce, sedante e distanciada.*) «Bem-aventurado o homem, Senhor, a quem Tu repreendes, a quem ensinas a Tua lei.» (*Pequena pausa.*) Salmos XCIV, 12. (*Pausa maior. António José leva Lourença até à cadeira e fá-la sentar, carinhosamente.*) «Porque o Senhor repreende a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem.» Provérbios III, 12.

LOURENÇA

(*Quebrada a excitação; interior, abismada.*) Eu vi...

LEONOR

(*Sempre estática; agora com a voz exausta, seca.*) Tenho medo.

ANTÓNIO JOSÉ

(*Força conquistada.*) Eu não. Já não tenho medo. Já não sei de cor nem salmos, nem provérbios... Venci os deuses. Mas orgulho-

-me de ser pertença duma raça que nunca, em quase dois mil anos, empunhou armas, que nunca gerou nem pariu impérios missionários. Seja qual for o destino dos judeus, eu sinto agora uma grande paz, quase alegria, quando descubro em mim força para o sofrer juntamente com os outros. Não tenho fé; mas aceito-me judeu. Mudei. Já não tenho medo!! Isto eu devo ao teatro, ao favor e aprazimento do meu público, ao calor da sua querença por mim... Eles distinguem-me, preferem-me e amam-me! *São meus.* Mais, cada vez mais! *Se preciso for, eles lutarão por mim... pelo Judeu!* Não, não tenho medo. *Sou judeu!!!*

LOURENÇA

(*Olhando o filho, aterrorizada.*) Eu vi, eu...!

LEONOR

(*Rígida.*) Tenho medo.

ANTÓNIO JOSÉ

(*Com quase raiva, numa afirmação desesperada; correndo de Lourença para Leonor.*) O que é um sonho, minha mãe? Que valimento, que peso tem um sonho?! Medos, profecias, sonhos, fantasmas, presságios...? Sombras, nuvens negras, pobres e incorpóreas sombras que a luz *real* do dia, a voz dos que me aclamam e glorificam... em um instante, esbandalha e desfaz. Eu creio tão-só nos gritos que ouço, nos corpos que apalpo: E estes são *meus!* Só a realidade conta, vale e pesa. A realidade é ser António José da Silva, o Judeu, um *rei*, no Teatro do Bairro Alto. Um *rei!* o povo ama-me: Ri quando eu quero, e de quanto eu queira; pensa o que eu mandar que ele pense. E não só o povo pequeno. Mesmo os de sangue. Até Sua Majestade já se debruça, enfeita e pendura em o Judeu, com outros mui altos o discutindo

e por causa dele todos folgando... O Judeu sou eu!! Esta, esta é a realidade. *(Salta, vitorioso, para cima da rampa. Escuro em todo o palco. Apenas um foco sobre António José que mantém fixas a marcação e as atitudes corporal e do rosto. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Veste uma casaca diferente, de muito efeito, faustosa mesmo; rica, de facto, mas já velha: Isto há-de notar-se no coçado do pano, aqui e além; também no apertado do corte, justo e elegante certamente noutros tempos, tal velhice se denunciará. Distinto sempre, taful ainda, o Cavaleiro espia o efeito no público da plateia: Toque leve e requintado nas rendas do peitilho, posição das pernas estudada no jeito «snob» de evidenciar as abas da casaca, etc. Sorriso húmido de saliva, «charmeur». De repente, nota o desfiado da seda em certo sítio que a luz descobre inclemente; logo franzido o rosto desagradado, atenta melhor; irritado com a luz, finge defender-se dela, usando a mão à moda de pala; nervoso, ergue-se ligeiramente, mudando-se, e à poltrona, para local de mais obscuridade.)* Neste cuidado, que compromisso é, de vos narrar a vida do Judeu; cuidado que a minha pessoa e Vossas Senhorias tem amarradas, queria agora algo mais dizer-vos sobre o seu sempre bem sucedido teatro: A segunda obra de António José da Silva, representada também no mesmo barranco do Bairro Alto, foi... *(certifica-se num papel escrito:)* Deixai-me antes ler, que vos quero dizer certo... *(Surge, com música, o 1.º Actor; atravessa o palco, mostrando o seguinte cartaz:)*

ESOPAIDA OU VIDA DE ESOPHO

*Ópera composta por  
António José da Silva,  
o Judeu*

Ora, nem mais, nem menos: Aquela foi, a Esopaida! *(Com um sorriso doloroso, melancólico:)* «Vai em sete anos que resido em

Londres, e ainda não pus os pés no teatro de Hay-Market a ouvir a mais apregoada opereta. Posso dizer que há mesmo doze anos que não frequento espectáculos.» Ah, detesto Londres!... Enquanto pude, nunca tive ânimo para recusar dinheiro a quem, numa aflição verdadeira... ou fingida, mo pedia emprestado. *(A disfarçar a angústia, cheirando afectadamente o rapé da sua mimosa caixinha:)* Pois, encontrando-me eu agora em situação de precisar, são já três as recusas que recebi, e tão-só no espaço de quinze dias... *(Reparando nas duas personagens que acabam de entrar na frisa da corte. Este camarote será, por enquanto, a única zona iluminada do palco; escuro nas restantes, exceptuando o foco que continua a mostrar-nos, sobre a rampa, António José da Silva.)* Olá, gente tão preciosa e rara, de tanta qualidade, em sangue e saber, aqui? No Teatro do Bairro Alto?! Verdade é, grossa, clara e incontroversa, ter o Judeu conquistado Lisboa! *(Para o público:)* Sabeis de quem vos falo? Seguros estais da sua celebrada fama e dos excelsos nomes que usam? Ó céus, acaso os não reconheceis?! *(Com desdém:)* Não. Vejo em vossos olhos que não. Pois ainda bem, para a salvação das vossas melindrosas almas. *(Em tom de confiança irónica:)* *Estrangeirados!*... Oh, juro-vos que nada haveis a temer. Certo é, e mui sabido de todos: Na «Ilha dos Lagartos», se adrega crescer alguém doutra raça que não a de lagarto, emigrado cedo ou tarde há-de ser... para que lhe não assueda pior percalço. Falo das masmorras do Santo Ofício e do queimadeiro, bem o sabeis. E se esse alguém, enxetado do seu país pela tirania dos que lhe guardam as rédeas contra a vontade e o saber de muitos, tiver olhos e não for cego, ouvidos e não for surdo, miolos e não for tolo, por certo há-de ver, ouvir e pensar. Por certo há-de comparar. E, isto fazendo, iluminando-se, por certo há-de *estrangeirar-se*... Pois tendes ali, dentro daquela caixa, dois dos poucos estrangeirados que a protecção e o apreço d'El-Rei — não os da Santa Inquisição, que de todos eles suspeita... — permitem que in-

da residam em Portugal: Diogo de Mendonça Corte-Real — aquele mais idoso e sisudo... o que agora se está assentando... — e Alexandre de Gusmão, que vive de ser escrivão da puridade de Sua Majestade. (*Pausa atenta, olhando os espectadores com náusea raivosa:*) Gusmão, disse; ouvistes bem. Mas... por amor de Deus, nobres damas, não vos sobressalteis: Não, não é esse em que, com grande temor e indignação das vossas consciências, ora estais pensando! Tão-só um seu irmão. A este não dotou Deus Nosso Senhor com o *génio* de inventar que — para escândalo vosso, mais de quem vos governa as consciências, e para forçada glória deste esmigalhado e zurzido reino — pôs ra semente prodigiosa, singularíssima, única!, do outro, do mano Bartolomeu. Falo do grande Bartolomeu de Gusmão (*com quase ferocidade:*), um dos engenhos mais extraordinários que, neste, como em os outros passados tempos, já pisou o solo ignaro e pocilguento desta mesquinha nação! O padre Bartolomeu, o mesmo, o que... (*troça cruel:*) por artes do Diabo, fez voar a «Passarola» — amparai as vossas virtuosas damas, Senhores que me escutais, que não me sobra o ânimo para vê-las lividecer e fanicar de susto! —, o que mudou terra artificial em carvão, o próprio que pôs os moinhos de rodízio e os engenhos de açúcar a dar duzentas vezes mais do que antes produziam e sem que, por tal, gastassem nem mais um litro de água! (*Mais violento:*) Esse Bartolomeu de Gusmão que o Santo Ofício suspeitou de feitiçaria, a quem vós outros atribuístes pactos com o Demónio! Esse mesmo que, de todo desamparado pelos do seu hipócrita, devasso e ridículo país, morreu exilado em Toledo, numa mísera enxerga de hospital, que até esta, no reino em que nasceu, por certo lhe negariam!!... (*Melífluo, inquietante:*) Só então, virtuosas e esclarecidas damas deste país, só então as vossas imaculadas consciências acharam pousada de sossego; só então — morto, enfim, o danado conspurcador! — o sorriso floriu, suspirando de alívio, nos vossos doces lábios... Aquele que ali vedes, é Alexandre de Gusmão,

no qual respeito e louvo o altíssimo saber, o finíssimo diplomata, o magnífico economista, o... (*É brutalmente interrompido pelo Povo-público do Teatro do Bairro Alto — em gravação, pois —, que canta, no estilo grotesco-profético próprio, os versos seguintes que são autênticos e, na época, correram de mão em mão:*)

## VOZ DO POVO

«Quem quer destruir-nos a ideia? — Gouveia.  
Quem merece a Inquisição? — Gusmão.  
Quem o deve acompanhar? — Gaspar.  
Pois, meu rei, acautelar.  
Olho aberto, e vede bem  
Que no reino não convém  
Gouveia, Gusmão, Gaspar.»

(*Alexandre de Gusmão, que antes conversava vivazmente com Diogo de Mendonça, ao ouvir o começo da canção que o atinge, reage primeiro com desdém altivo: Vem colocar-se à frente, de pé, muito direito. Diogo de Mendonça, encolhendo os ombros, mantém-se como que alheio e distraído, passeando pela plateia os olhos preguiçados e muito vivos ainda. Aos poucos, no correr da cantiga, o rosto de Alexandre de Gusmão abranda os traços: Termina olhando o povo que o vaia, com uma grande tristeza, compadecida e desanimada. Acabou a canção.*)

## UMA VOZ DE HOMEM

(*Declamando, num grito.*) Quem merece a Inquisição?

## VOZES DE HOMENS E MULHERES

(*Respondendo, sincopadas.*) Gusmão! Gusmão! Gusmão!

## UMA VOZ DE MULHER

Morraram os estrangeirados!

Moram!! Fora! Fora! Fora!... *(Arremessada da plateia, uma bota velha atinge Alexandre de Gusmão na face. Este mantém-se firme, estático. Diogo de Mendonça levanta-se indignado e debruça-se no camarote, fuzilando o povo com os olhos. O público, que o teme, abranda a vozeria até ao sussurro. Fazem a sua entrada no Camarote da Corte, o velho diplomata D. Luís da Cunha e o Padre barbadinho Luís António Verney, que é muito novo ainda. D. Luís da Cunha, de presença requintadamente cosmopolita, avança para junto de Diogo de Mendonça: Ambos mantêm a turba contida, só com olhá-la, pela serenidade autoritária. Seguros de o terem conseguido, os dois velhos sentam-se; Verney e Gusmão ficam de pé, atrás deles.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Que aquando do incidente se tinha levantado com indignação, volta a sentar-se. Para o público; ironia triste.)* Vão assim as cousas em Portugal... O povo vaia e agride aqueles raros que, neste desgraçado país, porfiadamente estudam e pelejam para lhe melhorar a condição. *(Tomando outra vez calor:)* Porque, meus Senhores, são estes quatro ilustres estrangeirados... Deixai que vos apresente o terceiro, D. Luís da Cunha, embaixador insigne de Portugal que foi em Haia, Londres e Paris; e o quarto, aquele jovem padre barbadinho, Luís António Verney, que por este tempo cogitando andaré o seu *Verdadeiro Método de Estudar*, por encargo de El-Rei Nosso Senhor, de quem recebeu uma «particular ordem de iluminar a Nação em tudo o que pudesse». Pois dizia-vos eu que são estes quatro estrangeirados, e poucos mais dentro do país, além de alguns mui valorosos e sábios que fora deste reino vivem, em exílio obrigado... que são estes europeus quem, tendo bebido no estrangeiro as luzes da no-

va ciência, pretende, com elas e por elas, iluminar a Nação. Testemunhas sois de como o povo os agracia, respeita e venera: Vistes de que jeito, com uma só e a mesma cega punhada, castigaram os rasteiros Gaspar e Gouveia, e ofenderam o altíssimo Alexandre de Gusmão!... São todavia aqueles esforçados e generosos iluministas que, desafiando a ruim sorte dos que oisam merecer o desagrado d'El-Rei, põem a descoberto as crónicas chagas que em todo o absolutismo se escondem, que apontam a nudez obesa e bronca dos nobres deste reino, a quem impiedosos depenam dos seus privilégios e preconceitos de sangue; que, com perigo de sua liberdade e das próprias vidas, afrontam a intolerância da Inquisição, desmascarando os seus processos secretos e as suas suspeitíssimas delações; que, augurando mal do futuro do reino, clamam contra a sua miséria económica e militar; que, com muita caridade, justiça clarividente e apostólico empenho, sem quebra de ânimo guerreiam a ignorância — ai, a ignorância! — e o obscurantismo da gente miúda...! Pois, agora mesmo, acabastes de ver em que moeda o povo de Portugal paga as suas dívidas... Ai, triste, mesquinho e apagado país o nosso, que, entre jumentais couces e a lavareda das fogueiras, de suspeita em suspeita, de vilania para vilania, assim levanta o calvário, a quem *(indica os do Camarote)* antes merecia que lhe ungissem os pés! *(Força indignada:)* Mas não é ao mísero povo que eu carrego com os ferros da culpa: Carregado está ele, até mais não poder, com a albarda do medo que lhe puseram em riba dos minguados lombos! Não, meus senhores, não é ao povo que eu acuso. *(Ergue-se e aponta, enérgico, para o Camarote dos Frades que, neste momento, surge iluminado, de maneira que o seu interior possa ser visto pelos espectadores:)* Acuso, sim, aqueles que, responsáveis embora, tudo combinam e fazem para sustentar a ignorância, o sub-humano rebaixamento do povo! Aqueles que, com propositada e escura ou perversa insistência, o trazem peado de pés, mãos e língua! Aqueles mesmos que lhe cerram os ouvidos para todo e qualquer verbo que não seja o que lhe segredam

nos confesionários, ou bradam nos púlpitos: Verbo de Cristo atraído, cuspidos de vomitados dejectos!! É ao Santo Officio, e a toda a ultramontana igreja, que eu acuso, abomino e, enquanto vivo for, sem quebranto combatarei!! (No *Camarote dos Frades*, o 2.º *Inquisidor fixa odiento o Cavaleiro; calmo, inalterável, o 1.º Inquisidor; um 1.º Jesuíta benze-se; assustado, um 2.º Jesuíta cobre o rosto com a capa. Por enquanto, estão apenas iluminados os dois camarotes.*) E sabeis acaso que vieram aqui fazer, ao Teatro do Bairro Alto, estes quatro ilustres estrangeirados? Rir. Rir, com o Judeu, da escolástica e das suas vãs e emaranhadas teses mais que ridículas. Rir do saber mofoso e borolento que, enquistados em seus velhos casulos, os Jesuítas ensinam doutoralmente nos mosteiros e nas escolas. Olhai que, com eles (*aponta o camarote dos estrangeirados*), estão os espíritos de Locke, de Espinosa, de Jussieu, de Lineu, de Descartes, de Newton, de Voltaire, de Montesquieu... Rir. Riamos nós também, eu com Vossas Senhorias, que a isso viemos.

(*Luz intensa no palco inteiro. Vindos dos bastidores, saltam os Actores e Actrizes do Judeu, tomando em toda a cena marcações que conservam, estáticas, até serem chamados a intervir. As roupas que vestem são caricaturais e próprias das personagens de António José que irão representar. O Judeu está, no cimo da rampa, entre os seus intérpretes; neste momento, bate as palmas: Logo pula para o centro o Actor-Xanto, filósofo ateniense de meia-idade, seguido imediatamente pelos jovens Énio e Perianдро, seus discípulos. Ouve-se o fragor duma batalha próxima.*)

XANTO

(*Para os discípulos.*) «Não é razão que pelo exercício das armas se suspenda o das letras; e assim, enquanto pelejam os soldados no muro, não quero esteja ocioso o discurso nas aulas. Sentemo-nos (*destacam-se três Actores que lhes chegam as cadeiras*) e vá de argumentos.»

ESOPO

(*Surgindo do meio dos Actores.*) «Ai, quem me acode, que morro?»

XANTO

«Que tens? Que te sucedeu?»

ESOPO

«Venho esfalfado de brigar com os inimigos, que deram um assalto na praça.»

PERIANDRO

«Pois vencemos?»

ESOPO

«Eu, suposto lá me achasse, não vi cousa alguma»... «Porém, ainda que mal pergunte, hoje há aqui conclusões?»

XANTO

«Há uma conferenciuzinha; e tu, Esopo, também hás-de argumentar.»

ESOPO

«Quem defende?»

PERIANDRO

«Eu defendo três pontos.»

ESOPO

«Quais são, que eu também quero meter o meu bedelho?»

PERIANDRO

«As questões são curiosas.»

ESOPO

«Diga, que também sou curioso.»

PERIANDRO

«O primeiro ponto é que o maior indício do amor é andar um amante triste. O segundo ponto é que o amor, para ser perfeito, há-de ser cego. E o terceiro definir que cousa é o amor.»

XANTO

«Eu presido; argumente Énio e Periandro.»

ESOPO

«Na terra dos cegos quem tem um olho é rei. Argumente o Senhor Énio, que eu estou já pulando para esgrimir a espada da eloquência.»

ÉNIO

«Ora contra o primeiro ponto, em que se afirma que o maior indício do amor é andar triste um amante, argumento assim: A tristeza é indício do desgosto; o amor é o maior gosto; logo, não pode ser a tristeza indício de um gosto, qual é o amor.»

XANTO

«Repita.»

PERIANDRO

«Nego que o amor seja o maior gosto.»

184

ÉNIO

«Provo. Se o amor não fora gosto, todos o aborreceriam: e, como todos procuram o amor, logo o amor é gosto.»

PERIANDRO

«Todos apetezem o amor com vontade constrangida, concedo; com vontade livre, nego.»

XANTO

«Admiravelmente; porque a vontade forçada não é vontade.»  
*(Mais audíveis os ruídos do combate. Todos suspendem uns momentos, escutando. Depois Xanto encolhe os ombros, logo imitado por Énio e Periandro.)*

ESOPO

*(Fazendo, para o sítio provável onde se trava o combate, um gesto de «vão prò Diabo!»)* «Isso se acaba com a experiência. Vamos às galés, e faça-se anatomia em um forçado, para ver se tem a vontade livre.» *(Gargalhada do público.)*

ÉNIO

«Contra.»

ESOPO

«Ora cale-se, que não há-de levar a melhor de seu Mestre; pois, ainda que diga uma asneira, sempre há-de vencer. Deixe-o agora comigo, que hei-de baqueá-lo: *Faciat mihi dicendi veniam, Pater Magister barbatus, & enamorus cum Mixela, sua contra punctum corridum sic argumentor*: Se o indício maior do amor fosse a tristeza, *non tangeretur violam Barbeirus visinhum meum ad*

185

*namorandam cachopam; sed sic est* que a viola é significativo de alegria, *ergo Barbeiro ad namorandam fregonam non usaretur* de cousa alegre.

(*Os Estrangeirados riem com gosto. Gargalhadas do público no Teatro do Bairro Alto.*)

PERIANDRO

(*Mais precioso ainda.*) «Nego a menor, que seja a viola significativo da alegria; pois às vezes nela se tangem sons tristes.»

ESOPO

«*Non potest esse; argumentor ita:* Não haverá barbeiro, *que ad namorandam, vel bichancreandam fregonam non tangat* oitavado; *atqui* que o oitavado é som folgazão; *ergo, amor inginhatur* com cousa alegre.»

XANTO

«Distingo: O oitavado é som folgazão; *ut vulgò* o arrepia, concedo; porém se é o oitavado mole, nego.»

ESOPO

(*Marcando bem as intenções pornográficas:*) «Tudo o que é mole, se arrepia; o cabelo se arrepia, porque é mole; *ergo*, o oitavado mole e o arrepia se não podem separar, por serem *ejusdem furfuris*. Este argumento não tem resposta; assim o diz Galeano: *Omne molle arripiatur*; ou *surripiatur*, como diz a glosa.» (*Palmas, gritos de aplauso, gargalhadas: Sucesso. Os Actores que intervieram nesta cena retomam, de salto, as anteriores marcações. António José da Silva agradece os aplausos, numa reverência dirigida principalmente para o camarote dos Estrangeirados. Luz no Camarote dos Frades: O 2.º Inquisidor dei-*

*xa desabrido o teatro, logo seguido pelos 1.º e 2.º Jesuítas; fica apenas o 1.º Inquisidor, calmo, sem sinais de indignação: pelo contrário, embora não bata palmas, mostra um sorriso divertido nos lábios. Continuam a ouvir-se os aplausos ruidosos do público, acompanhados com chamadas de «Judeu! Judeu! Judeu!», enquanto vai diminuindo a luz no palco até ao escuro completo. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(*Lutando contra um ataque de tosse brônquica, enquanto limpa as lágrimas húlares.*) Este Judeu!... Que poderosa armação de escárnio e maldizer ele, a rir, levantou contra a velha, manca e desdentada escolástica! Mui divertido por certo há-de estar o Padre Verney, ao ver e ouvir esta feliz ópera de António José da Silva (*Projector sobre Luís António Verney, sempre no camarote:*) Enganado não estou quando tal afirmo, pois bem conheço as suas ideias a respeito da escolástica e de quantos lhe militam nas poeirentas hostes...

LUÍS ANTÓNIO VERNEY

(*Para o público, sorrindo:*) «Este é o comum vício dos Aristóteles: toda a sua Física é mistério; são altíssimas contemplanções, cobertas com o véu de palavras pouco comuns e fora do significado usual. Se Vossas Senhorias traduzem em português uma opinião peripatética, perde metade da sua força; se a chegam a explicar e lhe pedem a razão de cada parte, perde-a toda.»

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(*Rindo.*) Vossas Senhorias saborearam a maneira como o António José destrona as aborrecidíssimas figuras mitológicas, com que gracioso engenho ele no-las sabe mostrar todas mijadas e

borradas de chocas tolices? E... (risada) e o latinório?... Razão tem o célebre Doutor Ribeiro Sanches: «O latim — afirma ele — é o passaporte para entrar no paraíso terrestre, onde se come sem trabalhar...» (Riso sufocado pela tosse.) Como tudo isto: o Santo Ofício, esta encouraçada escolástica morta dentro da crosta mais seca e estéril que imaginar se possa, esta Igreja cerrada a toda a novidade ainda que experimentada e evidente... como tudo isto há-de parecer estranho, absurdo mesmo, aos portugueses que viverão daqui a cem, duzentos anos... nesse progressivo, inteligente e livre século xx! (Mutaçao brusca. Apontando para o público, em ameaça irónica:) Mas... vós ristes. Vós também ristes! Com o Judeu, pela sua suspeita pena; comigo, herege protestante... insuspeito! e relaxado em effigie (careta) pelo Santo Tribunal; com os suspeitíssimos estrangeirados que, naquele camarote, rindo, convosco comungam... Vós ristes. Suspeitos todos sois também! (Silêncio mordaz; alegria cruel.) Que vergonha! Que nojo! Que temeridade!... Acaso medis o perigo em que, rindo, incorreis?! Fazer companha, e companha folgada!, com gentes tão... chamuscadas, tão cortesãs do diabólico inimigo?! Jesus, Jesus, Jesus!... Vós, formosas damas que me escutais, vós rindo, desbragadas, das desbragadas cousas que naquele estrado se jogam e dizem?! Onde o recato? Onde a virtude? Onde a impoluta fé?... (Passa rápido da indignação fingida, ao riso franco:) Pronto, Senhoras minhas, prometo que não hei-de insistir: Acabadas são as chocarrices. Não mais vos hei-de molestar. Não vos arrenegueis comigo, humildemente vo-lo peço: Perdoai este jogo de alfinetes, pois crede que eu sou quem mais lhe sente as picadas. O meu desejo e a minha real impotência brigam um contra a outra, pois mui diferentes são os jogos que convosco eu queira jogar... Ao menos por esta vez, vós sois quem tem razão: Estão verdes, não prestam...! É isso. Verdade é que vós, gentis damas — doces ou amargas, verdes ou maduras, pombas ou serpentes —, vós ganhais sempre. Porque então porfiiais em temer e hostilizar os estrangeirados se, entre todos, eles são quem mais

respeita e enaltece os vossos feminis privilégios? (Com malícia brejeira:) Minto? Atentai então em D. Luís da Cunha (foco sobre esta personagem) que, dali, vos admira e... cobiça: «A arte de ser feliz está em amar — dizia-me ele. — A melhor...»

D. LUÍS DA CUNHA

(Requintado e espirituoso; debruçando-se no camarote, para a plateia.) ...«A melhor página da vida escreve-a a paixão, com os seus tormentos, dúvidas e desesperos. Prazeres onde não entre o amor são uma sensaboria.»

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Então, minhas Senhoras, teimais em vos desquitar, pelas unhas da antipatia, dum homem que tão submisso vos serve?! D. Luís da Cunha amou toda a vida. Mui celebradas foram, e são ainda, em toda a Europa, as suas aventuras: Com setenta e tantos anos que agora terá — (para o camarote:) perdoai-me, senhor! — assim mesmo consegue alevantar o «tout Paris» em pé de guerra, por causa do seu alteroso romance com a célebre judia Madame Salvador...! (Riso cúmplice:) Oh... oh!... Em Luís António Verney (foco sobre esta personagem) tendes vós outras o mais sincero, leal e erudito dos defensores. Aqui chegado, em obrigação me julgo de vos prevenir ser o meu aviso diferente do dele, em bastos pontos desta deliciosa matéria... Algures escreveu o Padre Verney umas palavras, que bem gostaria de vos dizer aqui... se a minha esburacada memória fosse hoje o que antes era...?

LUÍS ANTÓNIO VERNEY

(Cerebral, recatado.) «Pelo que toca à capacidade, é loucura persuadir-se que as mulheres tenham menos que os homens...»

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Que interrompe; a sorrir, gracioso.)* Eis um dos pontos em que discordo do Padre Verney. *(Com vénia:)* Com muita mágoa por vós, as que sois feias e desinteressantes; e nenhuma por vós outras, belas, jovens e espirituosas...

LUÍS ANTÓNIO VERNEY

«Persuado-me de que a maior parte dos homens casados que não fazem gosto de conversar com as mulheres, e vão a outras partes procurar divertimentos pouco inocentes, é porque as acham tolas no trato; e este é o motivo que aumenta aquele desgosto que naturalmente se acha no contínuo trato de marido e mulher.»

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Pois, com perdão de Vossas graciosíssimas Senhorias, digovos estar eu incluído no número daqueles aos quais o Padre Verney chama inimigos grosseiros das mulheres: «Os homens que quase as consideram como animais doutra espécie»... *(Pausa de gozo vigilante)* a espécie mais agradável, apetitosa e comestível, entre quantas o Criador botou cá neste mundo. *(Em tom de segredo, para o público:)* Que ele me perdoe, mas em tão melindrosa matéria o Padre Verney mais não será que um teórico: Como sacerdote que é... *(emendando logo, com pressa caricatural:)* dos bons, dos que cumprem e amam a virtude!, que poderá saber de... de substancial e bem enraizado? *(Brejeiro, piscando o olho:)* Ora neste assunto de mulheres, a prática, a experimentação é que... Jesus, a prática!...

*(Acção no palco. António José da Silva dirige um ensaio, com os seus Actores e Actrizes, naturalmente vestindo os trajes habituais quotidianos. Todos em posições de relaxe: sentados no chão, etc. Ninguém no Camarote dos Frades. No outro, a meia-luz,*

*estão Leonor, à frente, e Lourença logo atrás: Ambas atentas, de expressão grave, mais dolorosa na velha. Pendurado no beiral do Camarote dos Frades, bem visível para o público, um cartaz:)*

GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA

*Ópera composta por  
António José da Silva,  
o Judeu*

ANTÓNIO JOSÉ

*(Gritando e batendo os pés, o que deve coincidir com a súbita iluminação do palco.)* Não! Não e não!! *(Salta para o centro do palco, lugar cénico onde ensaiam dois Actores, nos papéis de D. Tibúrcio e de Semicúpio. Imitando o primeiro, num diálogo da peça; fá-lo em tom de caricatura efeminada, maricas:)* «Ai, minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor!»... *(Irritado, nervoso, para o Actor-D. Tibúrcio:)* Não é assim! Já te ensinei mil vezes! «Ai, minha barriga...»: Antes lembras uma velha ramelosa e alcovita!... *(O Actor-D. Tibúrcio olha para ele, com uma expressão parada, infeliz e boçal. Para o Actor-Semicúpio:)* Tu também ainda não... Estás mole, pesado... És o gracioso desta ópera: *(Exemplificando, com pantomima:)* Tens de ser leve, fresco, arisco e sabido... um demónio! Entendido hás, ou não?! Pareces um «papas-de-milho»...

ACTOR-SEMICÚPIO

*(Zangado, encolhendo os ombros e sentando-se no chão.)* Quem mas dera! Com o dinheiro que aqui ganho, nem as papas de milho enxergo...

ANTÓNIO JOSÉ

(*Exaltado.*) Pois então vai-te embora! Rua!! (*O Actor-Semicúpio encolhe os ombros e nem se mexe. O Actor-D. Tibúrcio, estático sempre na sua expressão asnática, arrota ruidosa, ino-centemente. O Judeu dá dois passos para ele, agressivo; de-salentado deixa cair os braços, sentando-se num caixote.*) Está bêbado... (*Os Actores e Actrizes riem, divertidos.*) Riem?! Pois se algum entendimento pudessem albergar essas míseras cabeças, antes haviam de chorar. (*Levanta-se; apontando-os, acusador.*) Merecem o desprezo com que todos vos tratam. Merecem-no! (*Com raiva:*) Sabem que há cada vez mais teólogos em Portugal que asseveram ser pecado mortal assistir alguém a uma representação? Esquecem-se que o mister de actor é julgado tão baixo e aviltante que até a sepultura eclesiástica é negada aos comediantes, embora a dêem aos assassinos e aos bandidos?! (*Os Actores e as Actrizes, perplexos, olham para o Judeu inexpressivamente. Uma velha Actriz, assustada, começa num choro ganido.*) Silêncio! Bêbados, ladrões, rameiras, alcovitas, vadios... poços abertos de todos os vícios!... Tratam-vos como cães e vós encolheis os ombros! Mereceis os pontapés das gentes; justos são.

1.<sup>a</sup> ACTRIZ

(*Que é nova, picada.*) El-Rei não desdenha a Petronilha. E o Marquês de Gouveia dizem-me que tem a Isabel Gamarra acoitada num trono...

ANTÓNIO JOSÉ

Um trono de prostituta, no meio duma pocilga, entre a trampa e os porcos!

1.<sup>a</sup> ACTRIZ

Ora! Em que é que a Petronilha vale mais do que eu? Tem sardas, um olho mais aberto que o outro... (*Risinho que as outras*

*acompanham.*) E a Gamarra? São espanholas, é o que é. Ai, a Gamarra! Desavergonhada maior! Vestisse a gente as roupagens que ela estadeia...

2.<sup>a</sup> ACTRIZ

(*Também nova.*) Freira professa em Santa Mónica, para maior segurança do Marquês... tendo muito embora vivo, e vive-douro, o marido legítimo! (*Gargalhadas.*)

1.<sup>a</sup> ACTRIZ

Dizem que o marido foi consentidor no comércio da mulher com o Marquês, e que recebeu, só à sua parte, mil e...

ANTÓNIO JOSÉ

(*Interrompendo-a.*) Pois corro convosco daqui, e prestes voltarei aos bonifrates! Estou farto... (*A gritar:*) As óperas do Judeu são representadas por bêbados, ladrões e mulheres da vida! O Teatro do Bairro Alto é uma casa de meretrizes, onde os de algo, ou os de nação, vêm escolher o gozo duma noute! Não tendes vergonha?! Sois piores que...!

LOURENÇA

(*Sempre no camarote, em repreensão magoada.*) António...!?

ANTÓNIO JOSÉ

(*Caindo em si.*) Perdoai-me, minha mãe. (*Após um silêncio, contemplando os seus comediantes com crescente ternura compadecida:*) Perdoai-me vós também, por amor de Deus. Há uns tempos a esta parte, ando destemperado, mal tenho mão em mim, passo as noutes sem dormir... Acreditai-me: É tão-só porque vos estimo que... que vos censuro, e ralho como inda agora. (*Com*

*imensa tristeza:)* Todos juntos, eu e vós, fazemos uma família: Uma família desgraçada, suja de escarros e minada de piolhos; uma família de bastardos que ninguém quer aperfilhar. Somos — eles querem que o sejamos! — as ovelhas ronzosas deste Reino. Como poderia não vos estimar? *(Com força surda, desesperada:)* Eu sou um judeu... um sarnento cão judeu. *(À medida que se vai referindo aos comediantes, aproxima-se de cada um deles, felino, quase sádico, contactando-os corporalmente numa carícia raivosa; para a Actriz velha:)* Tu mascarar, com o que mui mal fazes neste fedorento teatro, a tua verdadeira profissão: Proxenetista. Levada pelas tuas manhas e artimanhas, mais de uma donzela se perdeu em papo de frade folião, ou cama de morgado vicioso. *(A velha recomeça o seu choro ganido. Tomando a 1.ª Actriz pelos ombros, com violência:)* Tu vieste para o teatro... como passadio para câmara dourada de nobre ou mercador: A Gamarra e a Petronilha são as santas da tua devoção. *(A rapariga quer falar, reagir com ofensas; o Judeu tapa-lhe a boca:)* Lembro estou. Sei muito bem que tens mais seis irmãos, todos pulgentos e famélicos; sei que a tua mãe apodrece nas masmorras da Inquisição, sem ninguém — nem ela! — saber porquê; não desconheço que o teu pai vive de roubar e para o vinho, sei que te malha sem rédeas nem freio, quando lhe negas o quanto ele quer!... *(A rapariga, desalentada, fica-se em silêncio, com lágrimas, a morder os beiços. Para o Actor-D. Tibúrcio, pegando-lhe por um braço e fazendo-o rodar:)* Com esses laços, fitas e sedas, tu escondes e albergas... um assassino, o sangue duma morte que alguém fez, há muitos anos, e a justiça não puniu...! *(O homem aterrorizado, fica transido. Para o Actor-Semicúpio, girando à sua volta, tocando-lhe; melífluo, satânico:)* Quem vendeu ao Senhor Conde cartas, anéis de cabelo e outras destas perfumadas cousas? Quem, com faro de cão esganado, lhe encontrou — e vendeu! — as pistas? Quem lhe entregou o amante da esposa fornicadora? Quem foi?... Quem vendeu à Senhora Condessa as luzes com que ela alumiu, e

pôs clara, a escuríssima vida do seu nobre, digno e mui respeitado esposo? Quem seria?... Espião!!! Vives de espiar, atraíças tudo e todos, vendes-te a quem mais te der! E vendes barato, por preço tão vil e mesquinho quanto tu o és!... É pena. Digo-te que é pena, porque tens arte; és actor. *(Acocorando-se diante da 3.ª Actriz, rapariga de expressão lisa, infantil; algo impermeável, com o seu sorriso parado, sem gradações:)* E tu, Maria da Luz, sempre mui contente e airosa? *(Faz-lhe festas, no jeito de quem acaricia uma criança; Maria da Luz responde com uma risada prazenteira, amimada e infantil.)* És um regalo para os olhos: como uma flor, ou como a neve! Tocar-te, é mexer um conspurcado pecador na mesma pureza! *(Nova risadinha.)* Por isso, é que eu vejo sempre tantos, e tão pecadores, em volta de ti: *(Com quase crueldade, palpando-lhe os braços:)* As tuas carnes são de boa junta, mui saudáveis e mui bem adubadas com sangue corredio e quente... *(levanta-se; duro, feroz:)* e ao pé de ti, na tua enxerga, os velhos não sentem vergonha da sua velhice; os viciosos sentem naturais os seus desnaturados vícios; os mascarados abrandam a vigília da defesa, pois tu logo aceitas a máscara e mui ajustada a sentes; os patos mais alcijadões ondulam e grasnam como cisnes reais, afirmam-te que o são, tu crês que sim, e eles quase o crêm também...! *(Reviravolta desesperada, outra vez junto de Maria da Luz:)* E com tudo isto, tu és, e sempre serás, pura: Pura como as meninas de colo, ou os anjos do Senhor. A mesma pureza! *(Risada aguda da rapariga.)* Muito me apraz sempre ver-te, Maria da Luz: Assim clara e satisfeita, assim incorrupta e imudável! Mui protegida, basto felizarda és tu, Maria da Luz, pois que até o Céu tens, já neste mundo, ganho e bem guardado! Falo-te certo e seguro, podes confiar... *(Festas na face; novo e sempre inexpressivo riso.)* No Paraíso espera-te, tão preciosa!, uma linda morada, toda com penas de rola feita, mui leve e rósea...! *(Maria da Luz, contente, ri, batendo palmas jubilosas.)* Como uma escritura te

falo: O céu, é teu, ganhado o tens já! (*Levanta-se; com uma violência brutal, raivosa:*) O Céu dos tolos, dos verdes de espírito, dos parvos inocentes!! (*Maria da Luz assusta-se: Olha para António José com espanto, e começa um choro infantil, agudo. O Judeu, felino, está agora diante dum Actor-adolescente, muito belo, grácil e tímido: toma-lhe a cabeça entre as mãos, olhos nos olhos:*) E tu? Tu, meu gatinho? Tu, meu gentil donzel, mais que outro meigo, doce e formoso? O teu pecado... o teu pecado secreto, mais que a sombra assustadiço e fugidio...?! O teu pecado é daqueles que estalam os dentes e queimam a língua a quem ousa dizer-lhe o nome!! (*O adolescente, a tremer, quer fugir apavorado; António José, rápido, prende-o pelo braço.*) Daqueles pecados que o Santo Ofício, sem mais consideração nem apelo, direito manda ao queimadeiro... as inquisitoriais mãos tapando as justiceiras ventas, por causa do fedor que, dele pecado, como um vento ruim de peste, emana, corre, e tresanda! (*O Actor-adolescente, mordendo os lábios, tem os olhos cheios de lágrimas; sempre se debate, para fugir; António José mantém-no obrigado.*) Confessa, gatinho, confessa; põe tua confiança em mim: Qual cousa, sobre as outras todas, tu amas, esperas e preferes? Aqui, neste teatro? Que cousa é ela? Eu sei, gatinho, eu leio dentro de ti melhor que no papel escrito: O que te traz rendido, mui aceso e fascinado, neste ofício de comediante, mais não é que a seda, o veludo fino, o brocado e a pedraria... São os belos e guarnecidos trajés, os vestidos mui coloridos e rendados... Minto? É o encarnado-romã com que pintas a delicada boquinha, são os macios cabelos postiços, são as redondas bolinhas de trapo e serradura que, em dois túrgidos seios, quase vivem... Minto? (*O adolescente, debatendo-se em vão, solta um grito de dor e angústia.*) Quedo, gatinho, que não me sobra ânimo para te ver, descomposto e... tão feio! (*Larga-o violento, empurrando-o.*) Do teatro, o que tu preferes e gostas, é representar de dama-donzela!! Isto, tão-só. (*Volta ao centro,*

*num salto.*) Eu conheço-vos. Sei tudo. (*Silêncio.*) E amo-vos. Com tudo o que sei e adivinho, eu amo-vos... como um pai aos filhos. Assumo os vossos pecados, os vossos crimes. Vós, comigo, fazeis uma família. Com a vossa miséria, e apesar dela, eu quero, e posso!, mostrar ao público de gentes várias os caminhos para a Justiça. Aqui, sobre as sujas tábuas deste palco. Com a vossa voz, pelos vossos corpos. (*Surge o Estudante Pálido, sem que os outros dêem por ele. Veste-se agora como um mendigo, e carrega às costas um molho de madeira, restos de cenário. Fica parado, à extrema direita, ou esquerda; atento.*) Amassando, com as minhas mãos, a mentira, a fealdade, a traição, o despudor... — que tudo isto sois e encarnais! — eu posso ensinar o Povo a conhecer o rosto autêntico da beleza, da verdade, da coragem, da virtude... Posso! Este teatro é, tem de ser!, para mim, para vós outros, como um sacramento: Mal pisamos este estrado, logo de cada um de nós se descasca — seca, rugada, grossa e pestilenta — a crosta miserável das vidas que, lá fora, obrigados somos de viver! E renascemos belos e justos, bons e puros. E damos, a quantos nos vêem e escutam, a beleza, a justiça, a castidade... de que não mister para bem viver. Isto podemos: isto faremos!! Não com a inocência da pomba, não com os olhos da água — que estas não no-os permite a censura do Santo Ofício! —, mas com a prudência da serpente: Com o riso, pelo riso. Que bandeira, vingança e rebeldia, o riso ser pode também!... (*O Estudante Pálido, em silêncio, sereno sempre, o mesmo sibilino sorriso na boca sem lábios, atravessa lentamente a cena, com a lenha às costas. António José, vendo-o, logo se contrai, atemorizado. Lourença e Leonor, ansiosas, levantam-se. Sai o Estudante Pálido. As duas mulheres hesitam uns momentos, e fogem do camarote, aflitas. Silêncio angustiado.*)

ANTÓNIO JOSÉ

(*Que tenta dominar o medo.*) A que veio este homem?!...

ACTOR-D. TIBÚRCIO

(*Confuso.*) A comprar os cenários desmanchados... Breve aceitou o preço e pronto pagou...! (*Tira o dinheiro dum bolso e oferece-o a António José. Este recusa-o, com a mão.*) Mandado fui de vender a madeira... (*Para os outros Actores, receoso:*) Fui, ou não...?

ANTÓNIO JOSÉ

(*Calma triste.*) Foste. Guarda o dinheiro: Teu é. (*Silêncio. Profundo, com ironia desesperada:*) Digo-vos que *este homem veio buscar lenha para me queimar.* (*Silêncio.*) Vamos ao ensaio! Por amor de Deus, ajudem-me: Olhai que, neste jogo, é a minha vida que eu jogo. (*Batendo as palmas:*) D. Tibúrcio, Semicúpio, Lancerote! (*Os três Actores vêm até ao centro, prontos para começar.*) Nesta representação, propósito hemos de pôr claro, para todo o público, o como tratam seus enfermos os médicos da *Atalaya da Vida*, os da *Polyanthea*, os quais, em vez de botica, lhes receitam... falatórios em latim! Alembrados quero sempre estejais que, quando o público se rir com o que vós disserdes e fizerdes, é desses médicos intrujões que ele troça rindo... Isto dito, e oxalá por vós entendido, vamos ensaiar! (*Começa o ensaio. António José, sentado num caixote, vigia e dirige.*)

D. TIBÚRCIO

«Ai, minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor!»

SEMICÚPIO

«Agora vou a isso. Ora diga-me: que lhe dói?»

D. TIBÚRCIO

«Tenho na barriga umas dores mui finas.»

SEMICÚPIO

«Logo as engrossaremos. E tem o ventre túmido, inchado e pululante?»

D. TIBÚRCIO

«Alguma cousa.»

SEMICÚPIO

«Vossa mercê é casada, ou solteira?»

D. TIBÚRCIO

«Porquê, Senhor Doutor?»

SEMICÚPIO

«Porque os sinais são de prenhe.»

D. LANCEROTE

«Não, Senhor, que meu sobrinho é macho.»

SEMICÚPIO

«Dianteiro, ou traseiro?»

D. LANCEROTE

«Ui, Senhor Doutor! Digo que o meu sobrinho é varão.»

SEMICÚPIO

«De aço, ou de ferro?»

D. LANCEROTE

«É homem! Não me entende?»

SEMICÚPIO

«Ora acabe com isso. Eis aqui como por falta de informação morrem os doentes; pois, se eu não especulara isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe aplicava uns cravos; e, se fosse varão, umas limas; e, como já sei que é homem, logo veremos o que se lhe há-de fazer.»

D. LANCEROTE

«Eis aqui como gosto de ver os médicos: assim especulativos.»

SEMICÚPIO

«Pois o mais é asneira. Diga-me mais: ceou demasiadamente a noite passada?»

D. TIBÚRCIO

«Tanto como a futura, porque desde que se me acabaram as chouriças que trouxe no alforge, me tem meu tio posto a pão e laranja.» *(O Actor-D. Tibúrcio diz esta fala dum forma pastosa, com nítidos sintomas de embriaguez; cambaleia, caindo no chão. António José faz sinal aos outros para que continuem.)*

D. LANCEROTE

«Senhor Doutor, o homem está alucinado depois que um fantasma que saiu de uma caixa o desancou; e sobre isso, a grande pena que tem tomado de umas moças que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja insolência se me veio aqui a mãe queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.»

SEMICÚPIO

«Ora, Senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo (se é que o é, que isto não pertence à medicina) teve uma colórica pro-

cedida de paixões internas, porque o espírito, agitado da representação fantasmal e da investida feminina, retraíndo-se o sangue aos vasos linfáticos, deixando exauridas as matrizes sanguíneas, fez uma revolução no intestino recto; e, como a matéria crassa e viscosa que havia nutrir o suco pancreático, pela sua turgência se achasse destituída do vigor, por falta do apetite fâmélico, degenerou em líquidos. Estes, pela sua virtude acre e mordaz, vilicando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino, de sorte que fez com que o Senhor andasse com as calças na mão toda a noite: *in calsis andatur, qui ventre evacuat*, disse Galeno.»

D. LANCEROTE

«Eu não lhe entendi palavra!»

*(Esta fala é deixada para o Actor-D. Tibúrcio que, vencido pelo álcool, dorme sentado no chão, ressonando alto. Os Actores-D. Lancerote e Semicúpio vão para o acordar, a pontapé.)*

ANTÓNIO JOSÉ

*(Impedindo-os de tal fazerem.)* Deixem-no dormir. Acabou o ensaio.

*(Escuro total no palco. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Assim se faz o mister de médico, nesta santa «Ilha dos Lagartos»... «O estranho é que todos têm que fazer, e, a matar gente ou salvar gente, andam numa dobadoira.» Por mim, a respeito de médicos, penso tal qual Molière. «Um dia, convidado a jantar com o rei em Versalhes, disse-lhe este apontando o Dr. Mauvillain:

— É então o seu médico?... Que lhe faz quando está doente?  
— Majestade — respondeu Molière — , quando estou doente, eu e aqui o doutor discutimos a enfermidade; ele receita e eu despejo os remédios da janela para baixo e assim me curo.»

Com mui considerada vénia e perdão dos doutores Ribeiro Sanches e Jacob de Castro Sarmiento, que ambos são judeus portugueses, e tanto um como o outro exilados vivem fora deste Reino — pudera, que as fogueiras do Santo Ofício são causa dum mal, mui conhecido embora, para cujo tratamento nem eles descobriram a mezinha! —, o primeiro mui celebrado em todas as Rússias, o segundo não menos benquisto no Reino da Inglaterra... Com perdão destes dois ilustres clínicos, aqui vos digo que, por mim, nenhum comércio tenho, nem ter quero, com médicos: «*Si tibi deficiant medici, medici tibi fiant haec tria; mens hilaris, requies moderata, diaeta*, que é como quem diz: Ânimo alegre, repouso suficiente, dieta, e manda ao diabo os médicos!»

*(Música. Luz no Camarote da Corte. Pendurado deste e legível pelos espectadores, um cartaz com os seguintes dizeres:*

#### ANPHITRIÃO OU JÚPITER E ALCMENA

*Ópera composta por  
António José da Silva,  
o Judeu*

*(Entram no referido Camarote a Petronilha e o Embuçado. Ela é a conhecida actriz espanhola, cujos escândalos amorosos, mais que os predicados artísticos, a celebrizaram no Portugal joanino: Morena, impetuosa e de muito espalhafato. O companheiro, sentando-se no escuro, atrás da Petronilha, mantém a capa traçada, de molde a quase por inteiro lhe cobrir o rosto: Embuçado lhe chamaremos, pois.)*

#### CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Curioso, observa a Petronilha com minúcia; a certa altura, reconhece-a.) Mas...!? É ela! (Para os espectadores, com o alvoroço do escândalo segredado:) A Petronilha! Essa mesma em que pensando estais: A amásia d'El-Rei! A mais brava e perigosa de quantas comediantas espanholas têm escouceado nesta formosa estrivaria... Como ela conseguiu conquistar as graças de Sua Majestade, foi cousa que eu jamais pude entender: Não é, nem nunca foi, uma bela criatura... Pelos talentos de actriz? Aos que, entre quantos me escutais, tiveram a singular desdita de a ver representar... nada direi. Aos outros direi tão-só que, bastas vezes, o não ver... é a suprema das ditas! Não, esta Petronilha nunca foi mais que uma «farçoleira de coturno» (*De súbito preocupado:*) A que virá? Aqui, no Teatro do Bairro Alto?! (*Descobre:*) Ah, sim... Sim, por certo. Realmente, este infeliz Judeu anda a juntar lenha para se queimar... Mas será que António José perdeu o tino?! Não lhe sobeja o alarido que alvantou, com o meter-se contra a escolástica e os eclesiásticos? Agora até El-Rei lhe serve de centro para as rodas de escárnio e os foguetes de surriar?! Digo-vos, sem sombras de exagero ou sentimentalidade, que assustado começo de ficar. Pois não será, para todo o comum espectador, mais clara que a água a parecência que o Judeu quis houvesse entre o Anfitrião que idealizou e a sagrada pessoa de Sua Majestade? Alguém, que não seja tolo de entendimento, quebrado de memória, ou cego de sentidos, poderá escusar-se a ver no divino Júpiter (*luz focada para o palco, seguindo o voo de Júpiter da teia para o tablado, que o mesmo vale dizer, do Olimpo para a Terra. Este voo será feito pelo tosco processo da roldana e da corda presa à cinta. Júpiter vem disfarçado de Anfitrião, como este se vestindo em todo o pormenor*) metamorfoseado no mortal Anfitrião, tão-só para lhe gozar a humaníssima e deliciosa mulher... (*luz focada incidindo sobre Anfitrião e Alcmena, ocupando uma**

zona central do palco, e ternamente abraçados; estão de costas para o público, de maneira que apenas o perfil da mulher ficará visível aos espectadores, pois a sua cabeça, inclinando-se, foge pudica aos afagos do consorte. De súbito, com forte esticção da corda, Júpiter queda-se no voo. Com os olhos ateados de ciúme, faz com as mãos, suspenso embora no ar, um gesto olímpico-cabalista: Logo, num ápice, sem que Alcmena por tal dê, Anfítrio voa de ao pé da mulher — ainda pelo processo corda e roldana — obliquamente desaparecendo de cena, a meia altura dos bastidores; isto sucederá sem que o público chegue a ver-lhe o rosto: sempre de costas, portanto. Então, rápido, Júpiter voa o restante percurso, indo cair ao lado de Alcmena e, num instante, tomando as exactas marcação e atitude de Anfítrio, do qual por inteiro reproduz a figura. Alcmena, que não deu pelo truque, deixa-se beijar fogosamente pelo fingido Anfítrio) alguém, dizia-vos eu, poderá escusar-se a ver neste Júpiter a majestática pessoa d'El-Rei Nosso Senhor, quando vai, disfarçado em mendigo, beliscar o traseiro das mimosas fidalgas, na Capela do Santíssimo Sacramento, para tal se valendo da incensada penumbra que lá sempre sussurra?... (Esta descrição é mimada no palco, enquanto o Cavaleiro no-la descreve: Surgem, na parte alta da rampa, três Padres de rosto velado; o do meio apresenta nas mãos erguidas, devidamente iluminado de dentro, um sacrário revestido de panos doirados; os outros dois, um de cada banda, levantam, no braço direito, cada qual o seu candelabro de velas acesas. Na parte mais baixa da rampa, junto aos bastidores, surge D. João V vestido de mendigo; com ele, alguns Fidalgos Embuçados. Por aqui vão entrando várias e sucessivas damas que sobem a rampa, indo ajoelhar-se diante do sacrário. À medida que isto fazem, ao passarem por D. João V-Mendigo, todas deixam uma moeda na mão que este lhes estende implorante; quando velhas, nada lhes sucede; às novas, sempre El-Rei, com a mão livre, disfarçadamen-

te arranja pretexto para lhes tocar as nádegas, ou os seios, ou as coxas: Gritinhos; corridas afogueadas pela rampa; os Embuçados mal disfarçam o riso: D. João V imperturbável, na sua expressão dolorosa de pobre-esmolero. Na toada lamentosa e monocórdica habitual, sempre El-Rei vai pedindo «Uma esmolinha por Amor de Deus» e agradecendo com os «Que o Santíssimo Sacramento vos pague». De repente, ouve-se o som duma formidável estalada: El-Rei leva a mão à face dorida, enquanto a furiosa dama sobe a rampa, agitada, saracoteando-se. Risos incontidos dos Fidalgos Embuçados.) Ou quando, ainda disfarçado, e com similares intenções, mudando tão-só de máscara, Sua Majestade vai esconder-se no Convento de Odivelas? Ou quando...? Basta, que as contas todas dum rosário, poucas são para celebrar as condimentadas histórias d'El-Rei! (Escuro total no palco. Iluminado apenas o Camarote da Corte. A Petronilha, sempre chamejante em olhares e gestos, inclina-se de quando em quando para o Embuçado, quase visível na sombra. Até aqui, esta personagem é representada por um Figurante, com a altura e o tipo corporal de D. João V. Em dado momento, no decorrer do diálogo Petronilha-Cavaleiro de Oliveira que vai seguir-se, o Figurante será substituído pelo autêntico Rei Embuçado, sem que o público dê pela troca.) Este António José...! Olvida que Sua Majestade, com o ser iluminado, nem por isso perde a qualidade de déspota, de cujos privilégios mui cioso é, e sempre foi? Esquece-se que D. João V governa de «ciência certa e vontade esclarecida», com poder «emanado do mesmo Deus directamente», sendo sedicioso ou absurdo qualquer entrave que queiram pôr-lhe venha ele das Cortes, ou mesmo do Papa?! Ensandeceu este António José da Silva? Meter-se com o Rei!!... (Indicando a Petronilha:) Pois a que virá aquela cómica sardenta e enredadeira, se não em negócio de espionagem? Quem sabe se do mando do seu real amigo!?!... Não; nada de bom futuro para o nosso autor, de quanto eu, e comi-

go Vossas Senhorias, vendo estamos... (*Agressivo, observando a Petronilha:*) E aquela sanguessuga, sempre de venta aberta e ore-lha tesa...! Que diabo lhe acha El-Rei, para a tolerar e permiti-tir que, vilãmente, dia a dia, o vá depenando? Sardenta, vós o constatais, ela continua... A pálpebra caída está ainda sobre o olho magano, mais agora que dantes...!? Bom, velha ela não se mostra ainda. (*Rememorativo, sorrindo travesso:*) E já lá vão alguns anos bem contados... Àquela... conheço eu a paisagem, milímetro a milímetro! Verduras doutros tempos, bem mais felizes. A mim, deixou-me por causa do Rei. Bem fez. Entre um mal vedado tecto, e outro mui cerzido e acolchoado... foi-se pelo segundo. Quem lho leva a mal? Nanja eu que, por essa época, conjuntamente com aquela, mais três preciosas amigas possuía... Não, nem lhe senti a falta! (*Riso divertido, malicioso.*) Que me diria ela agora, se... se possível me fosse falar-lhe? Reconhecer-me-ia? Assim sendo, que duelo!... (*Ergue-se, dá uns passos na direcção do Camarote e cumprimenta a Petronilha de vénia galante. Esta, que de imediato reconhece o Cavaleiro, retribui o cumprimento, agradada.*)

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Maravilhado me confesso, Senhora: Em vós a primavera sempre é!

PETRONILHA

(*Num português espanholado.*) Mercês, Senhor Cavaleiro, favores da vossa tão celebrada e graciosa galantaria... que raiz têm na traição dos vossos cansados olhos! (*O Cavaleiro, que se preparava para assestar o «lorgnon», logo o deixa cair.*) Por Deus, deixai as lunetas: Não sou quem sofra que me enxer-gueis... ao real.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Alembrais-me, Senhora, as perdas próprias da idade. Opor-tuna e toda de razão vestida vos mostrais: Velho estou, com efeito. Tributo irremediável ao qual os anos *a todos* nos tra-zem obrigados. Menos a vós, Senhora, com espanto e mui con-tente ora o reconheço.

PETRONILHA

Pois inda na lisonja porfiais?!

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Tão-só quando na verdade alicerçada, Senhora minha! Ai, quanta formosa lembrança, quanto delicioso retrato, com vos ver, a memória me desenha!: O vosso cavalo branco! Belo, belíssimo animal... único, direi mesmo! Que destino lhe destes? Acaso o vendestes? Cruel teríeis sido, fazendo-o: A esse lindo cavalo per-tence, por certo, a mais grossa parte da vossa *passada* glória! Saudosos tempos esses, tão recuados já!... Quando, nele mon-tada, vós entráveis no palco... Jesus, que deslumbramento! Uma rainha; uma rainha, então parecíeis!

PETRONILHA

(*Que apara o jogo.*) Agora eu *sou* uma rainha, Senhor Cavaleiro. (*Pausa breve. Em desafio:*) No coração d'El-Rei, Nosso Senhor. Cansei-me de aparências: Vós o sabeis, o tea-tro é aparência, ser fingindo... fingir que se é. Tal não me bas-tava: Impossível me era agarrar e prender nesta mão... fumo e névoas!

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Com efeito, Senhora. Mui bem pensastes então, como sem-pre. De mui bom aviso andastes, ao mudardes de... de estado.

Conheço o vosso exigente apetite, e recorro — com quanta saudade, permiti que vo-lo assegure! — que de mais substanciais cousas era de sua natureza satisfazer-te...! Razão tendes e assaz esclarecida: O fingimento do palco, como poeira fina ou cheiro subtil, em fingimento da vida se torna; ora este, sim, cousa contrária à perfeição e eterna salvação da vossa alma, por certo seria...!?

PETRONILHA

(*Mordaz.*) Tal como vós agora, então eu pensei. Que aguda perspicácia a vossa, Senhor Cavaleiro! Sempre, em tempos passados e bem *menos felizes*, a saúde da minha alma vos preocupou e impeliu a porfiadas canseiras: Como um mestre de consciências, vos tinha e admirava eu então!...

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(*Brejeiro.*) Como a bom mestre me alembrais?...

PETRONILHA

Oh, sim! Mui certo e perfeito nas *práticas* que me fazíeis, mas... mui *despojado* no conselho, mui... mui *austero* em exigência de roupagens, e de outras cousas por igual agradáveis à minha feminil condição. (*Mirando-o com o «lorgnon»:*) Mas...?! Como, desde então, engordastes, Senhor Cavaleiro! Olhai que essa casaca própria não está: Mal dentro dela vos cabem as vossas opulentas carnes!?! Descuidado e ligeiro em cousas de traje, vos mudaram os anos? Digo-vos que, em passados tempos, mais que outro qualquer da vossa condição e trato, celebrado fostes pela elegância e riqueza com que cobríeis o vosso ardiloso corpo!...

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(*Pouco à vontade, envergonhado.*) Tanto assim, Senhora?!...

Com outros olhos então me apreciáveis... (*Súbita, ocorre-lhe a alusão vingativa:*) Sede caridosa então, e devendo vos ficarei uma fineza mais: Voltai para a minha desajeitada pessoa, aquele de vossos dois olhos que mais coberto está; destarte, tão-só com meia vista vereis a minha triste decadência, e apenas meio desagradado sentireis!... (*É a vez de a Petronilha perder o controlo: Rápida, agita a cabeça em pequenos movimentos nervosos; trêmula e violenta, abre e abana-se com o leque, de maneira a esconder o olho marcado pela ptose palpebral. O Cavaleiro, seguro de ter acertado, recupera o domínio no jogo:*) Avisada, e bem, sois ainda, em tudo quanto desta pobre casaca dizeis. Bem avisada, mas não justa: Pois com o pô-la eu hoje, preito de homenagem vos queria render. Esquecesteis então, Senhora, que esta mesma casaca eu vestia, naquela saudosa e rara noute na qual, pela vez primeira, por sorte minha e generosidade vossa, nós ambos comum comércio havemos?!...

PETRONILHA

(*A fever.*) Comércio? De qual comércio comigo vós partilhastes, Senhor Cavaleiro?! Importante não terá sido, por certo, pois por inteiro o tenho hoje olvidado. E basta de cousas passadas: A mim, mais me apraz viver a vida que *presente* é. Mais próprias de velhos, de muito querer e *nenhum poder*, serão estas conversas de memoriais e antigas ocorrências. Desprazer me dão. Nunca a minha memória me foi fiel e continuada. E hoje menos ainda. Esqueço tudo; tudo, no acordar de cada dia, começo é para mim: Cordas, laços e fitas com o passado ligadas, eu não sou que as reate ou corte, pois de seu natural a minha memória faz que caiam e se percam... É como vos digo, Senhor Cavaleiro: Com cada dia, eu nasço para a vida.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Oh, como sois feliz e de humores bem amparada! Menina então sois, mui clara e inocente, na matinal frescura de cada

novo dia... Se soubésseis quanto e como vos invejo! A ser verdade o que a muitos, e de mui experimentado saber, bastas vezes tenho ouvido, nada como o leite de mula para o humano rejuvenescer. Acaso o tomais vós?

PETRONILHA

Não, que ainda preciso me não foi. Graças pela botica vos dou: No tempo próprio, dela me hei-de servir, Senhor Cavaleiro, ajuntadas estão já vinte e cinco dessas alimárias...

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Vinte e cinco mulas!? E para que quereis tanta...? (*Percebe, num clarão:*) Ah...! Muitas vos faltam ainda?

PETRONILHA

(*Intencional, olhos nos olhos, arriscando.*) Cinco, tão-só. Trinta mulas quero e hei-de contar.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(*Esperto.*) A todas elas carregareis?...

PETRONILHA

A todas *poderei* carregar.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Sedas, veludos e rendas, cristais, ouro e pratas...?

PETRONILHA

(*Olhando-o; altiva, cruel.*) Jóias, Senhor Cavaleiro.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Rendo-me, Senhora, ao vosso talento — não agora ao de comedianta, mas ao que à vossa vida destes para dela fazerdes uma obra de arte... tanto como um diamante luzente e cobiçada! —, vénias faço ao vosso talento que é incomensurável. E, se mo permitis, para não ser injusto, vénia mais secreta, mas por igual reverenciada, aqui presto à magnanimidade de Sua Majestade, que desmedida também é. Trinta mulas! Doem-vos as saudades de Madrid, chama-vos a liberdade de outros tempos...? Ai, Madrid, Madrid!... Trinta mulas?! Génio; génio é o nome atrás do qual o pensamento e a língua me correm, quando em vós penso! Jóias...!

PETRONILHA

Nem sempre a vida é injusta, Senhor Cavaleiro!

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(*Cínico.*) Certo falais. Convosco, justa e mui *honrada* ela foi. Mas...? Vós, aqui no Teatro do Bairro Alto?! Consentí, Senhora, que admirado esteja... Não é, este, lugar que vos vá bem! Entendo: Mordem vosso coração as lembranças do palco, dos vossos antigos e mui bem *ganhos* sucessos!...

PETRONILHA

(*Desdenhosa.*) E pensais que, tendo eu esses desejos, aqui os saciaria? Neste... sujo barraco?!

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Por isso estranho e me espanto...?

PETRONILHA

*(Rindo, com simpatia cúmplice.)* Igual estais ao que antes éreis... em vosso espírito, claro! Antes de se acoutar no ninho, há-de o pássaro à roda dele voar, próximo, mais cerca, mais... *(Olhar rápido para trás, para o Embuçado.)* Vim ao que pensais, Senhor Cavaleiro. E do mando de quem pensais.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Vénia de despedida.)* Mon Dieu, que vous êtes charmante! Beijo-vos as mãos...

PETRONILHA

*(Correspondendo.)* Dios mio, que gracioso, que guapo! *(Beija sonoramente as próprias mãos:)* Vossos beijos aceito e guardo, Senhor Cavaleiro...

*(O Cavaleiro de Oliveira volta a sentar-se. Luz no palco: Os comediantes de António José da Silva representam o «Anfitrião»:)*

JÚPITER

*(Recitando.)*

«Sabei que Jove sou omnipotente  
que, abrasado de amor da bela Alcmena,  
vendo ser impossível o alcançá-la,  
tomei de Anfitrião a forma humana,  
com a qual disfarçado entre vós outros,  
este dia passei; e, pois Alcmena  
como humana não pode  
resistir a um divino impulso ardente,  
ficará perdoada, sem que tenha  
ofensa nisso Anfitrião valente,

pois desse passatempo que aqui tive  
Hércules nascerá, a cujo esforço  
rendido cederá todo o Universo,  
pagando nesta forma  
este engano de amor, esta violência,  
em dar-lhe tão divina descendência.»

ALCMENA, ANFITRIÃO, SARAMAGO

«Que assombro! Que admiração!»

ANFITRIÃO

*(Ridículo, como marido enganado.)* «Oh, mil vezes feliz eu, que tive a fortuna de que o mesmo Júpiter quisesse divinizar o meu venturoso tálamo.»

ALCMENA

«Passei de um instante do maior mal ao maior bem! Esposo Anfitrião, dá-me os parabéns de tanta felicidade.»

ANFITRIÃO

«Sejam recíprocos, querida Alcmena; que, quando as tuas ofensas para mim são glórias, que fará quando me não ofendes?»

SARAMAGO

*(Criado de Anfitrião; «gracioso».)* «Eu sempre ouvi dizer que o Senhor Júpiter era um *fero tonante*»...

*(O Actor-Saramago marca bem, nesta fala, a intenção do Judeu: «fero tunante», por «fero tonante». Gargalhada uníssona do público. A Petronilha ferve de indignação que não domina. De súbito, o Embuçado, até aqui oculto nas sombras, levanta-se*

*rápido, destreça a capa e vem à frente do camarote: É El-Rei D. João V. Está irado e fuzila os comediantes com o olhar. Todos, Actores, Público e o Cavaleiro de Oliveira, soltam um «oh!» de surpresa receosa. A Petronilha, insofrida, pega no leque e arremessa-o para o palco, acertando na cabeça de Saramago. Pára a representação. Silêncio geral expectante. No palco, ao fundo, aparece António José da Silva: Vem nervoso, assustado; quer certamente desculpar-se, e à sua companhia, perante o Rei; dois passos para a frente; pára, indeciso; mais uns passos; inclina-se em vénia profunda, virado para o camarote real; logo imitado pelos Actores e Actrizes; Saramago, a tremer de medo, curva-se mais que os companheiros, desequilibra-se e cai grotescamente de traseiro no chão: fica paralisado, os olhos fixos no Rei, a expressão duma criança assustada e quase a chorar. É nesta altura que D. João V, desfeita a ira inicial e logo superada pelo senso de humor que tinha altamente desenvolvido, rebenta numa sonora gargalhada, incontida, explosiva. Logo o público o imita. António José e os seus comediantes, num suspiro de alívio, as cabeças sempre vergadas na vénia temerosa, esboçam um sorriso tacteante. El-Rei, generoso, aplaude com palmas. Todos o imitam. Gritos jubilosos de «Judeu! Judeu! Judeu!». Escuro total. Luz apenas sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Respira fundo, desoprimido; contente.)* Tal como acabastes de ver, assim El-Rei é: De pronto alteroso, logo a brandura lhe sucede; de muito e fantasioso capricho, mas de nenhum rancor; nunca abaixo da cobertura descendo, o gosto tem todavia bem rendilhado; absoluto por natureza e mandato, mas nunca mais que magnânimo...! Assim é Sua Majestade. Um homem como outro qualquer; não na condição, mas nos humores *normais*... Jesus, o medo, e entranhado incómodo que sempre me fazem os *singulares*... aqueles homens de mando ou da política governança que como intocáveis se colocam, em todo o carnal comércio sepa-

rados da grei, em desejo algum pecando, em verdade alguma errando...! Não. El-Rei é um simples homem. Talvez um pobre homem, talvez... Mas um homem *humano*, com mil diabos!!...

*(Vindo do palco, ainda completamente às escuras, ouve-se um grito rasgado, aflito: Voz de Lourença. O Cavaleiro de Oliveira logo se cala, atento. Luz no palco: Em casa de António José da Silva. O Judeu, no meio da cena, imobilizado em expectativa ansiosa, está voltado para a porta da rua. Lourença em 1.º plano, possessa do terror, toda dobrada sobre si mesma. Leonor, que está de novo grávida, abraça freneticamente a filha. Pancadas fortes na porta, vindas da rua.)*

VOZ DO FAMILIAR DA SANTA INQUISIÇÃO

*(Na rua.)* «Da parte da Santa Inquisição!»

*(António José avança uns passos para a porta. Novo grito desgarrado de Lourença. O Judeu queda-se e olha a mãe, com imensa piedade. Mais pancadas na porta. António José decide-se e vai abrir. Entra o Estudante Pálido, agora como fidalgo Familiar do Santo Ofício. À porta, ficam dois Homens da guarda.)*

ESTUDANTE PÁLIDO-FAMILIAR

*(Pálido sempre, o mesmo sorriso sem lábios, mais gelados os olhos viperinos; após silêncio cruel em que observa António José apavorado.)* António José da Silva? *(Lendo no mandato:)* Advogado... de trinta e três anos...?

ANTÓNIO JOSÉ

Esse sou...

ESTUDANTE PÁLIDO-FAMILIAR

Acompanhai-me. Da parte da Santa Inquisição! *(As duas mulheres correm para António José, a ele se abraçando angustiadas.)*

(*Caindo de joelhos, aos pés do Estudante Pálido-Familiar.*)  
Deixai-o, por amor de Deus! Porque... porque o prendem?! Ele não fez mal... não fez!... (*Choro convulsivo. Sorrindo sempre, imperturbável, o Estudante Pálido-Familiar olha-a fixamente.*)

ANTÓNIO JOSÉ

(*Vence o terror; com autoridade dolorosa e digna.*) Levanta-te, Leonor! (*Com força, olhos nos olhos do Estudante Pálido:*) Eu não sou que consinta e sofra ver a minha mulher de tal jeito, ajoelhada aos pés deste Senhor... Familiar do Santo Ofício! (*Leonor, penosamente, levanta-se. Aproximando-se de Lourença, com imensa ternura:*) Não deixe que ora vergue a sua tão provada coragem, minha mãe: Neste, como em outros passados tranSES, por igual cruéis e injustos, a vitória será convosco. Não queira privar-me agora do seu animoso arrimo, minha mãe...!? Em vós habita o espírito das mulheres fortes da Escritura: Com ele vos conheci, amei e sempre respeitei. Com ele permaneceréis até ao derradeiro momento. A vossa bênção me dareis, e forte hei-de eu ser também... (*Beija a mão de Lourença que, sacrificada, o abençoa em silêncio de lágrimas. Redobra o choro de Leonor. António José vai junto da mulher; olhos nos olhos:*) Confia, espera... luta! Leonor...?! (*Beija-lhe os olhos.*) Juntos, os três, em breve seremos... (*Toma a filha ao colo; quase se descontrola; beija a criança com fervor:*) Os quatro, minha filha! Juntos, em curto tempo, de novo estaremos... e tudo isto havemos de esquecer (*Logo hirto, para o Estudante Pálido-Familiar:*) As ordens de Vossa Senhoria. (*Sai, precedido pelo Familiar, seguido entre os dois homens da guarda.*)

LOURENÇA

(*Correndo à porta, num grito visceral.*) António!?!  
(*Leonor, desesperada, soluça. Escuro total no palco. Luz, sobre o Cavaleiro de Oliveira.*)

Pobre António José! Esta prisão, esperava-a eu, dia após dia. Só me espanta tê-la o Santo Ofício guardado por tanto tempo... Logo umas horas depois, Leonor foi, ela também!, detida, para tal tendo a Santa Inquisição estabelecido mandato ao Familiar Conde de Atouguia. Passados que foram poucos dias, também Lourença Coutinho é levada para os cárceres do Santo Ofício: Com mais de sessenta anos feitos — desfeitos, por tantos padecimentos e vexames, melhor me fora dizer! — Lourença vai sofrer, pela terceira vez!, os horrores da masmorra e do processo inquisitorial. Se acrescentarmos, a tanta desdita, a gravidez de Leonor, que prenhe está novamente e de mui avançado tempo... então avaliar talvez possamos a quanto monta a desgraça que, sobre esta sofrida família, num instante caiu. Assim vão as cousas em Portugal, no tempo em que, vivendo-as, delas dou testemunho indignado:

«A medo vivo, a medo escrevo e falo,  
hei medo do que falo só comigo;  
mas inda a medo cuido, a medo calo.»

Reconheceis estes versos? António Ferreira os gerou; mas assiná-los podia o Judeu, e com ele muitos mais. Onde a dignidade natural e sobrenatural à pessoa humana devida? Pensar que cada homem, o mais mísero e vil, foi, desde toda a Eternidade, por Deus Criador pensado e amado como se ele tão-só, e nenhum outro mais, neste mundo habitasse!... Onde a liberdade que, para cada ser humano, interna parcela é no plano divino da criação?! (*Numa muito triste ironia:*) «A medo vivo, a medo escrevo e falo»...: Letra por letra, rasgar eu queria estes terríveis versos: Para que em nenhum outro tempo, neste infeliz reino de Portugal, nem um só coração neles torne a achar eco e companhia! E vós outros, portugueses ilustrados e livres, que todos o sereis nesse formoso século xx, se acaso os lerdos —

por curiosidade estudiosa, que não por apelo dorido do sentir e da consciência violentados! —, haveis de nos pensar e lamentar.

...«hei medo do que falo só comigo;  
mas inda a medo cuido, a medo calo»...

«Metem cada um dos presos em um tenebroso cárcere, aonde permanecem muitos meses sem serem interrogados, e espera-se que eles próprios declarem os motivos da sua prisão e que sejam de si mesmos acusadores, porque nunca os confrontam com as testemunhas. Desde logo todos os parentes do criminoso se vestem de luto, e falam dele como de um homem morto: não se atrevem a solicitar perdão, nem mesmo a aproximarem-se do cárcere, tanto temem de ser suspeitos e envolvidos na mesma desgraça; chegando até a refugiarem-se em países estrangeiros, porque cada qual teme ser tomado como cúmplice.»

Destarte usa o Santo Ofício com os detidos, e assim usará com o Judeu, com a sua infeliz mulher e com a martirizada mãe... *(No correr desta descrição, gradualmente, vai-se iluminando o palco: Sobre a rampa do fundo, dois cárceres inquisitoriais; um de homens, na parte mais alta, e dentro dele, por detrás das grades, António José da Silva; o outro, de mulheres, está armado na zona de menor declive, e nele estão presas Lourença e Leonor.)* «A escuridão é quase completa, durante o dia; e os desgraçados presos suspiram pela noite, para se poderem confortar com uma lamparina de azeite.» Cada uma destas celas, mais não é que um buraco imundo, de três metros por dois e meio, aonde chegam a juntar quatro, cinco, ou até mais suspeitos. Pobre, desgraçado António José da Silva!... *(Luz, de por menor e em profundidade, tornando mais visível aos espectadores o tugúrio do Judeu: António José, em camisa, está de pé, com as mãos ambas enclavinhadas na grade fronteira; à sua volta, rastejando pelo chão, mal se adivinham as formas*

*humanas e miseráveis dos outros presos. Começa a ouvir-se, inalterável de ritmo, desesperante, o som amplificado dum relógio que marca o tempo.)* Em princípio, segundo o inquisitorial regulamento, cada preso é um possível denunciante dos outros: Daqui o porem os inquisidores especial cuidado na escolha dos detidos que juntos irão ocupar a mesma cela. De acordo com esta odiosa prática, dado foi a António José da Silva, como companheiro de cárcere, um tal Bento Pereira, soldado dos Dragões de Beja, a quem o Santo Ofício prometeu haver-se com misericórdia mui especial, em o castigo das suas culpas, caso as denúncias, que do Judeu viesse a fazer, de boa substância e muita conclusão fossem... *(Erguendo-se do chão da enxovia até ficar de joelhos, encostado à grade, surge Bento Pereira: Face boçal, expressão de malévola curiosidade, os olhos sempre fixos em António José.)* Tidas em muito apreço, nunca pelos inquisidores desprezadas, são ainda as denúncias que dos presos possam fazer guardas, e outros espíões, os quais, para darem cumprimento à sua vil missão, usam de frestas, para tal abertas nas paredes e no tecto das celas, em sítios dos presos insuspeitados. *(Ao fundo da cela, junto do tecto, surge a cabeça vigilante do Estudante Pálido.)* A incomunicabilidade dos presos completa é, e mui rigorosa; confessor, missa e sacramentos, até estes lhes são recusados, salvo em artigo de morte. *(O tiquetaque do relógio aumenta de intensidade, torna-se obsidiana-te: António José, agarrado à grade, contorce-se de desespero impotente. Deixa de se ver, na fresta, o rosto do Estudante Pálido.)* Pobre António José! Em voltas e revoltas, busca-lhe o pensar qual a causa de sua prisão, sem que todavia entendê-la possa...?! Inda se o peso dos ferros injustos a ele só carregasse! Mas o Judeu, com experimentada ciência, por demais conhecia o costumeiro proceder do Santo Ofício: Calcular ele qual o destino da mulher e da mãe... por mil, cada um dos seus tormentos multiplicava!... *(A luz mostra-nos agora, com mais detalhe, a cela das mulheres: Ambas de face castigada, Leonor está en-*

costada à grade, terrivelmente inquieta e atenta a todos os ruídos, em sobressalto de pavor constante; Lourença, em plano um pouco mais recuado, readquiriu a sua mística e dolorosa serenidade: por momentos e repetidamente, os seus olhos fixam-se em Leonor com profunda piedade. Aumenta a ressonância implacável do relógio. António José, abana violento a grade, num uivo soluçado.) Sem sombra de dúvida que, e desde há basto tempo, o Santo Tribunal trazia esta infeliz família coberta com a sombra das suas geladas asas; mas... mesmo assim sucedendo, denúncia por certo terá havido. De quem?... Sabido é que o Santo Ofício, na sua nefanda jurisdição, aceita como boa toda e qualquer denúncia, venha ela embora dum escravo, dum mulher de má vida, ou dum infamado... testemunhos estes que até mesmo os tribunais do século, como duvidosos ou impróprios, recusam. De resto, «se o caso for de qualidade que pareça que convém ao serviço de Deus e bem da fé», aceites são mesmo as denúncias por carta anónima!... Para derradeira cobertura desta horrível construção, onde nem porta nem janela pensado foi de abrir, resta-me dizer, fiel sempre ao regimento do Santo Ofício, que nunca, em caso algum, revelados poderão ser os nomes dos denunciantes!... Cingido nas malhas desta cerrada teia, tecida sobre calafrios, segredos e abismos, debate-se e asfixia o nosso António José da Silva: Quem haverá valimento e coragem para, acudindo-lhe, dela o tirar? Inditoso Judeu, meu inocente amigo!... Enquanto esta afronta, que tirana violência é, sobre ele e seus familiares se desencadeia, no Teatro do Bairro Alto, no seu teatro, representa-se em cada noute, com nunca desmentido sucesso, a última das suas óperas: o «Precipício de Faetonte». Rindo, e pela gargalhada desafivelando os cintos todos do medo e da opressão, em cada noute o público ignaro eleger, clama e reclama o seu Poeta!... (Ouve-se, em sonoplastia, o público jubiloso do Teatro do Bairro Alto gritando: «Judeu! Judeu! Judeu!»...) Tempo de treva. Noute escura e gélida, à qual o Santo Ofício cei-

fa, pertinaz, as sementes todas da madrugada. Para António José, cada hora... (recomeça o tiquetaque do relógio) cada minuto, uma chicotada de ferro há-de ser; uma ruga, jamais desfeita, cada segundo destes que ora sofre, em seu rosto marcará. (O tiquetaque do relógio aumenta de intensidade e eco, como um poço de angústia onde tudo e todos se afundam. Uns momentos assim. Logo por diante das celas, corre uma cortina que se estende a toda a largura do palco. Tem pintado, com cores próprias, o escudo da Santa Inquisição; sendo transparente, esta cortina permitirá que os espectadores continuem a ver, com a conveniente nebulosidade, os presos por detrás das grades, nos seus cárceres. Luz na metade anterior do palco, à frente da cortina: O 2.º Inquisidor, assistido pelo 1.º Inquisidor, interroga a Escrava Negra. Estão os três sentados à volta dum mesa austera, inquisitorial: O 1.º Inquisidor ao centro da mesa, de perfil para os espectadores; a Escrava Negra do outro lado, em frente dele; o 1.º Inquisidor no topo, de face para o público. Presente ainda um Escrivão: sentado a uma pequena mesa, isolada e lateral.)

## 2.º INQUISIDOR

(Para a Escrava.) Muito bom conselho tomaste, ao vires aqui confessar as culpas de teu amo... o advogado António José da Silva. Conveniente é que as tragas todas à memória, e que declares ao Santo Tribunal a verdade inteira delas. Deste jeito, salvarás a tua alma, e livre serás da pena de excomunhão maior que o Santo Ofício reserva para todos quantos, havendo conhecimento de vizinhos, amigos, patrões ou familiares praticarem actos suspeitos de heresia, não correm a denunciá-los, sem medo, egoísmo, ou quaisquer outros considerandos. Bom conselho tomaste, pois.

ESCRAVA NEGRA

*(Que não compreendeu nada; siderada pelo lugar, pessoas e aparato.)* Sim, meu Senhor...

2.º INQUISIDOR

Cuida então de estares atenta, para aqui dizeres com toda a miudeza...

1.º INQUISIDOR

*(Frio e duro; interrompendo.)* A verdade. Tão-só a verdade.

2.º INQUISIDOR

*(Olha rápido e hostil para o 1.º Inquisidor. Continua como se não tivesse havido interrupção.)*... com toda a miudeza, quanto eu te perguntar. Os teus amos folgavam ao sábado? Escusavam-se em dar seguimento, neste dia, a qualquer trabalho, mesmo que preciso?

ESCRAVA NEGRA

A senhora Lourença, sim. Cerrava-se no quarto a ler, e nada de mãos queria fazer: Nem bordava, nem cozia as comedorias...

2.º INQUISIDOR

E as roupas? Era ao sábado que eles vestiam as menos usadas, as mais preciosas? Cuida de bem responder!

ESCRAVA NEGRA

A senhora Lourença, sim...

2.º INQUISIDOR

Lembrada estás de ver comer a teus amos cousas como carne de porco, lebre ou coelho, peixe do que não tem escamas...? Pensa; quero que me digas tudo, e com mui rigor e acerto...

1.º INQUISIDOR

*(Cortante, para a Escrava.)* Apenas a verdade. Olha que, se mentes, tem por certo que este Tribunal o há-de descobrir. *(Pausa; ameaçador:)* Castigada, e bem castigada, então serias.

ESCRAVA NEGRA

*(Com redobrado terror; olhando ora para um, ora para o outro.)* Sim... Sim, meus Senhores...?!)

2.º INQUISIDOR

*(Feroz.)* Responde!

ESCRAVA NEGRA

*(Obnubilada pelo susto.)* Não... Sim... Jesus, Jesus!... *(Chora.)*

2.º INQUISIDOR

*(Logo brando.)* Nada arreceies. Este Santo Tribunal nenhum reparo tem contra a tua pessoa; antes satisfeito e mui contente está contigo. Trata portanto de não desmereceres da confiança que em tua consciência e fidelidade pomos; cuida de *tudo*, ainda que cousa miúda te pareça, aqui trazes à memória.

ESCRAVA NEGRA

Isso sim, que tudo hei-de contar...

2.º INQUISIDOR

Comiam, ou não comiam, teus amos daqueles mantimentos sobre que foste perguntada?

ESCRAVA NEGRA

Minha ama Lourença sempre essas cousas rejeitou e mui brava se punha em cada vez que aos outros as via comer...

2.º INQUISIDOR

*(Vitorioso.)* Certa estás de quanto afirmas?

ESCRAVA NEGRA

Pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo! A senhora Lourença nunca dessas comedorias cozinhou...

1.º INQUISIDOR

*(Ataca, rápido; violência contida.)* A senhora Lourença, não comia. E o filho?

ESCRAVA NEGRA

O menino Antoninho...?

2.º INQUISIDOR

Esse.

ESCRAVA NEGRA

O menino não... Sim, porque...

1.º INQUISIDOR

*(Frio, duro.)* Sim, ou não?

ESCRAVA NEGRA

*(Intimidada.)* Também não... porque...

2.º INQUISIDOR

*(Olhos nos olhos do 1.º Inquisidor.)* Não. António José da Silva, em companhia de sua mãe, neste como em outros preceitos, cumprimento deu aos mandatos da heresia judaica.

1.º INQUISIDOR

*(Com doçura.)* Em casa de teus amos, era a ti que cabia o mister de cozinhar?

ESCRAVA NEGRA

Não, Senhor. Minha ama Lourença era quem, todos os dias menos ao sábado, cozia e refogava... A mim, tão-só me deixava as frituras no azeite...

1.º INQUISIDOR

E a mulher do teu amo António José da Silva? Nem a ela, a senhora Lourença Coutinho dava o comando na cozinha?

ESCRAVA NEGRA

*(Sombras odientas nos olhos.)* Não, Senhor. A menina Leonor é mui mansa e remansosa em todo o trabalho: Tirante os cuidados da filha, o seu gosto é ficar no assento ou na cama, de perna alongada, sem nada bulir, tão-só mandando os servos... que para isso ela é soberba e assanhada!...

1.º INQUISIDOR

Dize-me ainda: O filho, o... menino Antoninho, sempre almoçava, jantava e ceava em casa da mãe?

ESCRAVA NEGRA

(*Com vivacidade.*) Certo que não! As mais das vezes, não comia em casa da senhora Lourença...!

2.º INQUISIDOR

Mas em essas vezes que lá ia, alguma daquelas rações o viste comer? Porco, peixe sem escama, lebre...? (*Num berro súbito:*) Pronto e com muito acerto, quero que me respondas!!

ESCRAVA NEGRA

(*Quase a chorar.*) Não, meu Senhor... nunca tais cousas ao menino vi comer, porque...

2.º INQUISIDOR

A herética abstenção cumpria pois; tal sua mãe e sua mulher. Bastante me é saber o que ora me dizes.

1.º INQUISIDOR

(*Amável sempre.*) E porque achas, em tua ideia, que o menino Antoninho não comia esses alimentos?

ESCRAVA NEGRA

Não sei...?

1.º INQUISIDOR

Não gostava dessas carnes? Ou, delas gostando, as não comia por não querer usá-las?

ESCRAVA NEGRA

Não sei...? Mas... o menino, lá na casa da minha ama Lourença, servir-se havia do que a mãe lhe dava: Como, doutro jeito?!...

1.º INQUISIDOR

(*Fixando o 2.º Inquisidor.*) Do teu aviso eu sou também: Como, doutro jeito?! (*Discreto sorriso irónico.*)

2.º INQUISIDOR

(*Turvo.*) Quando morreu o teu velho amo, o marido de Lourença Coutinho, alembrada estás de ver que alguém lhe botasse entre os dentes, ou na cova da língua, cousas como aljôfar, ou dinheiros em ouro, ou moedas de prata?...

ESCRAVA NEGRA

(*Choramando.*) Ai, o meu rico amo! Um santo era, feito tão-só de bons modos e melhores actos, em toda a sua vida! Levando-o Deus, órfã de pai me deixou neste mundo...! Nada, que mui diferente dele é este, o filho, o menino Antoninho! E então a outra, a nora...! (*O rosto logo incendiado pela cólera:*) Cortada de patas e orelhas, cosida de olhos e boca, minada de bichos, fervida de pestes... ela seja!!

2.º INQUISIDOR

(*Impaciente.*) Prata, ouro ou aljôfar, viste na boca de teu amo, ele morto no caixão?

ESCRAVA NEGRA

(*Choro infantil.*) Saiba Vossa Reverendíssima que não: Nada pude ver! Três dias e três noites, todas seguidas e sem parança, eu chorei, quando falecido foi meu amo e senhor... De tantas e tão fundas lágrimas verter, meus olhos toda a luz perderam: Passado um mês sobre o enterro daquele santinho, inda cega eu estava!... (*Assoa-se.*) Que memórias hei-de ter de meu amo morto, se perdida então tinha a vista dos olhos ambos?! Finados que foram dous meses, só então, voltei ao que antes era...

1.º INQUISIDOR

(*Brando sempre; irónico.*) Com efeito: Se cega então estavas, como havias de ver?! (*Perspicaz, debruçando-se.*) Muito e pouco justiceiro castigo hás-de ter sofrido a essa... (*lendo nos papéis de auto:*) Leonor, a mulher do António José!... Visto que com tão grande desamor a tratas, em teu coração...?

ESCRAVA NEGRA

(*Vingativa, expandindo-se.*) Bateu-me! Alma de serpente, coração de tigre...! Bateu-me... com um chicote...! Boca de hiena, leoa ruim!... Um chicote... grosso como três dedos ajuntados!... (*Gesto com os dedos.*) Inda as vergas aqui tenho, todas em ferida...! (*Levanta a saia, para mostrar uma das pernas.*)

2.º INQUISIDOR

(*Duro.*) Baixa! (*A Escrava, logo intimidada, deixa cair a saia.*) Tenho bastante. De muita erva e pouco grão, é o teu falar. Queda e mui secreta, saindo daqui, hás-de ser. Vai-te, pois.

1.º INQUISIDOR

(*Manso sempre.*) Espera ainda. (*A Escrava que, descontrolada, ia levantar-se, senta-se de novo.*) Dize: Porque tua ama

Leonor te bateu, foi que tu aqui vieste fazer denúncia? Vingança bem tirada e mui segura, deste modo acharias...?!

ESCRAVA NEGRA

(*Choro agudo.*) Essa foi das que crucificou Nosso Senhor! Ruim mulher é, e castigo há-de ter!...

1.º INQUISIDOR

(*Ambíguo; com uma tristeza dorida, desencantada.*) Vingada talvez sejas, mulher.

ESCRAVA NEGRA

Ela jura que eu lhe roubei dinheiro!... (*Assomo de fúria:*) Mente, mente!! Com quantos dentes tem na boca peçonhenta, ela morde na verdade! Não roubei, meu Senhor, não roubei! Olhos de víbora, poço de fel, matadora de Nosso Senhor...!

2.º INQUISIDOR

Sai agora. O Santo Tribunal está...

1.º INQUISIDOR

(*Cortando.*) Espera. E quem te mandou que ao Santo Ofício viesses?

ESCRAVA NEGRA

Um bom, um abençoado Senhor que na rua me achou, fugida e mui dolorosa das chicotadas: Logo com pomadas de botica me cobriu, e com mui doces palavras me consolou... Um santo Senhor...

1.º INQUISIDOR

(Sombrio, ameaçador.) Dá-me o nome dele?

ESCRAVA NEGRA

(Com medo.) Não sei... não disse...? Familiar contou ser... vosso... da sagrada e santíssima e... Santa Inquisição...!? Bem parecido ele é, de doce fala e rico trajar... Ah, mui precioso em tudo, todo de respeito ornado...! E a cara? De anjo que não de criatura humana, ela parece e é! Mui mimoso e pálido de pele, o nariz com...

1.º INQUISIDOR

(Olhos de aço, lábios apertados.) Sair podes agora. Mas inda não para a rua. Aqui ficarás presa, até que a mesa do Santo Ofício o contrário decida. (A Escrava Negra está siderada de terror espantado. De quando em quando emitindo uma espécie de guincho estertoral, deixa-se conduzir passivamente pelo Escrivão que, durante todo o anterior interrogatório, sempre as falas duns e outros foi escrevendo. Saem a Escrava Negra e o Escrivão. Escuro nesta zona do palco: Visíveis apenas as silhuetas dos dois Inquisidores; em silêncio ambos, imóveis. Mais luz na rampa do fundo, de modo que, por transparência sempre, os cárceres e os seus presos poderão ser vistos com mais nitidez pelos espectadores: Como uma criança martirizada e cheia de pavor, António José da Silva surge-nos vencido, abandonado da desesperada energia com que até agora, e desde que foi preso, o vimos reagir. Recomeça o tiquetaque do relógio, cada vez mais intenso. Na cela das mulheres, Leonor, amparada solícita e pateticamente por Lourença, está sentada no chão, ansiosa e dorida, a fronte suando de angústia, as mãos trémulas apertando o ventre pejado. Contorcendo-se no solo, Leonor solta um de-

sentranhado grito de dor. Outro logo depois; outro ainda. Como uivos rasgados de animal, estes gritos vão-se repetindo, sempre mais próximos, ampliados pelo eco e misturando-se com o bater implacável do relógio: Traumatizada pela prisão, Leonor entra em trabalho de parto prematuro. Lourença mostra-se terrivelmente aflita. Desperto da sua letargia pelos gritos da mulher, António José volta à fúria impotente: Atira-se de encontro à grade com todo o corpo, abana-a violentamente com as mãos, tenta forçá-la. Na fresta cimeira, aparece a cabeça do Estudante Pálido. Gradualmente, baixa a luz na zona das celas; também os ruídos vários vão diminuindo de intensidade. Silêncio. Luz, outra vez, no sector anterior do palco: Os dois Inquisidores conservam os respectivos lugares e posturas; o Escrivão reocupou o seu; substituindo a Escrava Negra, vemos agora o soldado-presos Bento Pereira.)

2.º INQUISIDOR

(Lendo nas folhas do processo.) Bento Pereira... soldado no regimento dos Dragões de Bejá... Preso nos cárceres do Santo Ofício, por suspeita de... (Levanta os olhos do processo, fixando-os intensamente nos de Bento Pereira. Pausa.) Conhece as culpas por que acusado e preso foi? (Bento Pereira, tosco e venal, animalesco, faz que sim com a cabeça.) Bígamo. Passados que foram sete meses sobre a sua prisão, provadas e comprovadas estão já estas culpas, por muitas e várias testemunhas, todas elas de muito respeito e aceitação pela parte do Santo Tribunal. Bígamo. (Silêncio feroz. Bento Pereira tem agora a cabeça baixa, as mãos em contínuo e desritmado movimento, os beiços entreabertos deixando sair, de quando em quando, uma espécie de grunhidos roucos.) Este crime, que mortal pecado o é também, costuma o Santo Ofício castigá-lo, em os casos de ser o réu pessoa plebeia, com açoutes nas ruas públicas, seguidos lo-

go de degredo nas galés... por espaço de cinco a sete anos. (*Bento Pereira, apavorado, levanta a cabeça.*) Usando de mui rara e imerecida misericórdia para com o preso Bento Pereira, tem-no o Santo Ofício aqui chamado, não na qualidade de réu, mas como testemunha co-justiceira e co-salvadora, no combate contra os inimigos da Fé, o qual, sendo em particular da Santa Inquisição, de todos em geral, porfiado e tenaz, houvera igualmente de ser: Por estas boas razões, e outras que à testemunha não podem ser reveladas, lhe rogamos que aqui prontamente confesse quanto viu e ouviu do preso António José da Silva, durante o tempo que ambos os dous partilharam em uma mesma cela. Isto fará, com o maior escrúpulo e miudeza, para descargo de sua consciência e seu bom despacho. (*Bento Pereira, ávido e simiesco, acena afirmativamente com a cabeça.*) Notou que o já declarado António José da Silva, preso em o seu cárcere, uma ou mais vezes desdenhasse as rações de comer que, com muita caridade e nenhuma justiça, a Santa Inquisição providencia lhe sejam dadas? Viu que jejuasse?

BENTO PEREIRA

(*Logo e repetidamente, faz que sim com a cabeça; sôfrego, agarrando-se à tábua de salvação própria.*) Saiba Vossa Reverendíssima que sim senhor! Uma e bastas vezes vi que não comeu. Limpas de toda a cor, mais brancas que a cal das paredes, mostrava então as feições da cara. Mas não cuide Vossa Reverendíssima que, isto fazendo, se achasse doente: Antes mui bem disposto, sem dores, nem febres...! Sim, senhor.

2.º INQUISIDOR

E carne? Viu que se negasse a comê-la, das vezes em que ela ia no jantar, ou na ceia?

232

BENTO PEREIRA

(*Coçando a grenha hirsuta.*) Carne?! Sim, senhor... Não, não, senhor; não comia. (*Abrindo-se num sorriso alarve.*) Carne? Durante a minha prisão, só nove ou dez vezes a vi...!? Carne? Não, senhor, ele não lhe botava o dente: Quem a comeu sempre fui eu; a minha, mais a dele...!

2.º INQUISIDOR

Viu que António José da Silva rezasse as contas?

BENTO PEREIRA

As contas?... (*Tira, em movimentos felinos, as contas dum bolso; mostrando-as ostensivamente.*) As contas? Saiba Vossa Reverendíssima que não rezava. E muita surriada sempre fazia de mim, em todas as vezes que eu as passava... Que sempre as rezo, todos os dias, sem faltar nenhum!... Em uma ocasião vi-o cuspir no São Pedro, o das barbas que hemos lá no cárcere...! Vi, sim senhor! E mui danado e feio de ranho tinha então o focinho... Vi eu!...

1.º INQUISIDOR

(*Gelado.*) Viu?

BENTO PEREIRA

Pela Anunciação de Maria, Virgem e Mãe! Vi; vi e vi!

2.º INQUISIDOR

(*Satisfeito.*) Mostras de sincero arrependimento, entendemos ter dado o preso Bento Pereira, com o ajudar o Santo Tribunal na luta contra a herética pravidade e apostasia: Com muita mi-

233

sericórdia pois se haverá com ele a Mesa do Santo Ofício, em o julgamento de suas culpas. Para o completo descanso de sua consciência, ainda obrigado em seu íntimo deve sentir-se a denunciar aqui, com toda a miudeza e sem nenhum esquecer, os nomes de quantas pessoas ouviu a António José da Silva falar com estima ou devoção.

BENTO PEREIRA

*(Quer, neste assunto também, corresponder ao desejo do 2.º Inquisidor. A ferver, procura nomes mas... não os encontra.)* Nomes?... Pois ouvi nomear... Sim, senhor. Quais os nomes...? Sim, senhor: Os amigos do herege...!? Pois, não senhor: Que eu ouvisse, nunca nenhum nome alumiou...?

2.º INQUISIDOR

Nem mesmo sua mãe, Lourença Coutinho?

BENTO PEREIRA

Saiba Vossa Reverendíssima que sim. A mãe, sim.

2.º INQUISIDOR

E a mulher?

BENTO PEREIRA

Pois também a mulher, em muitas ocasiões, nomear lhe ouvi. Sim, senhor, a mulher!

1.º INQUISIDOR

*(Rígido, com náusea.)* Levai o preso.

*(Obscuridade completa, em todo o palco. De súbito, ouve-se um grito rouco e visceral, dilacerado: Solta-o Leonor, na sua cela. Silêncio breve. Então, crescendo no negrume e ecoando em toda a prisão, começa a escutar-se o choro estridente dum recém-nascido: Os espectadores devem senti-lo como algo de terrível, lúgubre e ameaçador; feroz sempre. Silêncio. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVÁLEIRO DE OLIVEIRA

*(Ainda voltado para o lugar do palco — a cela de mulheres — donde se ouviu o choro do recém-nascido; ironia apiedada.)* Os olhos vorazes da Vida, espreitando por entre os cabelos gélidos da Morte... Pobre António José! Testemunhas acusatórias como aquela apoucada Escrava Negra, ou aquele infame soldado, como elas rigorosas em suas consciências e honradas em seus propósitos, testemunhas assim por igual validas da justiça, é que ajuntaram as achas para a fogueira que ao Judeu havia de queimar!... *(Indignado:)* Levar ao queimadeiro um desgraçado, tão-só por «testemunhas singulares sem o necessário concurso das três identidades jurídicas do facto, do lugar e do tempo»!... «Cristo não mandou que se matasse ninguém por delito de religião, nem durante séculos os concílios e os Papas mandaram tal cousa. Isto é uma invenção do fanatismo dos séculos bárbaros e uma imitação de Mafamede que depois adoptaram os Portugueses e os Espanhóis nas quatro partes do mundo, matando cruel e injustamente milhões de homens com o pretexto de os quererem fazer cristãos, mas na verdade para lhes rapinar os tesouros e os reinos. Estas não são cousas que se devam permitir num século iluminado!» Pobre, infeliz, inocente António José! Quem valer lhe poderá, em negócio que à sua mesma vida importa, estando as cousas assim, de tão negra e feia catadura?! El-Rei, o próprio, neste jeito foi perguntado e mui repetidamente instado: Senão para o libertar, ao menos para lhe garantir a vida!? Certo é que não há

recurso legal para a Coroa, e Sua Majestade, em comércio de religião, desmerecer não quer dos seus bem-amados títulos de... «Fidelíssimo» e «Cristianíssimo»! Só quando, por deliberação, engano ou má sorte, lhe pisam os calos próprios do orgulho e da vaidade pundonorosa, então sim!, capaz... — e foi!... — de ao mundo inteiro guerrear, e dentro deste mundo ao mesmo Vaticano, o Papa incluído! Isto chegou a fazer, com corte aberto de relações e todo o espectáculo a que este corte sempre conduz e obriga. António José da Silva? Injusto serei talvez, mas... não creio que o negócio da sua vida ou morte mereça, da real magnanimidade, mais que mansas e prudentes palavras de intercessão rogada... Eu não sou que duvide da protectora simpatia com que sempre Sua Majestade cobriu os artistas e homens de luzes deste reino, ainda que mais ou menos chamuscados, de fama ou de proveito, pelas heréticas pravidades, mas... Inda se fosse o Pagheti das óperas que, no Teatro da Trindade, se cantam para a corte! Agora o Judeu, o das fantochadas, o das óperas de bonecos...! O do Teatro do Bairro Alto, aonde, gargalhando, se rebola a arraia-miúda de Lisboa, piolhosa e fedorenta de cheiros...! Injusto serei, mas não creio que a salvação de António José da Silva seja negócio de valimento tanto que, por sua causa, El-Rei, descompondo-se, descomponha e peleje os do Santo Ofício!... Injusto serei, mas destarte presumo e penso. (*Silêncio arranhado.*) E daí, quem sabe? El-Rei, às vezes, é tão... tão imprevisível! Tão generoso, tão magnânimo! Sim, quem sabe?!...

(*Obscuridade para o Cavaleiro de Oliveira. Luz sobre os cárceres do Santo Ofício: António José da Silva, com a cabeça repousando sobre a grade, e um braço dela saindo inerte; sempre vigilante; Bento Pereira, sentado no chão, não despega os olhos do Judeu. Na fresta, e durante segundos, surge a face sibilina do Estudante Pálido. Na cela das mulheres, estão abraçadas Leonor — com o recém-nascido ao colo — e Lourença;*

*maceradas, exaustas. Começa a ouvir-se o tiquetaque do relógio que vai crescendo de ressonância, até ao clímax obsessivo. Silêncio. Luz no sector dianteiro do palco, agora separado da rampa — das duas celas, portanto — por uma nova cortina. Esta será a reprodução dum quadro da época — talvez um Watteau — testemunhal da vida galante da corte.*

*El-Rei D. João V, solenemente sentado em um trono de três degraus, está a despacho. Com ele, o escrivão da puridade, Alexandre de Gusmão; presente também o actual secretário de estado, Cardeal da Mota.)*

ALEXANDRE DE GUSMÃO

Passo a ler, para Vossa Majestade, o despacho redigido a Sua Excelência, o governador de Angola: (*Logo interessado, o Rei põe de parte uns papéis sobre os quais, molemente, passeava os olhos; expressão viva e sarcástica, sorriso fresco e mordente. Alexandre de Gusmão lê:*) «El-Rei Nosso Senhor está cabalmente informado de que V. Ex.<sup>a</sup> governa esse reino à maneira dos paxás da Turquia»... (*o Rei interrompe com uma irreprimível gargalhada; logo o Cardeal da Mota afivela um sorriso mal talhado; Alexandre de Gusmão fino, cortante*)... «à maneira dos paxás da Turquia, cujos procedimentos são contrários às graças do provimento do governo que foi feito a V. Ex.<sup>a</sup> sem proceder donativo; pelo que é Sua Majestade servido ordenar a V. Ex.<sup>a</sup> faça justiça, favoreça o comércio, respeite a religião e procure favorecer os interesses dos povos sem prejuízo dos do Estado; abstendo-se daqui por diante de todos os procedimentos e acções que possam conduzir queixas ao trono. Deus guarde V. Ex.<sup>a</sup>»

REI

Com muito acerto e bem apontada intenção, encontro que este despacho redigistes, Senhor Escrivão da Pureza. Em tudo conforme ao meu desejo. «À maneira dos paxás da Turquia»...! (*Gargalhada.*) Oh, muito, muitíssimo certo! Não sois do meu aviso, vós também, Senhor Cardeal da Mota?

CARDEAL DA MOTA

(*Pastoso, como sempre.*) Se a Vossa Majestade ele parece tão dentro dos vossos reais desejos, quem sou eu para...?

ALEXANDRE DE GUSMÃO

(*Interrompe, entre irónico e agressivo.*) Vossa Eminência é o secretário de estado. Por morte — nunca demais chorada! — do Senhor D. Diogo de Mendonça, que Deus guarde. Razão pela qual será justo de Vossa Eminência esperar, em estes negócios de estado, algum parecer... ainda que ele doa à vossa por demais provada humildade.

CARDEAL DA MOTA

(*Sorriso azedo.*) Pois que vos direi? Que sim; que sim senhor. Tão-só futurar me permito — cousas destas, vós o sabeis, sempre em meu coração acham contradita... — que Sua Excelência o governador de Angola por certo molestado vai ficar, quando esse despacho receber...!?

ALEXANDRE DE GUSMÃO

(*Agressivo.*) Pois bom será que se moleste, Eminência, e que de lê-lo tire alguma lição: Bom será que, doravante, com o molestar-se ele, moleste um pouco menos os pobres indígenas... confiados por El-Rei à sua guarda *paternal*. Errado ando, Senhor Cardeal, ao pensar terem os pretos de Angola um corpo mortal, com

necessidades primárias em tudo iguais às do Senhor Governador, descontando muito embora os suplementos de mantimentos, os quais de vidos são à gloriosa obesidade de Sua Excelência, e as galas de roupagem e adereço que os privilégios da governança naturalmente obrigam? Enganado estou, Senhor Cardeal, ao pensar terem os indígenas de Angola uma *aima imortal* que, tanto como a de Sua Excelência o Governador, carece de, com a maior instância e apostólico zelo, ser guiada para o Celestial Paraíso, sua e nossa Pátria derradeira? Iludido andarei, Eminência, ao julgar que esta Celestial Pátria, tão-só com as diferenças que a santidade provada neste mundo merece e justifica, por ele, por mim, por Sua Majestade, pelo Senhor Governador de Angola e também por vós, Senhor Cardeal, em igualdade será partilhada, sem que n'ela intercedam e valham as mundanais diferenças de condição que ora aqui nos distinguem e separam?! (*Fixando os olhos incandescentes no rosto rubicundo do Cardeal da Mota:*) Nem Vossa Eminência imagina o quanto me aprazaria poder, de viva voz, demonstrar ao Senhor Governador de Angola que o reino, cuja governança Sua Majestade lhe entregou, algo mais é que um talho onde os indígenas façam de passivas reses, tendo, como préstimo único, o de espertar e saciar o voraz apetite de Sua Excelência!!... (*O Rei, divertido, goza a cena. O Cardeal da Mota, apoplético, vai replicar: um espirro apocalíptico corta-lhe o ímpeto, deixando-o todo ranhoso, impróprio de se ver. Ágil e sempre bom esgrimista da ironia, Alexandre de Gusmão tira rápido um lenço da algibeira, logo o oferecendo ao Cardeal, tão-só com a ponta dos dedos, dele desviando, com cómica afecção, o rosto nauseado. Aflito, o Cardeal da Mota aceita o lenço, com ele se assoando ruidosamente. Com um fino sorriso, Alexandre de Gusmão finaliza o incidente, mudando de assunto; dirigindo-se ao Rei:*) Lembro a Vossa Majestade que o Reverendo Padre, Inquisidor-Geral, aguarda audiência régia há, pelo menos, meia hora...?!

REI

Ide então buscá-lo, que o Reverendo Padre é de humor difícil e eu tenho algo a pedir-lhe. (*Alexandre de Gusmão sai, com vénia.*) Mais atenção haveis de dar ao vosso catarral, Eminência: Pior vos sinto mês a mês, mais batido de tosses e molhado de ranhos... (*O Cardeal da Mota, ainda zangado, esboça contrafeito um sorriso, tentando erguer o enorme traseiro para uma vénia.*) Ainda arrenegado com o meu escrivão da puridade? (*O Cardeal esboça uma negativa.*) Eu sei... sei que Vossa Eminência o aprecia de somenos, sei que o tem como «estrangeirado» e o suspeito de herético... (*Nova negativa, hipócrita, do Cardeal.*) Sei que, em seu íntimo, me critica tê-lo eu tomado ao meu serviço. (*Negativa, mais espectacular, do cardeal.*) Sei tudo isto, mas... a verdade é que estimo em Alexandre de Gusmão o homem de muito saber, altíssimo entendimento e raro brilho na apresentação. Olhai Senhor Cardeal, que estes atributos do meu escrivão da puridade verdadeiros e válidos são, nem só neste reino, mas em toda e qualquer corte da Europa! Não crê Vossa Eminência que ao Reino precisos são também servidores desta qualidade? Converta-o, Eminência, faça com ele um santo: E todos, então, alegres seremos. (*Reaparece Alexandre de Gusmão: Dá passagem ao Inquisidor-Mor, seguido logo pelos 1.º e 2.º Inquisidores. Levantam-se o Rei e o Cardeal da Mota, aos quais o Geral da Inquisição beija, respectivamente, a mão e o anel. Os 1.º e 2.º Inquisidores cumprimentam à distância, com vénias de curvaturas apropriadas. Ao sinal do Rei, o Inquisidor-Mor senta-se. O 1.º e o 2.º Inquisidores vão colocar-se de pé, atrás do Geral. Alexandre de Gusmão, também de pé, fica ao lado do Cardeal da Mota, agora de novo sentado.*)

REI

(*Para o Inquisidor-Mor.*) Pedi-lhe, Reverendo Padre, a mercê de aqui vir em audiência, porque na minha mesa, correndo os dias,

se ajuntaram algumas pendências as quais, respeitando por igual ao Trono e ao Santo Tribunal da Inquisição, por nós ambos devem ser despachadas. (*Alexandre de Gusmão passa ao Rei uma pasta com documentos, outro tanto fazendo o 2.º Inquisidor ao Geral.*) Primeiramente, é meu desejo dar, sem mais intervalos, seguimento de forma e facto ao que de Nós intenta e roga o Santo Tribunal da Inquisição: A vosso contento pois tudo se fará, sendo-vos prestes oferecido quanto necessitais, parte em dinheiro do tesouro público, e parte pelo usufruto de algumas rendas eclesiásticas, todas elas já assinaladas. (*Pausa durante a qual observa, manhoso, a reacção do Inquisidor-Mor. Este, todavia, mantém-se inalterável de rosto, sempre nobre e frio; limita-se a agradecer ao Rei, com uma leve vénia.*) Mais negócios... (*folheia os papéis*) urgentes alguns, outros tão-só importantes, quero e devo pôr ao vosso alto discernimento, pois o seu bom sucesso conveniente será para o serviço de Deus e da Fé, como para a prosperidade do Trono. Mas antes de isto fazer queria, com muita instância e filial devoção, dar conhecimento a Vossa Reverendíssima do grande interesse e cuidado de afecto que, ao Rei, merece o caso em que suspeito está António José da Silva, advogado nesta cidade de Lisboa, e autor de teatros de muita aceitação e luzimento...

INQUISIDOR-MOR

(*Impassível sempre, gelado.*) Pode Vossa Majestade descansar em seu coração e cuidado, pois o Santo Tribunal da Inquisição usará com esse réu, em o seu julgamento, da mesma misericórdia e caridade que, com todos os culpados em geral, sempre usar costuma.

REI

Correndo embora o perigo de vos importunar, torno a lembrar-vos que o acusado, com o ser advogado de muita procura,

é também autor de óperas que têm vindo a público no Teatro do Bairro Alto, sempre com muito entusiasmo e aplauso de quantos lá as vão ver...!

INQUISIDOR-MOR

E com não menor escândalo e agravo daqueles poucos que inda sofrem, em seus corações e consciências, ver o como, nesses palcos públicos, a Igreja e o Trono são escarnecidos e desrespeitados. Informes busquei e achei, eu também, seguros e considerados, Majestade...

REI

*(A dominar-se com dificuldade.)* Acontece ainda, Reverendo Padre, estar o Rei desta Nação convencido, em consciência e entendimento, ser da sua obrigação proteger e guardar, com particular cuidado, aqueles raros dos seus súbditos que do comum vulgo se distinguem, pelo engenho e arte com que foi Deus servido dotá-los.

INQUISIDOR-MOR

*(Apenas mais agudo o brilho negro dos olhos.)* Acontece, Majestade, que o Inquisidor-Mor do Santo Tribunal da Inquisição, com o ser mui indigno e desvalido das naturais luzes e forças, um merecimento todavia sempre em sua fraqueza buscou fortalecer: Falo-vos, Real Senhor, da fidelidade. Fidelidade ao mandato que, por mercê gratuita de Jesus Cristo, a vontade de Deus me outorgou: Enquanto a morte completo repouso me não der, até ao final momento da minha vida, pode Vossa Majestade certo estar que não trairei as graças recebidas, que não hei-de esmorecer nesta sagrada e mais que outra justa causa de separar o trigo do joio, de combater sem trégua nem brandura os inimigos da Fé, onde quer que eles se encontrem, quaisquer que sejam a nobreza dos sangues ou a iluminação das mentes! Este mandato

recebi de Deus Nosso Senhor: Fiel lhe serei. Na agonia do Divino Crucificado, acharei as forças que idade e moléstias porfiam a roubar-me. Neste terreal exílio, eu estou tão-só com uma missão: Preparar a vinda do Reino de Deus. Isto farei, por cima da minha indignidade, e contra todas as cobardias, as imundícies, as grandezas e os privilégios do mundo! Perdoai-me se neste jeito vos falo, Real Senhor, que menos respeito me não move; antes a simpleza humilde da verdade. Acreditai-me, Senhor, por amor de Deus. *(Baixa a cabeça, em leve e digna vénia: Sincero, torturado.)*

REI

*(Impressionado, vacilando.)* Como não, Reverendo Padre, como não?!... Mui por riba de toda a querela, vosso apostólico zelo alcançou posição venerada. Convosco estou; não o duvideis. A minha seara outra não é que a vossa. De Cristianíssimo e Fidelíssimo, me apelidam Roma, mais as cortes todas da Europa. E, vós o sabeis, algo tenho feito para merecer que estes títulos, em a sua espontaneidade, hajam nascido: Obra do meu poder e querença é o Convento de Mafra; a nossa Sé Patriarcal condição cardinalícia já hoje tem; a todos os mosteiros e igrejas deste Reino eu enriqueci e enfeitei; as hierarquias eclesiásticas emparelhadas agora estão com as das mais altas nobrezas...!? *(Um tanto ridículo, na sua magoada defesa.)*

INQUISIDOR-MOR

*(Que ouviu o Rei sempre de cabeça baixa.)* Tudo quanto ouvi nomear, e mais ainda, fez Vossa Majestade. Tal a intenção que, fazendo-o, pôs em os vossos reais coração e consciência... tal a recompensa que, neste e no outro mundo, Deus Nosso Senhor vos dará. Permiti todavia, Majestade, que um pobre servidor do vosso Reino, um velho tonto que nada de mundanal já deseje e

precisa, mui respeitosamente vos alembre algo, que julga do seu dever e condição alembrear-vos: Para a divina economia, negócio de maior monta é a salvação dum alma, tão-só dum única alma!, que as obras que fizestes e nomeastes, ajuntadas todas elas e acrescentadas ainda de mais esplendor! Permiti, Senhor, que um velho sacerdote vos rediga o que, em outros lugares e de muito mais ricas e santas bocas, bastas vezes tereis ouvido: Para o Homem, qualquer que ele seja, para mim, para Vossa Majestade... uma cousa só conta e pesa nesta vida: *(Silêncio; ferocidade gelada:)* A morte. A morte e a salvação eterna da alma; ou a sua eterna condenação. Diante de Deus, Majestade, todos nos apresentaremos nus. *Todos.* Sem quaisquer adornos ou grandezas: *Nus.*

REI

*(Assustado, perdido o real domínio, levanta-se; nervoso, olha para Alexandre de Gusmão como que a pedir-lhe auxílio: Logo o Inquisidor-Mor e o Cardeal da Mota se erguem também.)* Certo estais que...? Provada foi já a heresia desse... do António José da Silva? Mister haveis de, relaxando-o em carne, o passardes para o braço secular?... Assim sendo...

INQUISIDOR-MOR

Certo estou tão-só que o Santo Tribunal da Inquisição o julgará por suas culpas, com aquela justiça, de misericórdia temperada, que espírito e letra é em o seu regimento. Mais certo ainda estou, Majestade, que quanto com esse suspeito da herética pravidade o Santo Ofício faça, feito será por amor da sua alma, e para a salvação eterna da mesma alma. Ainda que, aos olhos do século, o inquisitorial processo arditoso, ou injusto, parecer possa. Isto sei eu; e tão-só disto estou certo, Majestade.

*(Escuro total no palco. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira.)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Que Portugal seja um relógio, em muitos anos atrasado da hora que segue a Europa civilizada... já Vossas Senhorias o sabem e já eu vo-lo disse, logo no começo desta mais triste que alegre narrativa: Quando toda a Europa esquecendo vai já o repugnante pesadelo dos autos-de-fé, quando mesmo a vizinha Espanha cuida de os espaçar e esconder... Portugal lança-os aos olhos horrorizados do mundo como se gloriosa bandeira eles fossem, a si próprio se cognominando de Reino Paladino e Salvador da Cristandade! O mundo encolhe os ombros e ri; ou tapa os olhos e foge. Mas eu não fujo, nem rio: *Protesto!!!* Porque à Inquisição se deve o empobrecimento do Reino; porque, para substituir, o Santo Ofício inventa judeus como outros fabricam moeda...! *Protesto*, e sempre protestarei, enquanto a voz me não fugir ou o nefando Tribunal da Inquisição persistir em os seus crimes! Nele e por causa dele, sofre tormentos sem conto António José da Silva, o Judeu. *Inocente.* *Protesto!* *E sofro.* Deus meu, sofro, sofro muito...!

*(Escuro na zona do Cavaleiro de Oliveira. Luz no palco, agora inteiramente revestido de cortinas negras. Desapareceu a rampa. Ao fundo central, ocupando quase toda a altura visível de cena, um grande Cristo Crucificado: terrível, agónico. António José da Silva vai ser submetido a tormento com tratos de polé. Sentados a uma grande mesa, estão o Geral da Inquisição, o 1.º e o 2.º Inquisidores: O Mor ao centro, ladeado pelo 1.º Inquisidor à sua direita e pelo 2.º Inquisidor à esquerda. Esta mesa ocupará no palco uma situação lateral-oblíqua de modo que os Inquisidores possam seguir o tormento do Judeu, sendo ao mesmo tempo vistos pelos espectadores. No lado oposto, fica a mesa do Notário que, minuciosamente, irá anotando tudo quanto se disser ou acontecer. Ao fundo central, o Carrasco aguarda. De pé, em mangas de camisa, António José da Silva defronta os Inquisidores.)*

INQUISIDOR-MOR

Pelo lugar em que está e instrumentos que aqui vê, o réu pode entender qual a diligência que, com ele réu, está mandado fazer; pelo que, para a poder escusar, mais uma vez admoestamos com muita caridade, da parte de Nosso Senhor Jesus Cristo, queira confessar suas culpas, para com isso alcançar a misericórdia que nesta Mesa se dá aos bons e verdadeiros confitentes. (*António José baixa a cabeça, em silêncio.*)

2.º INQUISIDOR

Para descargo de sua consciência e salvação da sua alma, mais uma vez lhe perguntamos: Conhece, ou suspeita, a causa por que foi preso e trazido aos cárceres do Santo Ofício?

ANTÓNIO JOSÉ

(*Levanta a cabeça e olha firmemente o 2.º Inquisidor nos olhos.*) Essa causa, desconheço-a. Mas suspeito ter ela raiz em algum falso testemunho, contra mim alevantado por pessoa inimiga.

2.º INQUISIDOR

As culpas por que está preso e levado será a auto público de fé, todas elas conhecidas são já deste Santo Tribunal. Cui-de pois de as trazer à memória e de contritamente as confessar.

ANTÓNIO JOSÉ

Pois hei-de confessar culpas que me não carregam, nem a memória, nem a consciência?! Quais sejam essas culpas, eu não sei.

2.º INQUISIDOR

As confissões dos culpados são o único meio pelo qual podem merecer que com eles se use de misericórdia; e o principal fundamento que tem o Santo Ofício, para proceder contra as pessoas que em essas confissões são denunciadas. Porquanto, ainda uma vez, pelas entranhas benditas de Nosso Senhor Jesus Cristo, rogamos ao réu queira confessar as suas provadas culpas.

ANTÓNIO JOSÉ

(*Ironia desalentada.*) Dizei-me vós primeiro quais as culpas que ao Santo Ofício apazaria ouvir-me confessar...?!

2.º INQUISIDOR

(*Cravando os olhos cruéis nos de António José.*) Tão-só aquelas mesmas que o réu obstinadamente cuida em lhe esconder... Como negativo, relapso e pertinaz, que é!!

ANTÓNIO JOSÉ

(*Que perde o autodomínio, desesperado.*) Nem judeu, nem judaizante eu sou!! Inocente me encontro das culpas de que me acusais! Inocente estou e inocente me afirmarei, até que me matem!!...

2.º INQUISIDOR

(*Violento, tigrino.*) Judeu e judaizante, isso és!! A tua pestilenta boca vomitou, enfim, essas palavras malditas! Judeu e judaizante. E, com o dizê-las, o bafo do Demónio já enche de fedor esta Mesa, esta Casa, Lisboa inteira! Judeu e judaizante!!

INQUISIDOR-MOR

(*Como uma lâmina; febre negra e fria nos olhos.*) Obrigadão se acha o preso a declarar, diante deste Santo Tribunal, o nome,

ou nomes, da pessoa, ou pessoas, de que aprendeu os erros que ora lhe apodrecem a consciência. Quando e aonde foi? Quais as pessoas que lá estavam presentes? Quais as pessoas com quem comunicou professar os mesmos erros...?

ANTÓNIO JOSÉ

Nem judeu, nem judaizante, eu fui ou sou.

*(O Inquisidor-Mor faz sinal ao Carrasco. Este vem ao preso, leva-o ao centro de cena e aí o ata, com uma corda, pelos braços.)*

NOTÁRIO

*(Que se levanta.)* Em nome dos Reverendos Inquisidores que servem à Mesa deste Santo Tribunal, protesto que se o réu no tormento morrer, quebrar algum membro ou perder algum sentido, a culpa será sua, pois voluntariamente se expõe àquele perigo, que pode evitar confessando suas culpas, e não será dos ministros do Santo Ofício que, fazendo justiça segundo os merecimentos de sua causa, o julgam a tormento. *(Senta-se. O Carrasco logo puxa a corda que, prendendo António José pelos braços, passa numa roldana colocada em cima, na teia: O preso é assim içado ficando suspenso no ar.)*

INQUISIDOR-MOR

Da parte de Nosso Senhor, com muita caridade, admoestamos o réu a confessar suas culpas. *(António José, suspenso pelos braços, volta a cabeça cerrando os dentes. Sinal do Inquisidor-Mor: O Carrasco larga a corda e, deste modo, António José despeinha-se no ar em direcção ao pavimento; num golpe súbito, o Carrasco de novo sustém a corda: com o corpo contorcendo-se-lhe todo pela violência do choque e as cordas enterrando-se-lhe nas carnes, o Judeu solta um urro de dor. Pausa nos tratos: Antó-*

*nio José suspenso no ar.)* Uma vez mais, da parte de Nosso Senhor, pelas Suas benditas entranhas inquirimos do réu: Disposto está a confessar as suas culpas, para descargo da sua consciência, salvação da sua alma e para que se ponha em estado de com ele, neste e em maiores transe, o Santo Ofício poder usar de misericórdia? *(António José morde os lábios para não falar. O Geral faz sinal ao Carrasco: Recomeçam os tratos de polé.)*

ANTÓNIO JOSÉ

*(Ao sofrer, pela 2.ª vez, as dores do tremendo esticção, não se domina: cede.)* Confesso!... Por amor de Deus, tirai-me daqui!... Confesso!... Quanto quiserdes, eu confessarei!... Confesso!... Confesso!...

*(Como uma mola, o 1.º Inquisidor levanta-se: Com raiva e náusea, em aberta hostilidade, coloca-se diante do Geral fixando-o intensamente nos olhos, os músculos todos fremindo; surpreendido primeiro, logo o Inquisidor-Mor se recupera, aguentando-lhe firme e rígido o olhar acusador; o 2.º Inquisidor, tenso de cólera, levanta-se. O 1.º Inquisidor, em meia volta súbita e feroz, vira-lhes as costas, logo saindo da sala, em passadas largas e decididas. O Geral, aparentemente impassível, segue-o com os olhos até à porta. Desaparecido o dissidente, o Inquisidor-Mor, com um breve olhar, obriga o 2.º Inquisidor a sentar-se; nada dos seus sentimentos lhe transparece no rosto; retomadas tem a atitude e a concentrada expressão habituais. O 2.º Inquisidor treme de fúria, impossibilitada qualquer exteriorização pela incomunicabilidade glacial do Mor.)*

ANTÓNIO JOSÉ

*(Ainda suspenso.)* Por amor de Deus!... Confesso!... Confesso!...

*(O Inquisidor-Mor dá sinal ao Carrasco. Este faz deslizar a corda: Quando o corpo traumatizado do Judeu chega ao chão, nele tombando dorido e inerte, nesse momento apagam-se de súbito as luzes todas do palco. Obscuridade completa em cena. Luz sobre o Cavaleiro de Oliveira. Durante algum tempo, ampliados pelo eco, ainda se ouvem os gritos rasgados de António José: «Confesso!... Confesso!...»)*

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

*(Entre o desespero, a indignação rebelde e a ironia melancólica.)* Com as carnes laceradas e os ossos desconjuntados, quem resistirá «a confessar os crimes imputados e tantos quantos se queira, dos quais nem ideia sequer lhe passou pelo entendimento?»... Alembra-me o caso que foi daquele fidalgo português o qual, «tendo sido informado que o seu médico particular estava encarcerado sob denúncia de judaísmo, escreveu a um dos inquisidores, pedindo-lhe a soltura do homem com garantir-lhe debaixo de palavra que se tratava de bom cristão. Não acedeu o inquisidor, e levado a tormentos, confessou o preso que era judeu, pelo que foi condenado à perda de bens e desterro. Antes, porém, de partir a cumprir a pena, teve o desgraçado prática com o protector, onde lhe reiterou que era cristão de verdade e que só a poder de tormentos, superiores às suas forças, fizera a confissão falsa de judeu e judaizante. Estimulado, o fidalgo fingiu-se doente e mandou pedir ao inquisidor para o vir visitar. Apareceu este e as primeiras palavras de boa vinda foram que fizesse por escrito declaração de judeu e a assinasse. Como tivesse recusado, deu o fidalgo ordem aos criados para que lhe trouxessem um capacete em brasa, que adrede haviam preparado. Foi quanto bastou; à simples ameaça de suplício, o inquisidor chamou o nobre de parte e de seu próprio punho lavrou e firmou a confissão de judaizante.

— O meu médico — disse-lhe então o dono da casa — confessou pela mesma maneira. Há apenas uma diferença: ele foi sujeito à tortura, enquanto o senhor apenas intimidado!»...

Deste jeito, cuidam de garantir, no reino de Portugal, o regimento dos corpos e a salvação das almas. Por estes meios e instrumentos, sempre pela suave persuasão ditados e na livre consciência de cada um inseridos, é que as forças do Poder seguram e asseguram, com a ordem, a fidelidade dos seus bem-amados súbditos...! Deo grátias! Perguntado, vinte e quatro horas depois de ter sido posto a tormento, «se era verdade o que então dissera, e o afirmava, ratificava e dizia de novo, sem medo, força ou violência alguma», António José da Silva, recusando-se a assinar o rol das suas confissões obrigadas, todas serenamente desdisse e negou. Igualmente submetidas aos tratos de polé, Lourença e Leonor também não resistiram e, de quanto os inquisidores quiseram, elas se acusaram. Tendo Lourença Coutinho implorado que, por piedade pelos seus anos e corporal fraqueza, a poupassem ao tormento de polé, antes a pondo em tratos no potro... respondido lhe foi, *com muita caridade*, que tal cousa não podiam fazer-lhe visto que, sendo ela mulher, «atentar tinham por sua honestidade»... Com tantos males, injustiças e atozes violências, as quais vergando-as quase loucas as deixaram, a sorte má de todo não foi para com as duas mulheres: Aceites como boas confitentes, o Santo Officio, usando de misericórdia, poupou-lhes as vidas. Em um mesmo auto público de fé, o qual oficiado foi na Igreja de São Domingos, os três desgraçados troncos desta infeliz família, como penitentes, obrigados foram a comparecer: Imaginai, se puderdes, qual o suplício de Lourença e o de Leonor, quando ouviram proclamar a sentença que, com relaxarem-no em carne ao ramo secular, condenava à morte, na fogueira, aquele moço de *trinta e quatro anos*, da primeira filho, marido da segunda!...

*(Sinos das igrejas de Lisboa, anunciando o auto público de fé. Num calafrio, logo o Cavaleiro de Oliveira se interrompe. Silêncio angustiado. Indicando com a cabeça os sinos, os lábios amolecendo-se-lhe num desalentado sorriso:)* E assim chegados

somos ao cabo desta narrativa, a qual, entre outras cousas — que principais são e não secundárias! —, é a história duma vida. História verdadeira, em os seus acontecimentos de raiz. Vida que vivida foi por um homem do *meu tempo*, com quem tive e mantive comércio de amizade. *Vida real*, de carne, sangue e alma. Ai, quanto gostaria de ter sido eu a imaginá-la!... (*Começa a ouvir-se, distante, o hino «Exurge Domine...»*) Trinta e quatro anos!... (*Silêncio ferido.*) Pela paradoxal e íntima natureza das cousas deste mundo, todas as violências, as mais negras e injustas, em si mesmas ocultam uma semente clara de justiça: Com o narrar-vos a história desta vida truncada, semear eu queria, em os vossos corações e entendimentos, este grão novo e puro de força, de coragem, de rebeldia; esta semente de justiça, nascida do sangue e das cinzas, do padecimento e do pavor de milhares e milhares de humanas criaturas doentes de injustiça, imoladas — na humilhação, na tortura e na morte mais horrorosa! — ao poder duma minoria possessa das negras forças da violência. (*Pausa. Húmido de ternuras e angústia, profundo, patético mesmo:*) Cerrados uns contra os outros, lutai, combatei com quanto alento tiverdes, para que os atrozes acontecimentos que aqui me ouvistes contar não mais voltem a acontecer neste provado Reino! **NUNCA MAIS.** Olhai que o Santo Tribunal da Inquisição mais não é que o corpo visível, a aparência mortal dum *espírito de trevas*, e que este espírito... vivo por certo persistirá, nesta Nação, muito tempo ainda após a morte do Santo Ofício! Outros corpos mui diversos e numerosos ele há-de no tempo tomar, até... até que de todo se extinga. *Este dia chegará.* De o tempo da luz chegar, certo e seguro eu estou: Como certos estão os meus olhos de os vossos graciosos rostos verem, e seguras estão Vossas Senhorias de a minha devastada face ora mirarem. (*Dolorosamente:*) Quando?... Quando?!... (*Gravemente, tornando-se agudo, objectivo:*) Deixando-vos, entregar-vos quero o sagrado espólio do Judeu. À guarda dos vossos corações e inteligências ele fica-

rá. Da parte de António José da Silva, *agonizante*, mandado sou a dar-vos:

A sua INOCÊNCIA.

A sua JUVENTUDE quebrada.

O MEDO que em todos os actos da sua vida, os mais simples e naturais, misturou cobras vigilantes.

A sua CORAGEM de artista, a fidelidade do seu espírito ao do Teatro, lugar de justiça, banco da verdade, aonde ousou despir de suas opulentas vestes aqueles muitos que, *nada* sendo, com o vesti-las, disfarçados de *tudo* correm a vida e o mundo.

A sua mortal ANGÚSTIA, o suor de aço e sangue que, neste momento, lhe morde a fronte; ali, na Igreja de São Domingos, no templo do *horror*, enquanto esperando está pela sentença que na fogueira o há-de lançar.

ORFANDADE dos seus dois filhos.

A VIUVEZ martirizada da sua jovem mulher.

A MATERNIDADE cuspidada e esventrada, até às fezes e ao fel, da sua velha e santa mãe.

A sua pública e horrorosa AGONIA, amarrado ao poste nefando do braseiro.

(*Silêncio: Digno e doloroso, percorrendo com a vista os espectadores.*) Estas as cousas que vos deixa em testamento António José da Silva, o Judeu... (*Levantando-se. Debruçado para os espectadores, simultaneamente vítima e juiz:*)

QUE IREIS FAZER DELAS?

(*Volta a sentar-se. Mais audível o hino da Santa Inquisição. Profundamente triste, olhando o público com terna simpatia:*) Chegados somos ao fim... (*Evocando, com um sorriso doloroso:*)

António José da Silva, o Judeu!  
O do Teatro do Bairro Alto!  
O que o povo amava!

*(Gravação com os aplausos delirantes do público: Palmas, gargalhadas, gritos de júbilo, chamadas de «Judeu! Judeu! Judeu!...»)*

O das óperas de bonecos!  
O que se riu dos doutores-Padres, dos doutores-Poetas, dos doutores-Médicos... o que se riu do Rei!  
António José da Silva, o Judeu!  
O que o povo amava!

*(Gravação com alarido raivoso do povo, durante a execução de António José da Silva: «Judeu maldito!... Cão tinioso!... Façam a barba ao cão!... Arranquem-lhe a língua!... Furem-lhe os olhos!... Judeu! Judeu! Judeu!...»)*

António José da Silva...  
O Judeu!  
O que o povo odeia!

*(Debruçando-se para o público, os olhos rasos de lágrimas:)*  
Ainda uma cousa mais vos deixa o Judeu; a última, a que mais pesou em seu coração; entre todas, a mais injusta:

O ÓDIO, o ódio do povo que ele tanto amou, e tudo, tudo!, fez para até si trazer.

Este, é o ódio nado no medo, na superstição, na fome... o ódio gerado pelas trevas. *(Quase frágil, bebendo ansiosamente o público com os olhos, implorando:)*

ILUMINAI O POVO!...

*(Levanta-se. Grave, hierático, patético, como quem oferece ao público toda a sua alma:)*

Em nome de António José da Silva agonizante, vos rogo e imploro:

ILUMINAI O POVO DE PORTUGAL!!!

*(O Cavaleiro de Oliveira sai da vista dos espectadores. Luz no palco. Igreja de São Domingos. Cerimónia dum auto-de-fé. Será reconstituído o mesmo dispositivo cénico com que se deu começo a esta narrativa dramática. Idênticas também as marcações para actores e figurantes. Como no quadro inicial, estão presentes o Rei e o Inquisidor-Mor, cada um deles acompanhado da comitiva própria. Sem esquecer as substituições e ausências determinadas pelos acontecimentos narrados, o encenador atenderá, naturalmente, ao espaço de tempo que medeia entre os autos-de-fé que início e fim dão a esta narrativa — treze anos — cuidando da composição das personagens que a um e ao outro assistem. Na companhia do Rei, mantém-se o Cardeal da Mota; mas Diogo de Mendonça está agora substituído por Alexandre de Gusmão. Na comitiva do Inquisidor-Mor, continua o 2.º Inquisidor; mas o 1.º Inquisidor está ausente, ficando vago o seu lugar, pormenor que o encenador cuidará de tornar eloquente e significativo. Os acusados do Santo Ofício, exceptuando Lourença e António José da Silva, são outros agora. Em tudo o mais — vestes dos penitentes, passos do ritual próprio, etc. — serão respeitadas e repetidas as indicações dadas no 1.º Quadro. Quando se ilumina o palco, António José da Silva escuta, de joelhos, a acusação e a sentença final que um Padre Secular proclama no púlpito. Descalço, com uma vela nas mãos atadas por uma corda, o Judeu veste o hábito dos que vão ser relaxados ao braço secular, a fim de serem queimados no Campo da Lã. Um passo atrás de António José, este isolado no meio da cena, estão um Padre Jesuíta e o Familiar do Santo Ofício — neste caso, o Estudante Pálido — aconselhados pelo regimento da Inquisição.)*

PADRE SECULAR

*(Do púlpito; gritando os títulos da acusação, com uma violência seca e concentrada: cada palavra será como um «tiro», separada da seguinte por uma curta e terrível pausa.)*

Herege.  
Apóstata.  
Dogmatista.  
Contumaz.  
Convicto.  
Negativo.  
Relapso.

UMA VOZ DE MULHER

*(Saída da assistência; vibrante, estilhaçada pelo ódio, riscando o silêncio como uma fálscia.) Judeu! Judeu maldito!! Ao queimadeiro, com ele!...*

MUTTAS VOZES DE HOMENS E MULHERES

À fogueira! À fogueira!...

PADRE SECULAR

*(Que impõe e obtém, num gesto, o silêncio do povo. Com uma nitidez granítica, marcando bem as palavras.)* Membro corrupto da Santa Igreja Católica, acordam os inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição, e como tal o condenam às penas que ora anunciar vou:

Excomunhão maior.  
Confisco de todos os bens.  
Excluído da eclesiástica jurisdição.  
**RELAXADO AO BRAÇO SECULAR.**

*(Lourença, deixando cair a vela que segurava nas mãos, solta um grito de horror; destaca-se da fila dos penitentes, avançando uns passos vacilantes na direcção de António José. Logo Leonor a segue. O Familiar-Estudante Pálido detém Lourença, impedindo-a de alcançar o filho. Estas serão as marcações estaticamente fixadas — António José da Silva, ajoelhado, a cabeça pendente no peito, quase sem alento; uns passos atrás, Lourença, sustida pelo Familiar-Estudante Pálido, tem os braços convulsivamente estendidos para o filho; atrás desta, Leonor, também destacada dos mais penitentes, apresenta-se desalentada, os membros sem vida, na face a máscara rígida e desumanizada do pavor — enquanto a luz de cena vai baixando e as invectivas da multidão se tornam mais audíveis, misturando-se com o coral que canta o EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM.*

*À medida que a obscuridade vai tomando o palco, ilumina-se o vitral do fundo: Este deixar-nos-á ver as chamas numa fogueira, cada vez mais altas, até que por inteiro o encham. Atingem o máximo, o canto inquisitorial e o ódio sanguinário do povo.)*

Nesta narrativa dramática aproveitámos, com leves alterações, textos originais de António José da Silva, do Cavaleiro de Oliveira (segundo a tradução de Aquilino Ribeiro), de Luís António Verney, de D. Luís da Cunha, dos Livros Sagrados Judaicos, dos Processos Inquisitoriais, do Regimento do Santo Ofício, de Samuel Usque, do Cardeal Cunha, de Ribeiro Sanches, de António Ferreira, de Sebastião de Carvalho e Melo, de Vilhena Barbosa, de António José Saraiva, uma pragmática d'El-Rei D. João V, uma carta de Alexandre de Gusmão, um despacho datado de 1747, e dirigido ao Governador de Angola, etc. Todos estes trechos aparecem assinalados entre « ».